

MARIA CLARA ESTANISLAU DO AMARAL

**PERCEPÇÃO E SIGNIFICADO DA
MENSTRUÇÃO PARA AS MULHERES**

Dissertação de Mestrado

Orientadora: Prof^a Dr^a. Ellen E. Hardy

**Unicamp
2003**

MARIA CLARA ESTANISLAU DO AMARAL

**PERCEPÇÃO E SIGNIFICADO DA
MENSTRUÇÃO PARA AS MULHERES**

**Dissertação de Mestrado apresentada à
Pós-Graduação da Faculdade de Ciências
Médicas da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do Título de
Mestre em Tocoginecologia, área de
Ciências Biomédicas**

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Ellen E. Hardy

**Unicamp
2003**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
UNICAMP**

Am13p Amaral, Maria Clara Estanislau do
 Percepção e significado da menstruação para as
mulheres / Maria Clara Estanislau do Amaral.
Campinas, SP: [s.n.], 2003.

 Orientador : Ellen Elizabeth Hardy
 Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Ciências Médicas.

 1. Anticoncepcionais. 2. Atitudes em relação a
saúde. 3. Menopausa. 4. Interacionismo simbólico.
I. Ellen Elizabeth Hardy. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aluna: MARIA CLARA ESTANISLAU DO AMARAL

Orientador: PROFA DRA. ELLEN E. HARDY

Membros:

1.

2.

3.

**Curso de Pós-Graduação em Tocoginecologia da Faculdade
de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas**

Data: 03/07/2003

Dedico este trabalho...

*Ao meu saudoso pai e ao meu avô Milton,
por encarnarem de forma completa a curiosidade
genuína das crianças pelo mundo e seus mistérios,
como verdadeiros cientistas que foram.*

*À minha avó Rosalia,
que nos contou do seu primeiro sangue quando rachava lenha,
e a resposta evasiva de sua mãe ao seu horror:
“É assim mesmo” – e nada mais.*

*A todas as mulheres que um dia se viram sangrar,
independente da alegria, opróbrio,
alívio ou tristeza que tenham sentido por isto.*

Agradecimentos

Este trabalho tornar-se-ia completamente inviável, não me fossem dadas preciosas contribuições. A todos, agora, manifesto meus mais profundos agradecimentos:

*À **Dra. Ellen Hardy**, orientadora que soube como ninguém combinar exigência, rigor científico, espírito prático e ao mesmo tempo dar-me independência, confiando nas possibilidades e potenciais de sua aluna.*

*Ao **Departamento de Enfermagem da FCM**, nas pessoas de suas chefes **Maria Cecília Cardoso Benatti e Márcia Regina Nosawa** e das coordenadoras do ensino de graduação **Maria Helena Baena de Moraes Lopes e Eliete Maria Silva**, pelo apoio durante estes últimos anos e o interesse em qualificar os enfermeiros envolvidos na formação dos alunos de enfermagem.*

*À **Eliana Hebling**, pela amizade, pelas horas dispendidas em discussões animadas sobre o tema, por compartilhar o entusiasmo pelo assunto, mesclado aos seus profundos conhecimentos em pesquisa qualitativa*

*À **Maria José Duarte Osis**, por ensinar-me o uso do *Ethnograph*, emprestar-me bibliografias indispensáveis, e por honrar-me com seu rigor nas orientações quando da qualificação.*

*À **Silvana Ferreira Bento**, sem cuja ajuda e empenho, no recrutamento e contato com as mulheres, os grupos focais seriam impraticáveis, e como relatora de vários deles, desde o início, acompanhando-me com sua simplicidade e disposição.*

À Graciana Duarte, por ter-me introduzido no mundo fascinante das entrevistas grupais com tanta desenvoltura, e por mostrá-lo no primeiro pré-teste, acompanhando o segundo e dando-me valiosas dicas.

À Ianê Nogueira do Vale, amiga sempre, estimuladora, conselheira e mentora do primeiro grupo focal, incansável em seus saudáveis empurrões que me tiram da inércia que me caracteriza.

À Ana Regina Borges Silva, pelo compartilhar de aspectos qualitativos do meu trabalho e da minha vida.

Ao Prof. Dr. Guilherme Cecatti, pela honra que me prestou na aquisição de conhecimentos relacionados à pesquisa científica levada com seriedade, e pelo olhar cuidadoso sobre o meu trabalho, quando da qualificação.

Ao Cemicamp, por acolher-me de forma tão amiga, tanto na realização dos grupos focais, no empréstimo de gravadores para as transcrições, na disponibilização de um espaço para usar o computador e o Ethnograph.. Pela convivência afável com todos os funcionários, de quem guardo amizade e respeito.

À minha família, principalmente minha irmã Lea Maria, que me possibilitou garantir a infra-estrutura indispensável à minha casa e meus filhos, enquanto esta jornada durou e sempre que foi necessário na minha vida. Ao Ricardo, maior estimulador que conheci das potencialidades acadêmicas e artísticas.

Às mulheres participantes, as quais, sem a generosidade em dividir comigo e com o resto do grupo as coisas íntimas de suas vidas, em toda a sua riqueza, este trabalho não teria sido mais que um vazio teórico.

À FAPESP, pelo auxílio financeiro que possibilitou ressarcir as mulheres participantes e a auxiliar de pesquisa no registro e nas transcrições, e na infra-estrutura material.

À FAEP, que permitiu a aquisição de material imprescindível à elaboração deste estudo.

Sumário

Resumo	xiii
Summary	xv
1. Introdução	17
1.1. Marco Teórico e Conceitual	30
2. Objetivos	33
2.1. Objetivo geral	33
2.2. Objetivos específicos	33
3. Sujeitos e Métodos	35
3.1. Técnica para Coleta de Dados: Grupo Focal	39
3.2. Aspectos Éticos	41
3.3. <i>História Natural da Pesquisa</i>	43
3.4. Trabalho Sobre os Dados	46
3.4.1. A Construção do Significado	47
3.4.2. Apresentação dos Resultados	49
4. Resultados e Discussão	51
4.1. Menarca	51
4.1.1. A Preparação para a Menarca	51
4.1.2. A Primeira Menstruação	53
4.1.3. Pós - Menarca	60
4.2. Regras e Tabus	66
4.3. Significado	74
4.3.1. Saúde	78
4.3.2. “A Marca da Mulher” - Feminilidade	80
4.3.3. Reprodução/ Fertilidade	81
4.3.4. Purificação	82
4.3.5. Os Nomes	84
4.3.6. O Valor da Menstruação	85
4.4. Vida Sexual	92
4.4.1. A Libido Feminina	98
4.4.2. Carinhos, Afagos	101
4.5. Métodos Anticoncepcionais	102
4.5.1. Quantidade de Sangramento	102
4.5.2. Tempo de Sangramento Menstrual	104
4.5.3. Regularidade	105
4.5.4. <i>Spottings</i>	106
4.5.5. Amenorréia	107
4.6. Menopausa	118

5. Conclusões	127
6. Referências Bibliográficas	131
7. Bibliografia de Normatizações.....	137
8. Anexos	139
8.1. Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	139
8.2. Anexo 2 - Folha de Indicação.....	141
8.3. Anexo 3 - Roteiro para Grupo Focal	142
8.4. Anexo 4 - Folha de Rosto.....	145
8.5. Anexo 5 - Check-List para Grupo Focal	147

Resumo

O objetivo do estudo foi investigar a percepção das mulheres acerca da menstruação e sua opinião quanto a mudanças no padrão menstrual decorrentes do uso de contraceptivos. Foi desenvolvido um estudo qualitativo, exploratório e descritivo. As 64 participantes foram recrutadas pelo método “bola de neve” e cumpriram os seguintes critérios: mais de 21 anos de idade; menstruavam; tinham ou já haviam tido relações sexuais; sem problemas de infertilidade. Foram realizados oito grupos focais, com mulheres categorizadas por faixa etária (21 – 34 e 35 ou mais) e escolaridade (até oitava série e segundo grau ou mais). As discussões, seguindo um roteiro semi-estruturado, foram gravadas, com o consentimento das participantes. Após transcrição e revisão do texto, utilizou-se o programa Ethnograph V5.0, para agrupar as categorias. A análise temática de conteúdo, usando o interacionismo simbólico, permitiu identificar a percepção da menstruação e os significados a ela atribuídos pelas mulheres. A menstruação foi associada à saúde, feminilidade, fertilidade e juventude, apesar de ter sido descrita, pela maioria, como desagradável, incômoda e limitadora. A menarca foi retratada como passagem do *status* de criança para mulher e pelo despertar da sexualidade. Os tabus, considerados em extinção, tratavam a mulher menstruada como vulnerável e perigosa ao mesmo

tempo. Houve opiniões opostas quanto às relações sexuais durante a menstruação. Os contraceptivos que diminuem o sangramento, em tempo e quantidade, foram mais aceitos do que os que causam outras alterações. A amenorréia representou uma agressão. A menopausa foi associada à doença e à perda de juventude e fertilidade. Chegou-se à conclusão de que a menstruação foi vista com ambigüidade: um “mal necessário”; ruim, mas parte da natureza da mulher, e sua marca.

Summary

Women's perception of menstruation and their opinion about changes in the menstrual pattern resulting from the use of contraceptive methods were studied. This was a descriptive and exploratory study that used qualitative methods. The data were obtained through eight focus groups. Women were selected following the "snow ball" technique, and complied the following criteria: above 21 years of age; menstruating; having had sexual intercourse; no infertility problems. The 64 women interviewed were divided into four categories according to age (21 – 34 and 35 or more) and level of education (up to eighth grade and high school or more). The discussions were recorded with the participants' authorization. After transcription and revision of the text, categories were grouped using the Ethnograph V5.0 software. The analysis, using symbolic interactionism as the theoretic model, allowed the identification of perceptions and meanings concerning menstruation. Menstruation was associated with health, femininity, fertility and youth although it was described as a nuisance, uncomfortable and embarrassing. Menarche was seen as the mark of the passage from childhood to womanhood, and of the awakening of sexuality. Taboos, considered as in extinction, described menstruating women as vulnerable and dangerous to others at the same time. There were opposite

opinions regarding sexual intercourse during menses. Most women preferred a reduction in length and amount of bleeding as a side effect of contraceptive methods. Nevertheless, amenorrhea was regarded as an aggression to their nature. Menopause was associated to disease and lack of youth and fertility. The author concluded that menstruation was regarded with ambiguity: in spite of its uncomfortable symptoms and limitations, it was perceived as a significant and necessary part of their lives.

1.Introdução

A menstruação está presente durante aproximadamente quatro décadas da vida da mulher, exceto quando grávida ou lactante, e é a sua presença que caracteriza a chamada “vida reprodutiva feminina”. Ela marca a distinção entre os sexos de modo particular, expressando uma natureza diferente, à parte dos atributos físicos, pois é cíclica.

O ciclo menstrual é definido por BANCROFT (1995) como “o testemunho recorrente e intrusivo da feminilidade reprodutiva de uma mulher, a essência do seu estado reprodutivo”. Seguindo o mesmo pensamento, MARTIN (1992) afirma que o sentimento positivo primário que muitas mulheres têm sobre o fenômeno é que “a menstruação as define como mulheres, permitindo-as agir em causa própria, sem o escrutínio dos homens”.

De acordo com KITZINGER (1978), a condição feminina é representada, em muitas culturas, como um paradoxo - um antagonismo entre duas visões distintas. A primeira representa a mulher como objeto erótico, elemento perigoso, passível de desencaminhar os homens na sua busca pelas coisas espirituais e tirar-lhes a força vital. A outra visão de mulher coloca-a como a personificação do amor puro e incondicional, do sacrifício e da caridade. Os dois fenômenos que estão simbolicamente por trás dessas duas visões

antagônicas são respectivamente a menstruação de um lado, e, de outro, a gravidez, a maternidade. Neste sentido, o trabalho de LAWS (1990), que entrevistou e analisou o discurso de vários homens sobre a menstruação, refere o espanto de um dos entrevistados à idéia de que sua mãe menstruava – coisa que nunca lhe tinha ocorrido. Este exemplo ilustra bem como essa dualidade ainda persiste – desde a Antigüidade até os nossos tempos, dentro mesmo da cultura ocidental industrializada.

A menarca, ou o advento da primeira menstruação, é recebida pela menina e vista pela família/comunidade como um marco de passagem da infância para a condição de mulher (CLAPIS, 1996) capaz de gerar filhos, e, portanto, casar-se (MARTIN, 1992). Na Índia, as populações hindu e muçulmana, estudadas por GARG et al. (2001), costumam ainda hoje entregar suas filhas em casamento logo após a menarca. Ao mesmo tempo, a menarca coloca a jovem sob o ponto de vista de objeto erótico, posto que a menstruação é resultado da interação de hormônios responsáveis pelos caracteres sexuais secundários, configurando sua forma exterior de mulher. A partir da menarca, o pai pode decidir que a filha deve, a cada mês, demonstrar à mãe que está menstruada, portanto não grávida (ZEIDENSTEIN e MOORE, 1999). O modo pelo qual a menina é preparada pode exercer impacto sobre sua reação à menarca e a visão de si mesma como mulher (CUMMING et al., 1991).

Em algumas culturas, o sangramento cíclico da mulher é nomeado com a palavra “maldição” (DELANEY et al., 1977). Supõe-se que este termo se relacione ao castigo bíblico imposto a Eva (Gen. 3:16), ou ao conceito de que a mulher é impura durante a menstruação (Lev.15:19-33), ou mesmo fazendo referência aos desconfortos associados à sua presença. A quantidade de nomes e apelidos que a menstruação recebe é extremamente rica e diversa, evidenciando a necessidade de utilizar-se de eufemismos para tratar do assunto. Na leitura e

estudo dos diários de moças na Inglaterra vitoriana não se encontrava nenhuma alusão à menstruação como experiência, porque não havia, no rol de palavras socialmente aceitas, termo adequado para falar do assunto (WALKER, 1997).

MARTIN (1992) estudou a evolução das metáforas usadas na linguagem médica, desde a Antigüidade, para explicar a menstruação e a menopausa no ciclo vital feminino. Essas metáforas espelhavam de maneira inequívoca, segundo a autora, os valores culturais da época em que foram escritas. Na cultura ocidental de hoje, onde prevalecem a visão mecanicista e fragmentada que caracteriza o pensamento cartesiano, a menstruação e a menopausa são representadas, na linguagem dos textos médicos, com termos que lhes atribuem respectivamente o significado implícito de “falha de produção” e de “degeneração senil” (MARTIN, 1992).

Sendo a sua existência tão antiga quanto a própria mulher, não é de se admirar que a menstruação tenha sido objeto de inúmeros significados simbólicos em várias culturas através dos tempos. O assombro do homem primitivo com o funcionamento misterioso do ciclo menstrual feminino – interrompido na gravidez para resultar no aparecimento de um novo ser – trouxe profundas marcas na imaginação humana. O medo do sangue menstrual explicaria os rituais e tabus que estão associados à menstruação e à fecundidade humana, relacionando a mulher às forças incompreensíveis da natureza (CAMPBELL, 2000). Até o século XVIII, o corpo da mulher era visto como cenário onde se embatiam Deus e o Diabo, em que o sangue menstrual era venenoso e tinha poderes mágicos; em que a mulher era vista como vítima de maus eflúvios e, ao mesmo tempo, detentora de poderes misteriosos (DEL PRIORE, 1997).

A palavra “tabu” vem de *tupua*, palavra polinésia para menstruação (DELANEY et al., 1977) e significa proibição. Desobedecer a um tabu traz, “como resultado automático,

alterações e conseqüências terríveis para quem o negligenciou ou desprezou e para aqueles à sua volta, por parte das forças espirituais ou dos deuses” (KITZINGER, 1978). Assim, a mulher menstruada, em várias culturas, é proibida de participar dos rituais religiosos, comer certos alimentos, prepará-los, ficando em isolamento. E embora os tabus menstruais sejam bem conhecidos, através de estudos etnográficos, BANCROFT(1995), levanta a questão de, se esses mesmos tabus seriam tão prevaletentes se as mulheres nas sociedades antigas menstruassem com a freqüência e regularidade com que o fazem hoje.

Não obstante, as mulheres ainda os seguem, em maior ou menor grau, dependendo da cultura e da sociedade em que vivem. Na Índia rural, as mulheres menstruadas ainda não preparam comida para a família; as que vivem em favelas, na região urbana, só o fazem porque não mais dispõem do suporte social da família extensa. Não obstante, a mulher indiana menstruada não se engaja em intercurso sexual e abstém-se de determinados alimentos (GARG et al., 2001).

No Ocidente, a informação sutil, veiculada pelos meios de comunicação e propagandas de vários tipos de absorvente, onde o sangue é sempre azul, mostra que, apesar do relativo progresso na abordagem pública da menstruação, pode-se observar que os mesmos antigos tabus ainda persistem, embora “escamoteados” (BANCROFT, 1995).

O aumento da expectativa de vida, associado à menarca precoce, à gravidez tardia e à redução do número de filhos, são fatores que nos levam a afirmar que a mulher menstrua hoje com freqüência e regularidade muito maiores que há 100 anos - estima-se em mais de 400 episódios na sua vida reprodutiva (BANCROFT, 1995; COUTINHO, 1996; WALKER, 1997). Este aumento na incidência de ciclos, além de estar significativamente

associado ao maior risco para câncer de mama (HARDY et al., 1993), pode ter outras repercussões: na vida feminina, de maneira mais genérica, e na própria valorização do evento menstrual – fatores cujo grau ou caráter precisa ser melhor investigado.

O fenômeno da menstruação, como sinal inequívoco da condição de ser mulher, tem sido objeto de estudos em vários campos do conhecimento humano: as ciências biológicas, a antropologia, a psicologia, o feminismo. Em cada um dos prismas pelos quais é vista, a menstruação é descrita e assume diferentes conotações e significados.

No campo da ciência biomédica, a menstruação é tomada como evento fisiológico resultante de complexas interações hormonais, com repercussões anátomo-histológicas e sintomas associados. A menstruação é definida como a eliminação de sangue e tecido superficial do endométrio em necrose após prévia involução, conseqüente da queda dos níveis de estrogênios e progesterona no final do ciclo ovariano (GUYTON, 1984).

Nos aspectos antropológico e histórico, estudam-se a representação social e o significado simbólico da menstruação em várias culturas. Os rituais e restrições que lhe estão associados aparecem com grande similaridade em culturas tão afastadas em geografia, como em tempo histórico. Observa-se a menstruação relacionada aos mitos da criação, aos ciclos da lua e das estações na natureza, à eterna renovação do universo. A interpretação dada ao menstruar, como um momento especial, diferente dos demais dias do mês, pode explicar as regras impostas à mulher menstruada em muitas culturas.

A abordagem feminista atribui aos mitos e tabus relacionados à menstruação a confirmação de que a mulher é sujeita à repressão masculina e à discriminação de gênero. Quando reflete sobre a gênese dos tabus que envolvem a menstruação, considera-os

propositadamente criados pelo homem para salientar o fato de que a mulher é inferior e deve, portanto, ser separada do seu meio social durante o período em que menstrua. Ainda hoje, a “etiqueta” que permeia a menstruação – o não falar a respeito, mantê-la em segredo, os próprios absorventes empacotados individualmente – traduz, de certa forma, a idéia subjacente da menstruação como algo impuro e repulsivo, o que reflete as relações de poder entre os gêneros (LAWS, 1990). Em forma mais categórica, outra autora afirma que o sangramento da mulher é “revestido de vergonha, como sinal de sua impureza ontológica radical”, construída historicamente pelo gênero masculino, demonstrando assim “o medo, inveja e ódio dos homens” pelas mulheres (DALY, 1978). A menstruação assume, na ótica feminista, um caráter político, na medida em que serviria como pretexto para fomentar a luta pelos direitos da mulher na sociedade.

No campo da psicologia, a menstruação foi estudada com o fim de explicar a razão da universal aversão dos homens pelo sangue, especialmente o menstrual, dando origem a várias teorias psicológicas, chamadas genericamente de psicogênicas. Alguns autores propõem que a origem do temor masculino ao sangue menstrual está associada à punição pelo incesto, que forma o complexo de ansiedade da castração, e que as sociedades onde esta ansiedade se manifesta em maior grau são as que apresentam os tabus de maneira mais severa. Os tabus têm, assim, a função de atuar como um mecanismo de defesa psicológico que protegeria os homens contra o perigo que as mulheres representam (SNOWDEN e CHRISTIAN, 1983). O campo da psicologia também tem estudado a alteração de aspectos cognitivos e comportamentais da mulher durante o ciclo menstrual. Estas abordagens nas pesquisas psicológicas têm sido duramente criticadas por alguns autores, que as vêem como reafirmações de pressupostos que encaram a mulher sob o ponto de vista de seus problemas (NICOLSON, 1995; WALKER, 1997).

O que o estudo multicêntrico da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre menstruação enfatiza, é que ela não pode ser vista como apenas um processo fisiológico, uma vez que está fortemente ligada a variáveis psicológicas, sociais e culturais. “A interação entre essas variáveis determina o modo como a menstruação é percebida, e como são vivenciadas sua sintomatologia e possíveis alterações comportamentais durante o período”. Esta percepção é altamente pessoal para a mulher como indivíduo, a despeito da generalização cultural à qual ela pertence. Cada mulher, ainda que sujeita aos mesmos preceitos sociais, vivencia a menstruação a partir de duas percepções distintas: enquanto pessoa em sua experiência real (definida pela quantidade, frequência e duração do fluxo), e enquanto membro da sociedade que à menstruação atribui certos significados próprios. “A interação entre essas duas percepções irá afetar as atitudes da mulher e a descrição do evento” (SNOWDEN e CHRISTIAN, 1983). Na mesma direção de pensamento, MARTIN (1992) considera que as mulheres constroem o significado da menstruação em termos do leque de oportunidades que lhes são abertas, e suas expectativas sobre como farão uso dessas oportunidades (como a gravidez).

Na vida sexual, o conceito de impureza da mulher menstruada, trazido desde o Velho Testamento – ou mesmo antes dele – pode repercutir no fato de que a maioria dos casais, mesmo nos tempos atuais e na civilização ocidental urbana, abstenha-se de ter relações sexuais neste período (BARNHART et al., 1995).

Quando se aborda a anticoncepção, observa-se a idéia prevalecente de que a responsabilidade sobre as questões reprodutivas (gerar ou evitar filhos) cabe unicamente às mulheres. Este conceito implícito determina, desta forma, que os esforços de investigação nesta área passem a ser dirigidos em grau muito maior à mulher, “deixando de lado a participação do varão no processo reprodutivo” (VIVEROS et al., 1998).

A rápida evolução observada nas tecnologias de regulação da fertilidade não impediu que grande parte dos métodos contraceptivos ocasione mudanças no padrão menstrual. Essas mudanças, muitas vezes, determinam o grau de aceitação de um método pelas mulheres que dele farão uso (SNOWDEN e CHRISTIAN, 1983; GOLD e COUPEY, 1998). A maioria dos métodos hormonais de regulação da fertilidade altera a menstruação, considerando-se principalmente a quantidade de fluxo e a sua duração. MILMAN et al. (1998), observaram que as mulheres usuárias de métodos hormonais tinham menstruações mais breves e de menor intensidade do que as que usavam dispositivos intra-uterinos (DIU) não hormonais ou outros métodos contraceptivos. Os contraceptivos orais diminuem o tempo e a quantidade de sangramento, comparados à menstruação de mulheres “não tratadas e saudáveis” (BELSEY e PINOL, 1997). A nova dosagem baixa de estrógenos, presente em alguns contraceptivos orais, não tem potência suficiente para permitir o crescimento do endométrio em algumas mulheres. O efeito progestágeno domina em tal grau que se produz como resultado um endométrio raso e atrófico, carecendo de tecido suficiente para resultar em sangramento após a interrupção do contraceptivo. Embora este efeito seja totalmente reversível se o método for descontinuado, a amenorréia produzida pela pílula, ainda que de baixa incidência (menos de 1%), pode ser fonte de grande ansiedade para a cliente e médico, por estar associada à possibilidade de gravidez (SPEROFF et al., 1983).

Alguns métodos hormonais interrompem a menstruação por vários meses (como a medroxiprogesterona injetável) ou induzem à amenorréia secundária – como exemplos o Norplant (cápsula de progestágeno implantável) e o DIU com levonorgestrel. Essas alterações menstruais são muitas vezes causa de descontinuação do método contraceptivo escolhido pela mulher (SNOWDEN e CHRISTIAN, 1983; STUBBLEFIELD, 1994; PAUL et al., 1997;

GOLD e COUPEY, 1998; FRASER et al., 2000). A alteração menstrual menos aceita é provavelmente a amenorréia. Algumas mulheres podem não se reconciliar com a ausência de menstruação, o que seria uma indicação para tentar outras alternativas contraceptivas (SPEROFF et al., 1983). Em outros casos, contudo, a amenorréia passa a ser a principal razão pela qual a mulher optou por este método, em detrimento das outras opções que lhe eram disponíveis.

Igualmente, a menorragia persistente, como outra alteração no padrão menstrual, é citada como razão para que as mulheres interrompam o uso do contraceptivo que a causou, “o que pode, por conseguinte, levar à gravidez indesejada”. Assim, “a boa educação do paciente quanto aos padrões de sangramento é essencial para que haja aceitação e continuidade do método” (STUBBLEFIELD, 1994; RIVERA e ROUNTREE, 2003).

Recentemente surgiram as propostas de interrupção proposital da menstruação, preconizadas por COUTINHO (1996). Sua justificativa baseia-se em argumentos históricos e médicos: a) a antiga concepção de que se trata de uma sangria benéfica à saúde da mulher, mas que é errônea, segundo o autor; b) o fato de que hoje a mulher menstrua mais vezes; c) a perda “inútil” de elementos celulares sangüíneos durante a menstruação, levando à anemia (confirmado por MILMAN e CLAUSEN, 1998); d) os casos de endometriose, dor, tensão pré-menstrual, desconfortos vários que justificariam com isso a intervenção medicamentosa benevolente em mais um aspecto da vida da mulher.

Por outro lado, a sociedade ocidental e as condições socioeconômicas e culturais da atualidade demandam que a mulher exerça outras atividades fora do lar. Esta chamada “dupla jornada de trabalho” pode atuar não somente sobre o ciclo menstrual e sintomas associados, como também sobre a percepção e o significado que a mulher atribui à menstruação. A

dissertação de MARINELLI (1995) sobre a Síndrome Pré-Menstrual (SPM) relaciona-a a fatores de estresse e descontentamento da mulher com seu papel e “condição oprimida na sociedade”. Já SCAMBLER e SCAMBLER (1985) associam a SPM a outros fatores: a experiência negativa da menarca, os estereótipos culturais adquiridos precocemente e as atitudes negativas aos desconfortos menstruais que vivenciam.

Admite-se que a menstruação e seus sintomas também podem intervir sobre a capacidade produtiva da mulher no mercado de trabalho. Outros autores, como NICOLSON (1995), contestam esta afirmação, inserindo-a no que chama de “ciência patriarcal”, cuja ênfase tem sido colocada mais nas vulnerabilidades femininas e nos problemas menstruais, com base em um “modelo-déficit” de encarar a mulher. Os estereótipos de gênero, subjacentes nas definições médicas dos problemas femininos, tendem a considerar os problemas menstruais como de origem psicogênica e, por conseguinte, “desinteressantes” do ponto de vista médico. Assim, os sintomas menstruais são vistos como “respostas emocionais a desordens de socialização”, e as mulheres estudadas pelos autores evitam muitas vezes a consulta médica, pois vêem os doutores como inacessíveis ou indiferentes às suas queixas (SCAMBLER e SCAMBLER, 1985).

Pode-se dizer, com base na revisão da literatura, que o avanço do conhecimento médico da hormoniologia feminina e o progresso das várias técnicas contraceptivas que influem sobre a menstruação está permitindo à mulher escolher entre menstruar ou não, ou ver seu padrão menstrual alterado, independente do seu desejo.

Visto que vários dos métodos que alteram a menstruação são utilizados no Brasil, parece procedente e relevante estudar a percepção das mulheres brasileiras sobre a

menstruação e as repercussões físicas, psicológicas e sociais que a ela estão associadas. Isto se torna particularmente difícil, porque o Brasil caracteriza-se por uma enorme diversidade cultural e social, onde coexistem várias etnias, em um amálgama de culturas de origens diferentes: indígena, européia, africana, americana. Além disto, as populações femininas espalham-se pelas comunidades mais diversas, desde as agrárias até os grandes centros urbanos. A chamada “globalização” de informações atual, associada aos meios de comunicação, também exerce impacto inegável sobre os valores e opiniões da sociedade.

Muito embora predominem, no país, a esterilização cirúrgica (40% das mulheres unidas estão esterilizadas) e a pílula (21%), considera-se que o Brasil ocupa, dentro dos países do Terceiro Mundo, um dos postos mais altos na prevalência de uso de algum método para evitar a gravidez, dando-se preferência clara (76%) aos chamados “métodos modernos” (além dos citados, as injeções, o DIU, os implantes hormonais e os métodos de barreira). A utilização dos métodos anticoncepcionais “tradicionais” (abstinência periódica, coito interrompido, chás) é de apenas 6% (BENFAM e MACRO INTL, 1997). A predileção pelo uso da pílula e da ligadura tubária não descarta que outros métodos anticoncepcionais, hoje pouco prevalentes, venham a ser utilizados em taxas progressivamente maiores.

A revisão das publicações sobre regulação da fertilidade dos últimos 12 anos estende-se sobre os vários métodos contraceptivos hormonais: seus efeitos sistêmicos, sobre os padrões menstruais, sua eficácia e aceitabilidade. A maioria dos textos pesquisados faz referência aos motivos pelos quais a mulher descontinua o tratamento contraceptivo em questão; a principal razão, além da vontade de ter filhos, é a presença de efeitos colaterais, sendo a alteração do padrão menstrual o mais relevante deles. Vários autores sugerem a

necessidade de orientar a mulher sobre a eventualidade dessas alterações, reduzindo com isto a descontinuação do método.

Parece haver poucos estudos médicos no campo da regulação da fertilidade que se detêm sobre o que representa, à mulher, o ato de menstruar. A tendência genérica é focar-se nas características do método contraceptivo em questão: eficácia, confiabilidade, efeitos colaterais e grau de aceitação. As mulheres, como sujeitos das pesquisas, aparecem de modo abstrato, representadas em porcentagem. Nos estudos de ensaio clínico não há lugar para o indivíduo – seus valores culturais intrínsecos e o modo como representa simbolicamente os eventos que fazem parte da sua vida.

Este outro aspecto aparece com destaque nos textos de forte conotação feminista, que tendem a retratar as atitudes e questões de cunho social e antropológico que dizem respeito à menstruação, sob uma perspectiva maniqueísta de dualidade entre homens (“os opressores”) e mulheres (“as oprimidas”). A questão dos tabus e restrições que envolvem a mulher menstruada é abordada com veemência como sinal irrestrito de dominação de gênero contra o qual as mulheres devem se insurgir.

A maioria dos textos médicos (provavelmente feitos, na sua maioria, por médicos homens) deixa transparecer uma atitude genérica de pesquisa científica imparcial voltada à resolução de problemas. Trata-se, então, de solucionar a contento as questões ligadas à regulação da fertilidade e oferecer propostas e métodos contraceptivos à população feminina. A mulher, desta forma, é implicitamente vista como dependente, vulnerável e a maior responsável pelas questões reprodutivas. É como se lhe dissessem: “Isto é o que inventamos; acomode-se com essas alterações menstruais e adapte-se, porque é assim mesmo”.

Não se trata aqui de desmerecer o esforço da ciência na busca de soluções que resolvam os graves problemas de gestações indesejadas e abortamentos provocados. No entanto, a fragmentação do conhecimento humano deixa as questões de valores e significados para o âmbito da antropologia social, da psicologia e das feministas, ao invés de incluí-las no seu campo de atuação e na própria formação do profissional de saúde que assistirá a mulher.

A menstruação é comum a virtualmente todas as mulheres; aparece em sua vida de modo particularmente assíduo; está de modo inequívoco relacionada ao seu papel na sociedade, à sua identidade feminina e às questões reprodutivas. Partindo desses pressupostos, o significado que as mulheres que menstruam atribuem a este fenômeno merece ser mais bem investigado dentro da riqueza cultural e diversidade socioeconômica brasileiras. Ao mesmo tempo, interessa saber qual a sua percepção diante da possibilidade de alterar os padrões menstruais com os recursos contraceptivos disponíveis atualmente.

Os resultados de um estudo dessa natureza podem oferecer à equipe de saúde algumas informações relativas aos aspectos culturais envolvidos nesta questão, possibilitando fundamentar orientações e enriquecer abordagens no campo da saúde da mulher.

O levantamento da tolerância ou aceitabilidade das mulheres a mudanças no padrão da sua menstruação, oriundas de métodos contraceptivos, pode contribuir para orientar as pesquisas de novas tecnologias de redução da fertilidade com o objetivo de que sejam melhor aceitas pelas usuárias.

O estudo das representações simbólicas da mulher, diante de questões que concernem seu corpo, sua feminilidade e seu papel reprodutivo, espera contribuir com um enfoque mais antropológico e social no campo das pesquisas na área da regulação da fertilidade,

colocando-as mais a serviço da mulher e seus valores culturais. Supõe-se que a consideração desses aspectos, na pesquisa científica reprodutiva e na assistência à saúde da mulher, venha a enriquecer a abordagem das questões femininas para além do fisiológico.

1.1. MARCO TEÓRICO e CONCEITUAL

Recolhendo a experiência das investigações e trabalhos teóricos acerca dos fatores culturais e individuais que estão envolvidos na representação simbólica da menstruação pelas mulheres, optou-se por utilizar os elementos extraídos do interacionismo simbólico.

O interacionismo simbólico prevê que os eventos e percepções do indivíduo, à medida que aparecem, caem em uma rede de significações que se constrói a partir da experiência de vida e das influências culturais que ele continuamente recebe. Os novos eventos interagem com o mundo simbólico já existente, mudam-no e são interpretados à sua luz. As suas premissas básicas são: 1) O comportamento do ser humano baseia-se no significado que ele dá às coisas e eventos ao seu redor; 2) O significado não é atributo inerente ao fenômeno, mas surge da interação social que se estabelece entre as pessoas; 3) Os indivíduos manipulam e modificam os significados através de um processo interpretativo, onde interiormente se estabelecem quais significados são esses, e como eles interagem entre si para guiar e formar a ação .

Esta abordagem coloca a questão do significado da menstruação em um contexto diverso daqueles oriundos da psicologia ou da sociologia. O enfoque maior é dado à natureza da interação simbólica interiorizada e das interações sociais. Estas duas classes de interação

são vistas como causa do comportamento humano e, por seu turno, também exercerão influências sobre o meio social.

O conceito de símbolo expresso por DUPAS (1997) inclui características bem definidas: a presença de um significado internamente atribuível e a capacidade de este ser comunicado aos outros pela linguagem; o seu uso na articulação dos pensamentos e ações e na interação ativa entre o sujeito e seu meio; o fato de que os símbolos são desenvolvidos socialmente através dessa interação, e permitem a interpretação e definição das ações dos outros.

A conceituação de gênero oferecida por HEILBORN (1995) estabelece que, nos estudos das ciências sociais, a palavra sexo passa a definir somente o aspecto anátomo-fisiológico do ser humano, e que o termo gênero diz mais respeito à construção social dos papéis masculinos e femininos a partir de “atributos culturais alocados a cada um dos sexos”. No campo da antropologia, dá-se mais valor à participação da cultura na “modelação” dos seres humanos como homens ou mulheres, em detrimento da sua natureza biológica, que participaria apenas na configuração exterior dos sexos. Assim, não é a natureza dos sexos que determina o caráter masculino e feminino, mas sim o meio cultural. O estudo utilizou emprestado o conceito de construção social dos papéis femininos, procurando apreender e descrever como essa construção evidencia-se nas falas das mulheres acerca da menstruação.

2. Objetivos

2.1. Objetivo geral

Investigar a percepção e os significados da menstruação para um grupo de mulheres da região de Campinas.

2.2. Objetivos específicos

- Investigar a percepção da menarca: como é recebida, qual o conhecimento que se possui à época e a sua origem.
- Estudar a relação que as mulheres fazem entre menstruação e conceitos como os de saúde, feminilidade e fertilidade.
- Investigar a existência de regras de comportamento durante a menstruação
- Investigar a associação entre a menstruação e atividade sexual na vida dessas mulheres.
- Verificar a aceitação de mudanças no padrão da sua menstruação (frequência, duração e quantidade de fluxo) que poderiam resultar do uso de métodos anticoncepcionais.

3. Sujeitos e Métodos

O estudo, de caráter exploratório e descritivo, utilizou método qualitativo.

As mulheres escolhidas para estudo obedeciam aos seguintes critérios: tinham idade acima de 21 anos, menstruavam, e já tinham tido relações sexuais. Foram excluídas do estudo mulheres que apresentassem problemas de infertilidade. Preenchidos os critérios de inclusão, a mulher era convidada a participar do estudo, era esclarecida quanto ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1) e o assinava antes do início de sua participação.

Para participação nos grupos focais, as mulheres foram contactadas segundo a técnica “bola de neve”, descrita por PATTON (1990). No caso específico deste trabalho, a rede social do próprio pesquisador serviu de ponto de partida para a escolha dos primeiros *egos*, que tiveram, como requisito, não serem familiares nem amigos íntimos. Estes primeiros contatos indicaram outros, atuando como elementos de ligação para uma abordagem mais informal e facilitada. Ao término de cada grupo focal (exceto o último deles), pediu-se às participantes que indicassem outras mulheres conhecidas ou amigas para contato (Anexo 3).

As mulheres que aceitaram participar do estudo foram reunidas conforme idade e escolaridade, com a finalidade principal de facilitar a comunicação entre elas, mas

também para verificar se havia tendências marcantes entre elas. Os grupos ficaram divididos da forma como se segue:

- Idade: 21 a 34 anos, com no máximo o primeiro grau completo (oito anos de estudo ou menos).
- Idade: 21 a 34 anos, com escolaridade acima do primeiro grau (nove anos de estudo ou mais).
- Idade: acima de 35 anos, com no máximo o primeiro grau completo (oito anos de estudo ou menos).
- Idade: acima de 35 anos, com escolaridade acima do primeiro grau (nove anos de estudo ou mais).

Entretanto, ao proceder à divisão dos grupos em quatro categorias, observou-se a necessidade de se realizar, pelo menos, dois grupos focais para cada categoria, garantindo dados suficientes para estabelecer um padrão de respostas que a caracterizasse. Este critério para validação dos relatos obedece à técnica descrita por ULIN et al. (2002). Dessa forma, a amostra final totalizou 64 mulheres, nos oito grupos focais realizados, o que também possibilitou a certeza de que a saturação das informações havia sido alcançada.

Grupos, datas e número de participantes em cada grupo

Escolaridade		Até 8 anos	9 anos ou mais	TOTAL
IDADE	21 a 34 anos	I (23.fev.) = 6 VII (03.jul.) = 8	V (07.jun.) = 5 VI (24.jun.) = 9	28
	acima de 35 anos	III (24.mai.) = 12 VIII (26.jun.) = 11	II (28.fev.) = 6 IV (31.mai.) = 7	36
	TOTAL	37	27	64

As informações sociodemográficas e reprodutivas, coletadas no início de cada grupo (Anexo 5), permitiram retratar as categorias estabelecidas. Como característica geral entre os grupos, a grande maioria delas era de religião católica, seguindo-se as que se denominavam evangélicas (cuja proporção era maior nas mulheres acima de 35 anos), poucas espírita. Nos grupos com maior grau de escolaridade algumas mulheres (quatro, ao todo) definiram-se como “sem religião”.

No grupo de faixa etária e escolaridade menores, seis delas eram casadas, cinco solteiras e três separadas. A menarca deu-se aos 12-13 anos, variando dos 10 aos 15 anos. O início da atividade sexual deu-se, para a maioria, aos 16 anos (14 –20 anos). Os métodos contraceptivos que usavam eram a pílula (6), a “injeção” (4), o preservativo (3); três delas não usavam nenhum MAC.

Dentro da mesma faixa etária – a das mulheres com maior escolaridade – havia igual proporção de casadas e solteiras; apenas uma era separada. A menarca foi aos 11-12 anos, e a atividade sexual iniciou-se a partir dos 16 até os 23 anos (a maioria aos 18 anos). Nesta categoria, a pílula também era o método contraceptivo mais usado (7); duas usavam o DIU; duas, o preservativo; três não usavam nenhum MAC (uma delas porque o marido havia feito vasectomia).

No grupo das mulheres de mais de 35 anos e com escolaridade até o primeiro grau, seis eram casadas, três separadas, duas solteiras e uma era viúva. A menarca tinha ocorrido, para a maioria, aos 12-13 anos, variando dos 9 aos 14 anos. Tinham iniciado sua vida sexual entre os 13 e os 24 anos, e sua distribuição foi uniforme entre os 17 e 20 anos. O MAC mais

usado entre elas era a laqueadura (10), seguido da pílula (6), DIU (3), nenhum (2) contraceptivo injetável (1) e preservativo (1).

Dentro desta maior faixa etária, as mulheres com escolaridade a partir do segundo grau eram distribuídas, quanto ao estado civil, em casadas (6), solteiras (4), separadas (2) e viúva (1). A menarca, para elas, deu-se entre os 11 e os 15 anos, a maioria entre 12 e 13 anos. Iniciaram mais tardiamente a vida sexual, a partir dos 16 anos, distribuindo-se uniformemente até os 26 anos. Nesta categoria, apenas uma delas usava a pílula como MAC; as demais apresentavam freqüência semelhante para laqueadura (3), o preservativo (3), o DIU (2); quatro não utilizavam nenhum MAC.

Por se tratar de um estudo qualitativo, a definição das variáveis foi obtida após a análise temática e o conseqüente levantamento das unidades de significado. Foram considerados, para este estudo, os tópicos relacionados aos objetivos da investigação:

- Percepção sobre a menarca.
- Características que as mulheres associam com o sangramento menstrual. Significado social e cultural da menstruação.
- Percepção quanto às mudanças físicas e/ou psicológicas durante o período menstrual.
- Comportamentos associados à menstruação.
- Crenças quanto às normas de comportamento associadas à menstruação.
- Opinião das mulheres frente às possibilidades de alteração no seu padrão menstrual habitual pelo uso de métodos contraceptivos.

3.1. TÉCNICA PARA COLETA DE DADOS: GRUPO FOCAL

A técnica escolhida para coletar os dados foi a de grupo focal. Concebida, no início, para avaliar o *marketing* de um produto ou serviço, esta técnica tem sido utilizada com frequência cada vez maior nas pesquisas em ciências sociais, educação, psicologia social e saúde (WESTPHAL et al., 1996). De acordo com KRUEGER (1994), a discussão por grupo focal é particularmente efetiva em prover informação sobre por quê as pessoas pensam ou sentem daquela forma, o que permite ao pesquisador ver a realidade sob o ponto de vista do sujeito.

WESTPHAL et al., (1996) definem a técnica de grupo focal como uma “*entrevista em grupo*” que possui a conveniência de se poder “*obter dados com certo nível de profundidade*” mais facilmente e de modo mais rápido. Já KRUEGER (1994) justifica a eficácia do grupo focal como método para avaliar a percepção dos indivíduos, contraposto à técnica de entrevista. O autor baseia-se no fato de que a entrevista caracteriza-se por um pressuposto básico: assume que os indivíduos realmente sabem o que sentem, e que formam suas opiniões em isolamento. Contudo, as pessoas podem precisar escutar a opinião de outros antes de formar a sua, o que pode ocorrer rapidamente e com alto grau de certeza, ou não. Desta forma, as pessoas, na sua interação, podem influenciar uma a outra com seus comentários, e, no transcurso de uma discussão, as opiniões de um indivíduo podem se alterar, mudar de lado ou enriquecer-se, tal qual acontece nas relações humanas informais. O grupo focal presta-se, então, a permitir esta flexibilidade e abertura ao indivíduo de colocar-se a si mesmo e expressar emoções que freqüentemente não emergiriam em outras formas de questionamento. Já na técnica de entrevista, o entrevistador toma as rédeas da situação e o

entrevistado assume uma posição relativa de maior passividade, o que determina um risco maior de se deixar de lado informações valiosas e aspectos fundamentais do problema que não foram revelados, pois não cabiam no modelo de perguntas estabelecido pelo pesquisador (KRUEGER, 1994).

As características principais de uma coleta de dados através de grupo focal podem ser colocadas sucintamente nos seguintes tópicos: 1) Grupos de pessoas, cujo número varia em geral de 6 a 10, possibilitando a todos os participantes dividir entre si informações e ao mesmo tempo permitindo uma diversidade de percepções; 2) Os grupos são conduzidos em série, de maneira a se detectar padrões e tendências entre eles; 3) Os participantes são razoavelmente homogêneos e não familiarizados entre si; 4) O objetivo primordial é a coleta de dados, e não que se venha a alcançar um consenso, que se estabeleçam recomendações, ou decisões sejam tomadas; 5) As questões são abertas, pois os dados são de natureza qualitativa, e a função do pesquisador é a de moderador, observador e ouvidor, eventualmente analisando os comentários usando um processo indutivo; 6) O pesquisador indutivo deriva compreensão baseada na discussão, em contraposição a testar ou confirmar uma hipótese ou teoria pré-concebida (KRUEGER, 1994).

Neste estudo, os grupos focais usaram como base um roteiro de perguntas que, antes de ser implementado em sua forma definitiva, foi submetido a dois pré-testes, com mulheres semelhantes às estudadas, o que permitiu sua adaptação usando uma seqüência de perguntas mais lógica (Anexo 3) Tomou-se o cuidado para que as perguntas não fossem dirigidas diretamente aos indivíduos, mas sim lançadas de modo genérico, dando, às participantes, liberdade de resposta, sem se sentirem pessoalmente expostas. Apesar das perguntas seguirem

uma seqüência lógica, elas podiam ter sua ordem alterada conforme o desenrolar das conversas, aguardando a ocasião em que poderiam ser desenvolvidas e aprofundadas.

Os grupos focais foram, em sua maioria, realizados na sala de reuniões do Centro de Pesquisas e Controle das Doenças Materno-Infantis de Campinas (Cemicamp), que conta com infra-estrutura apropriada (mesa, cadeiras, microfone de mesa e gravadores). Além da pesquisadora, uma assistente de pesquisa ficou responsável por registrar, por escrito, as intercorrências, as comunicações não verbais e reações das participantes.

Antes do início da discussão, preenchia-se uma ficha que identificava as características de cada participante (Anexo 4), ao mesmo tempo em que eram feitas as apresentações informalmente. Participantes, pesquisadora e observadora eram identificadas com um crachá, onde havia, além do primeiro nome, o número que identificaria a participante nas transcrições. Desde o início e durante o grupo focal era fornecido um lanche, que ajudou a descontrair o ambiente e facilitar a interação entre as pessoas. Este momento é conhecido, em pesquisa qualitativa, como “aquecimento” ou *rapport* (TURATO, 2003).

3.2. ASPECTOS ÉTICOS

Os riscos de caráter ético que este estudo poderia apresentar podem ser categorizados em relação ao tema, à condução do grupo focal e à inteligibilidade do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como ao processo de apresentá-lo.

Quanto ao tema: embora a menstruação seja assunto familiar às mulheres, ele poderia suscitar em algumas pessoas algum constrangimento ou até reações emocionais

negativas. Este aspecto foi tratado na seleção das participantes, quando se excluíram as mulheres com infertilidade, em que a menstruação poderia estar associada à frustração de não conseguir engravidar.

A condução do grupo focal previu perguntas genéricas, não dirigidas à pessoa, que desta forma não se sentia exposta. Salientou-se também a não obrigatoriedade em responder, e a liberdade da mulher em retirar-se do grupo se assim o desejasse. No início das discussões, explicava-se às participantes que não lhes era pedida coerência de respostas, e que poderiam mudar de opinião livremente. A relatora e observadora foram obrigatoriamente do sexo feminino, para evitar qualquer constrangimento.

No que se refere à inteligibilidade do Consentimento Livre e Esclarecido, optou-se por colocá-lo sob forma de tópicos, que têm a vantagem de serem vistos e esclarecidos um a um, à medida que são lidos. Buscou-se a linguagem mais coloquial possível. Por ocasião do recrutamento, as mulheres eram orientadas sobre os aspectos éticos mais fundamentais: o caráter sigiloso das informações e sua liberdade em participar. Antes de iniciar as discussões, uma leitura conjunta do Consentimento Livre e Esclarecido permitiu o esclarecimento de possíveis dúvidas. Dava-se à mulher uma cópia do Termo, assinado por ela e pela pesquisadora.

Às participantes foi assegurado o ressarcimento de despesas de transporte e do tempo gasto na participação do grupo focal. Durante o desenvolvimento deste estudo procurou-se respeitar os preceitos que a Resolução 196/96 estabelece para pesquisa com seres humanos (BRASIL, 1996).

3.3. HISTÓRIA NATURAL DA PESQUISA

O desenvolver de uma pesquisa passa a impressão, ao iniciante, de que o título “história natural” não poderia ser mais apropriado. Meus pais formaram-se em História Natural; passaram aos filhos o gosto por plantas, células, embriologia. Contavam-nos do início da vida a partir de uma “sopa orgânica” atingida por fortes tempestades.

Analogamente, na grande “sopa orgânica” de idéias iniciais, que surgem naquele que se propõe a fazer uma pesquisa, há necessidade de algo que as organize e torne relevante. Assim, meu primeiro interesse pela menstruação relacionava-se à questão dos mitos antigos e sua suposta pertinência ou razão de ser, visto que me intrigava a sua similaridade em várias culturas, ao longo da história da humanidade, e a constatação de que muitos mitos e credences não são assim tão desprovidos de sentido. Aí entram os “relâmpagos” para dar consistência e unidade à idéia primeira; estes não são outra coisa senão a visão arguta e experiente do orientador, sabedor das alquimias necessárias para transformar um interesse pessoal em algo justificável para a ciência.

Minha formação foi predominantemente cartesiana e quantitativa; meu pai, geólogo e professor, encarava com grande ceticismo as coisas que não podiam ser provadas cientificamente. Pessoalmente, tinha o preconceito de que pesquisa qualitativa era de uma subjetividade irritante; considerava-a um monte de “baboseiras”. De repente, o objeto de meu interesse maior dizia respeito a coisas que não se podiam medir em números, e fui obrigada a rever totalmente meus conceitos. A idéia de fazer pesquisa qualitativa apanhou-me de susto, mas cativou-me por inteiro, ao saber que estaria tratando de um universo que já havia vislumbrado na minha experiência profissional como enfermeira obstetra.

A amostragem e o recrutamento das participantes foi o meu primeiro desafio. Imaginava-me interrogando as mulheres que saíam das compras num shopping: “Com licença: a Sra. menstrua ainda? Tem ou já teve relações sexuais? Olhe, não estou querendo vender nada, etc.”. Aí fui aprender que há outras maneiras menos embaraçosas, numa pesquisa, de se proceder ao recrutamento de participantes.

O primeiro dos grupos focais deu-se no apartamento de uma secretária do Departamento de Enfermagem, e bem poderia ser descrito como “desastre metodológico”. Antes, choveu a cântaros; todas se atrasaram. Uma das participantes trouxe seu bebê de um ano, que ficava sentado à sua frente martelando um brinquedinho no chão, bem ao lado do gravador. A dona da casa, embora não fizesse parte da faixa etária e escolaridade que caracterizavam o grupo, e outra senhora, menopausada há décadas, não se omitiam de dar seus pareceres. E quando o grupo focal já havia começado, uma outra mulher chegou atrasada, carregando ao colo duas crianças pequenas! Com tantos percalços, optamos por utilizar, a partir de então, as dependências do Cemicamp, o que garantiria ao menos o espaço físico apropriado.

Nem sempre um local onde haja menos interferências externas implica assegurar o rigor metodológico que se busca todo o tempo. Trata-se de pessoas; assim, em vários grupos focais algumas mulheres conheciam umas às outras, sem que o soubéssemos antes; outras trouxeram colegas e o número ideal foi excedido; ou o grupo focal precisou ser interrompido subitamente, com a chegada do ônibus fretado que as levaria embora.

Após algumas ocasiões em que havia esquecido um ou outro detalhe de preparação dos grupos, optei por fazer um check-list (Anexo 6) que me asseguraria lembrar de tudo e evitar correrias de última hora.

Na condução dos grupos era-me muitas vezes difícil retornar ao roteiro propriamente dito. Partia do princípio de que as divagações surgidas trariam elementos essenciais à compreensão do tema ou do universo em que ele se inseria, e perdia assim um tempo precioso. É questão de treino manter uma certa objetividade e ater-se aos seus objetivos, quando os depoimentos pessoais são tão envolventes.

Algumas mulheres davam-se a obrigação de responder a todas as questões, tomando as rédeas do assunto; outras, ao contrário, precisavam que nos dirigíssemos a elas pessoalmente para saírem do seu mutismo; parecia-me que estava realizando um fórceps para que as idéias e opiniões delas “parissem”.

Ainda que alguns grupos focais não tenham preenchido exatamente todos os requisitos que a literatura apregoa, pelas circunstâncias alheias à nossa vontade, o tema da menstruação é de domínio tão próprio das mulheres que não se observou, exceto em um dos grupos, qualquer empecilho à troca de experiências. Rapidamente desenvolvia-se entre as participantes uma cumplicidade e camaradagem, onde as conversas fluíam.

Numa ocasião, ao responsabilizar-me por mudar as fitas de um dos gravadores mais próximos, virei a fita para o lado já gravado quando deveria tê-la trocado, e perdi tudo. Por sorte havia dois gravadores – o que também é requisito indispensável a toda e qualquer entrevista gravada – mas a transcrição foi muito mais difícil.

As transcrições das fitas, quando não foram feitas por mim, passaram por pelo menos uma revisão – às vezes fiz duas, por perfeccionismo. E impressiona a quantidade de modificações: palavras não ouvidas antes e mudanças na pontuação da frase modificam completamente o sentido do que foi relatado. A revisão do texto pelo próprio pesquisador possibilita que ele “volte à cena” e reviva impressões que atizam o pensar. No entanto, é extremamente difícil interromper o trabalho de revisão para anotar pensamentos que surgem; em várias oportunidades os “insights” se perderam.

A utilização do Ethnograph pressupõe computadores com recursos suficientes para salvar e imprimir, o que nem sempre acontece. Aprender a dominar o programa dá a impressão de grande perda de tempo. Contudo, o Ethnograph é uma boa ferramenta para agrupar os temas e subtemas oriundos da análise realizada previamente.

Talvez a parte mais árdua e sofrida deste trabalho tenha sido escolher os depoimentos e enxugar as falas das mulheres, revelando o essencial. Muitas vezes senti-me como o cirurgião que amputa pernas, braços, extrai amígdalas e apêndice, só para deixar os órgãos vitais. Retirar o “supérfluo” significava mutilar um pedaço da vida da mulher que me fora confiado, com todas as suas reticências, vícios de linguagem, explicações paralelas que, no conjunto, retratavam-na tão bem. Foi trabalho de meses e meses, quando parece que andamos sem sair do lugar. Este sofrimento, contudo, ensinou-me que é preciso buscar, mesmo numa pesquisa qualitativa, uma objetividade e um critério ainda mais rigoroso, à parte das preferências subjetivas ou do apego às experiências vividas nesses grupos.

3.4. TRABALHO SOBRE OS DADOS

Todas as discussões foram gravadas, transcritas e revisadas, sendo complementadas com aspectos não-verbais.

Da leitura dos relatos surgiram elementos simbólicos previstos nos objetivos do trabalho, e mesmo outros, que se puderam separar por *unidade de significado* ou tema. Segundo MINAYO (1993), a noção de tema está associada a uma afirmação sobre certo assunto, que venha a comportar “um feixe de relações” e que tem as características de poder ser “representada graficamente”, de libertar-se naturalmente de um texto analisado e de ter natureza mais psicológica que lingüística, seja sob forma de afirmação ou alusão.

Segue-se um resumo, em tópicos, da forma como os resultados serão apresentados, considerando-se as categorias e subcategorias levantadas.

- **Menarca:** Preparação; A menarca como evento; Pós-menarca.
- **Regras e Tabus:** Descrição; Obediência.
- **Significado:** Percepções; Saúde; Feminilidade; Reprodução; Purificação; Nomes; Valor atribuído à menstruação
- **Vida Sexual:** atitudes do Homem e da Mulher; a libido; Carícias
- **MAC:** Quantidade/Tempo de sangramento; *Spottings*; Amenorréia
- **Menopausa**

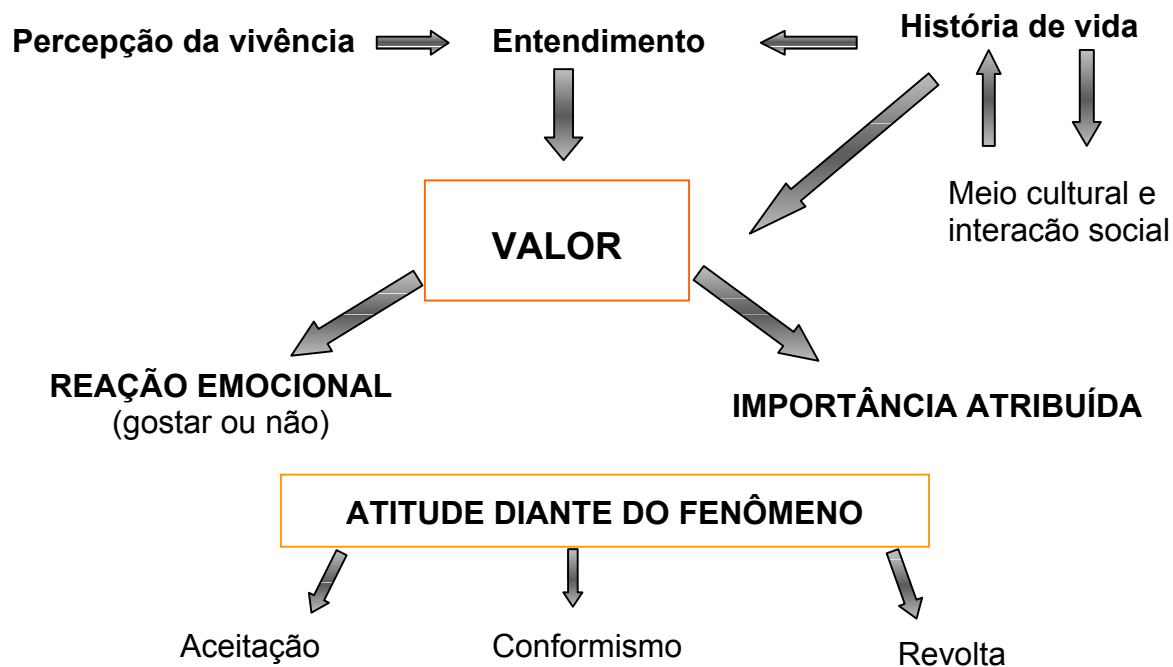
Cada tema e subtema identificados receberam um código que os representasse no Ethnograph V5.0. De posse desses códigos, a leitura crítica das transcrições possibilitou identificar os trechos das falas das mulheres que se aplicavam a cada tema codificado – às vezes, a mais de um tema. Estes “pedaços de diálogo” foram inseridos no programa,

sob este ou aquele código. Agruparam-se, assim, todas as conversas dos vários grupos que se referiam a um determinado assunto, permitindo uma visão geral das tendências de pensamento e significado dadas a cada tema.

3.4.1. A CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO

O significado da menstruação que emergiu das falas das mulheres pode ser compreendido a partir das várias facetas que o constróem. Existe, a princípio, uma *percepção* individual oriunda da vivência do fenômeno, que foi largamente descrita pelas participantes na troca de experiências. A percepção é incorporada às histórias de vida das mulheres, que incluem seu meio cultural e o que apreende da comunicação com seus pares. A interação entre esses elementos – percepção e história – possibilita um *entendimento* do que a menstruação quer dizer: a menstruação como indicativo ou sinal de algo. A partir da percepção e do entendimento, um *valor* é construído. O valor dado à menstruação pode ser expresso em termos de reação psicológica emocional (desde gostar até ter horror), em todas as suas gradações, e a importância racional que o evento ou fenômeno possui para elas. Todos esses fatores interagem para resultar na *atitude* da mulher diante do seu menstruar – que pode ser de aceitação bem-vinda, de conformismo diante da condição com que a natureza lhe brindou, ou revolta e questionamento sobre essa condição. E, de acordo com os pressupostos do interacionismo simbólico, a atitude da mulher é comunicada aos outros, sob forma de palavra ou ação, construindo-se na interação social e através dela.

Para representar a interação entre os aspectos que resultam no significado que se dá às coisas, elaborei um desenho esquemático, na tentativa de juntar as idéias e reflexões oriundas das informações e do referencial teórico escolhido.



Todos os fatores do esquema proposto, que se considerou fazerem parte do significado propriamente dito, aparecem misturados nas falas das mulheres, tornando complexo separá-los em categorias distintas para análise. No entanto, foi necessário fazê-lo, para identificar seus componentes e as relações que se estabelecem entre um e outro. Assim, os resultados serão apresentados de forma fragmentada, na busca de compreender os mecanismos que resultam no *significado*, em seu conceito mais amplo.

Cabe ressaltar que todas as questões que fizeram parte do roteiro, embora “passeassem” por vários assuntos (menarca, contracepção, crenças e regras de comportamento, vida sexual), não tinham senão a intenção expressa no objetivo geral deste trabalho, que é o de estudar o significado da menstruação para as mulheres que a vivenciam.

3.4.2. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

As falas das mulheres que fundamentam a discussão, e que constituem o resultado propriamente dito, são apresentadas em itálico, em espaçamento menor e deslocadas da margem, conforme a normatização dos trabalhos científicos qualitativos. As reticências entre parênteses significam que algum comentário não essencial foi removido, com a finalidade de “enxugar” o texto. Os diálogos que as participantes citam, ao contar suas histórias, estão entre aspas. Os comentários explicativos do texto foram colocados entre colchetes; as circunstâncias e expressões não verbais estão entre parênteses. Todos eles e as perguntas do roteiro não foram colocados em itálico. Palavras sublinhadas, durante as falas, indicam que foram ditas com ênfase especial, em tom de voz mais alto.

Muitas mulheres referiam-se ao absorvente higiênico descartável com o nome de “modess”. Sendo a marca comercial mais antiga, foi incorporada ao vocabulário como sinônimo de absorvente descartável. Assim, nas falas das mulheres onde este nome aparece, optou-se por colocá-lo em minúscula, significando um substantivo e não uma marca.

No registro dos diálogos entre as participantes surgiu a necessidade de manter a identificação usada nas transcrições: os algarismos romanos identificam o grupo focal, em ordem cronológica; os algarismos arábicos, que aparecem em seguida, referem-se à numeração usada por elas no crachá durante o grupo focal. Todos os nomes que as participantes usaram, exceto quando se referiam à pesquisadora, foram substituídos por nomes fictícios, retirados de personagens da sua família.

4. Resultados e Discussão

4.1. MENARCA

A menarca foi abordada sob seu aspecto temporal: a preparação para o evento, o evento em si, e o que passou a existir depois dele. As figuras mais marcantes imbricadas nos relatos foram a menina, de um lado, e a sua família, principalmente sua mãe.

4.1.1. A Preparação para a Menarca

Todas as participantes vinculavam a experiência da primeira menstruação com a forma como haviam sido preparadas para recebê-la, explicando ou justificando suas reações. Os exemplos abaixo mostram que a figura materna pode assumir várias atitudes, no que concerne à preparação da filha. As orientações podem inexistir completamente; a mãe pode deixar as informações a cargo das amigas da filha; pode orientá-la quando esta já soube de algo e lhe pergunta; até fazer o assunto parte da vida das demais mulheres da casa.

Eu (...) não tive orientação nenhuma, né? Eu fui criada sem mãe e sem pai, meus avós que me criaram, (...) Quando veio pra mim, no primeiro dia, falei: “Meu Deus, o que eu faço agora?” Não falei para ninguém, né? (...) peguei

um pedaço de pano (...) coloquei umas 2 ou 3 calcinhas (risos) e toda hora eu olhando pra trás (...) pra ver se tava caindo no chão. Menina, não sei se é por isso que eu fiquei assim; eu tenho trauma de menstruação. (III-10)

Eu me lembro a primeira vez que veio: eu estava almoçando, comendo pepino,(...) veio, eu vi aquele sangue... Eu era meio bobona, eu acho. Sabe, assim? Eu fiquei assustada; daí ela [a mãe] comentou comigo (...): “Suas amigas nunca disseram nada?” Entendeu? (II-1)

Assim: (...) eu tinha 8 anos (...). E uma amiga (...) falou assim que menstruava. (...) cheguei em casa, achei um absurdo: “Mãe, acredita que a menina falou que sai sangue da peririca?!” Daí ela me pegou, me sentou no colo, (...): “A mulher, quando ela pode ter neném já, (...) ela fica uma semana saindo sangue dela.” (...) achei um horror, aquilo. (...) minha mãe explicou, tudo direitinho. Só que ela (...) escondia a menstruação dela (...). (V-2)

Mais ou menos eu sabia, porque eu escutava escondida; a minha mãe ia conversar com as outras mulheres, (...) Mas ela não deixava (...) batia em nós, mandava nós sair, não sei por quê! Mas eu tava mais ou menos sabendo, (...) então foi normal. Não estranhei, não. (...) A minha mãe não falava com nós sobre isso daí.(...) Esse povo,(...) do interior, né, mais antigo, (...) tinha muitos segredinhos; então, aí eu ficava de orelha em pé (VII-9)

.. e eu sempre soube o que era; (...) menstruação. Sou de uma família de cinco irmãs, tem minha mãe, minha avó, (...) uma pessoa sempre muito aberta, apesar de muito pouco culta (...). aprendi com (...) 6-7 anos, quando minha irmã ficou menstruada (...); todo mundo: “AH!!” (exclamação de alegria) Minha mãe fazia bolo para quem ficava menstruada. Mas sempre foi aberto, conversado, via modess, e aprendi. (...) (II-6)

As informações recebidas antes da menarca foram mais comuns nas mulheres com maior nível de escolaridade; estas tendiam a encará-la com mais naturalidade. Não obstante, os relatos possibilitaram entender que a preparação da menina para a primeira menstruação não se limita à transmissão de conhecimento, mas compreende todos os aspectos que criam a expectativa da sua chegada. Neste sentido, a menarca, quando esperada, já possuía um significado definido, mesmo não tendo sido ainda experimentada na carne. Os comentários das amigas na escola; a convivência com irmãs maiores; a promessa de regalias e privilégios;

a observação de como os pais tratam as irmãs mais velhas – todos esses eventos participavam na construção da expectativa pela chegada da primeira menstruação.

Quando eu menstruei pela primeira vez eu tava tão ansiosa, fiquei tão feliz, porque todas as meninas que eu conhecia já tinham menstruado, né? (...) Então só eu me sentia assim, a excluída do grupo; (...) “Ai, você não é mocinha ainda?” Ficava assim indignada; falava: “Mãe, eu não vou ficar mocinha nunca?!” Era assim, muito interessante, sabe? (III-4)

Porque eu sou caçula de (...) 3 meninas. (...) uma vez eu fui de modess para a escola sem ter menstruação nenhuma. Eu queria ficar mocinha! (...) minha mãe e a minha irmã mais velha, me preparou assim, super bem,(...), contava altas histórias, eu lembro disso até hoje. Então eu não via a hora de ficar menstruada. Ah, e quando a minha mãe comprou meu modess, então achei o máximo! (risos) (...) Eu ganhei uma calcinha desta, que apertava, que segurava o modess, e eu adorava. Eu achei super jóia. (risos.)” (IV-5)

Quando eu não tinha menstruação, eu era louca para menstruar. (...) a gente tava brincando, era adolescente, sujava a calcinha com cera, falava: “Ah, eu to menstruada...” (...) lembra? aquela cera vermelha (...) passava aquele vermelhão, e ficava toda contente, sujava, tão especial... Ah, depois que veio, pelo amor de Deus!... (risos gerais) (...) todo mundo na idade já era mocinha, (...) e a gente não queria ficar pra trás, né? tinha aquela ilusão (...) de ficar menstruada. Agora, hoje não. (III-8)

Eu achei legal. (...) A minha mãe falava: “Ah, (...) vou te dar isso só quando você ficar mocinha, porque agora você não é mocinha!” Então (...) a minha irmã ficou primeiro que eu.(...) não via a hora, também, né? Então pra mim... achei ótimo, né? (IV-3)

4.1.2. A Primeira Menstruação

A menarca foi relatada pelas mulheres com tal riqueza de detalhes, que não se pode deixar de verificar o quanto foi um evento marcante nas suas vidas. Os relatos eram extremamente vivos: diziam do que estavam comendo, o que vestiam, as ações mais comezinhas daquele momento. Parece que a vinda da primeira menstruação é um momento de enorme presença, de tal forma foi contado, como se tivesse acontecido na

véspera. À menarca foi atribuído o significado de um marco; um rito de passagem de uma condição a outra, comparável a outros momentos inesquecíveis na vida da mulher: o parto, por exemplo. Esta qualidade dos relatos sobre a menarca foi também percebida por CLAPIS (1996) nas histórias de vida de mulheres acometidas de câncer de mama.

Nos relatos, a presença de uma figura feminina é marcante e aparece para acolher, explicar o que ocorre, dar cuidados e orientações, compartilhar sentimentos. Na maioria das vezes, esse papel é representado pela mãe. Quando não, as participantes lembravam em detalhes da ausência da mãe nessa hora.

Minha mãe fazia bolo para quem ficava menstruada... É. Só pra mim que não, que sou a caçulinha. Ela já estava na menopausa, (...) marcou para mim, porque todo mundo teve festa; e pra mim ela falou: “Você não se limpou direito.” Aí a minha irmã (...) entrou no banheiro e falou: “Que não se limpou direito, mãe! Ela ficou menstruada.” Aí ela acreditou, né?(...) (II-6)

No meu caso foi diferente. (...) eu tava brincando de cavalinho, na vassoura. (...) escorreguei e bati. Eu achei (...) que eu tivesse machucado tudo, né? mas não: (...) outro dia continuou; continuou – aí eu cheguei e falei pra minha tia. Aí a minha tia (...): “Isso daí é uma coisa muito séria!” – me bateu, porque como eu era muito nova, ela falou: “Imagina! não é ainda”, sabe? Ela me bateu; aí eu fui conversar com umas amigas na rua (...) “Eunice, é o seguinte: você já ficou mocinha” (...) nossa! até hoje eu... tenho um trauma, tenho raiva (...) de menstruação – por causa disso (...). No caso de muita gente foi diferente; mas (...) eu cheguei a apanhar, (...) Minha mãe faleceu cedo, então, [as tias, a avó] nunca conversaram, (...) sobre isso. (...) quando eu fiquei sabendo,(...), fiquei revoltada, sabe? porque eu não tinha ajuda daquelas pessoas que eu queria, né? (VII-2)

Foi assombroso, em pleno século XXI, encontrar tantos relatos de mulheres que não tinham sido orientadas sobre a menstruação, e cuja reação, à vista do sangramento, foi de perplexidade e horror, sentimentos de morte, de ferimento. Ainda assim, muitas não

contavam a ninguém, guardando segredo, o que reveste a menstruação de tal atributo, que a vergonha de se expor supera até mesmo o medo de morrer.

No meu tempo, (...) eu também fiquei... (...) horrorizada! Eu nunca perguntei pra minha mãe, porque [ela] nunca foi, assim, aquela mãe de contar, sabe? Dialogar. Então quando veio pra mim, eu não sabia (...) a vizinha explicou, as meninas da escola (...) então, o que eu aprendi foi o mundo que me ensinou, (...) Tudo bobinha! morava na roça (...) Quer dizer: ninguém explicou! Ninguém! (II-5)

Bom, eu (...) tenho uma família muito grande, (...)11 mulheres e 6 homens, né? Minha mãe (...) se a gente fizesse algum tipo de pergunta assim, ela já mandava a mão na boca. (...) Ela era muito brava. Então, eu (...) achei que ia morrer, eu não sabia o que era, da minha primeira vez. Mas mesmo assim, eu resolvi esconder. (...) depois minha irmã, brincando, pegou e me entregou para minha mãe. Eu senti tanta vergonha, mas tanta vergonha, que eu não sabia onde enfiava a cara! E aí a minha mãe também não me contou o quê que era, porque ela não tinha coragem de contar. Aí toda vez que vinha, eu (...) passava um dia inteiro de cama porque achava que estava sangrando e que ia morrer; por 6 meses.(III-8)

O silêncio sobre o que aconteceu pode ter origem no temor materno, na vergonha de se expor para a mãe, ou no guardar a menstruação como coisa só sua, independente da sua reação à vinda do seu primeiro sangramento.

Eu fiquei meia com vergonha,(...) a primeira vez. Escondi um pouco da minha mãe. Ah, não sei! Eu não tinha (...) aquela coisa: “Ai, mãe, eu menstruei. Mãe, virei mulher!” (...) Eu não contei. (...) fiquei meia assim: abismada, né? “Nossa! Agora eu vou menstruar...”(...) É estranho, (...) você guarda pra você, e não conta pra ninguém.. (...) Mas passou (...) dias daí eu contei, normal. (...) não tive mais aquela coisa de ficar escondendo. (...) (VI-3)

Eu fiquei com vergonha de falar para minha mãe.(...) Eu não sei; eu acho que essa falta mesmo – sabe ? – de conversar, (...) mãe e filha; daí eu contei para minha prima. E minha prima chegou e falou para minha mãe. (VI-5)

Em situação oposta, algumas mulheres relataram ter recebido a primeira menstruação com alegria e orgulho, pois representava, para elas, a concretização de grandes

expectativas. Não só pelo novo *status* que passam a ter, mas reconhecendo, já naquela idade, que a vinda da menstruação as faria mulher exteriormente. As mulheres associaram com frequência menstruação e forma exterior de mulher, atribuindo à primeira a responsabilidade pelas demais características sexuais.

Eu era bem desmilingüida; em casa eu era a mais magrela. Eu sempre ouvi dizer que quando você menstrua a primeira vez, que teu corpo muda (...) começa a criar peito, a bunda já cresce... Aí eu falei: "Ah, agora ninguém me segura mais; eu vou ficar uma moçona bonita." Quer dizer, eu acho que na cabeça da maioria das meninas quando menstrua pela primeira vez é isso: mudar, ficar bonita. (...) É aquela felicidade, sabe? É aquela emoção de primeira vez. (III-9)

Você falou (...) de menstruação, o que a gente sente. Eu acho - na minha opinião, né? - sente mulher; sabe? (...) é como você tivesse nascendo, pra outra vida, (...) Muda tudo! o organismo, tudo! (...) começa os seios (...) bumbumzinhos, (...) tudo... formado, corpo de mulher, (...) assim... violãozinho, né? (II-5)

Mostrar para o homem, né? "já sou mulher" - né? (II-1)

(...) o jeito de você pôr o seu primeiro modess que marca. (...) minha vó que tava em casa, (...) "Ó, filha, a vó não sabe explicar, mas coloca isso" - e eu coloquei do lado que colava... (risos gerais) Eu fiquei assim, até contente. (...) "Ah, agora os meus seios vão mudar, (...) eu vou ter corpinho, não sei o quê.." Já pensei nessas coisas, né? Eu fiquei feliz, assim: sou mulher. (VII-6)

No campo contrário a esse sentimento de alegria e boas-vindas à condição de "mocinha", algumas poucas mulheres colocaram ênfase na total recusa da menarca, não só nos relatos de suas próprias experiências, como também nas de parentes. Esta recusa não pareceu ter qualquer relação com o fato de terem sido ou não informadas previamente sobre a menstruação.

eu fiquei tão revoltada, mas tão revoltada! Aí ele [o pai] pegou e falou assim: "Fia, você já tá mocinha." E eu falei assim: "Por que?" (...) "Porque é a vontade de Deus." (...) "Não pai, não é a vontade de Deus, porque essa não é a minha vontade, ficar mocinha." (...) (VII-4)

Igual a minha sobrinha: ela ficou revoltada! (...) não queria aceitar de jeito nenhum (...) não se incomodava se manchava a roupa, mas ela não ia usar [modess], porque ela não queria aquilo. Que aquilo tinha que ir embora. E não voltar mais. (IV-4)

Eu (...) tava no primeiro ano de ginásio, né?(...) as meninas perguntavam para mim, e eu falava que não era (...) mocinha. Porque eu, eu me desenvolvi rápido, fiquei (...) com seio e corpo; mas eu (...) não queria de modo algum. Eu (...) lembro uma vez eu fui na aula (...) – que naquele tempo usava toalhinha, né? – e eu não coloquei; (...) me manchou tudo o uniforme; porque eu não aceitava que eu tinha ficado assim... moça.(...) “já ficou mocinha?” – aquilo me irritava tanto! (...) queria continuar menina, criança,(...) Brincar... Eu era muito criança. (...) eu botava o saio aqui [no tórax] para amassar o seio; porque eu não queria de jeito nenhum (...) ficar moça. (II-2)

Muitas mulheres relataram que só vieram a saber o que havia acontecido com elas após a conflagração do evento – e o susto. Embora não tivessem sido preparadas, receberam alguma explicação na ocasião da menarca.

O meu foi um horror. (...) minha mãe não falou nada.(...) Aí quando (...) vi minha calcinha suja de sangue, eu fiquei desesperada. (...) Porque eu estava machucada por baixo, porque não parava de sair sangue...(...) minha irmã chegou do serviço, ficou preocupada de ver eu deitada chorando, ela foi saber: “O quê que aconteceu?” (...) Mas, para eu falar (...) levei quase 2 horas; porque eu só chorava,(...). Foi um desespero muito grande, pra mim. (...) Aí ela me explicou,(...) Só que aí eu achava que era só aquela vez e não ia descer mais. (...) Aí no outro mês, foi outro drama: eu chorava porque desceu de novo. Aí a minha irmã falou assim: “Agora, vai até você entrar na menopausa.” Mas eu tava totalmente desinformada. (IV-4)

Mas a mãe esperava a gente ficar menstruada. Passei álcool, porque eu tava em cima duma árvore com meus irmãos, achei que tinha machucado num galho... Eu passei álcool e pulei! (risos) (IV-2)

Outras não receberam qualquer informação sobre o que acontecera, mesmo quando a mãe sabia da menstruação da filha. Ainda que soubesse, o constrangimento da mãe em falar

sobre “essas coisas” era maior que a necessidade de cuidar da filha. A mulher que relatou essa experiência de ausência materna o fez com profunda mágoa, que perdura até hoje.

Pra mim também foi... foi difícil. Aprendi as coisas com as minhas colegas de escola, e quando eu menstruei, pra mim foi... horrível. Eu percebi que tava manchando; aí cheguei da escola, trocava de calcinha, e trocava de calcinha, e a minha mãe nem pra vir falar comigo... Chegando a noite é que ela percebeu alguma coisa, né? Daí ela (...) pôs lá perto da cama o modess, nem falou nada. (...) Até hoje (...) a gente é super fechada uma com a outra.(...) Não dá pra engolir, né? Às vezes eu (...) quero ajudar ela, mas depois eu falo: “Eu aprendi com a vida, ela aprende!” (IV-1)

Algumas mulheres relataram que a menarca foi simplesmente vista com naturalidade, sem que representasse o coroamento de expectativas ou a visão do horror que acometeu muitas meninas. Todas as mulheres que encararam com naturalidade a vinda da menstruação sabiam o que era e do que se tratava; seja por meios “oficiais”, ou “escusos”.

Olha, a minha mãe, quanto a isso, conversava muito comigo (...) eu era muito de prestar atenção, escutar as conversas, perguntar. Então pra mim, eu já esperava por aquilo, então... não foi surpresa, não.(...) Eu não fiquei assim, decepcionada; mas (...) não foi uma coisa assim que eu ficava esperando, ansiosamente... (...) era uma coisa natural, que tinha que acontecer e que não tinha como evitar, né? (IV-6)

Grande parte dos relatos sobre o silêncio que envolveu a menarca não trouxe apenas o aspecto da vergonha de contar à mãe. A menarca também foi vista como coisa individual, muito íntima, que confere à menina a sensação de que tem vida própria. O segredo sobre a sua menstruação parece contribuir para que a mulher construa o seu próprio universo, como pessoa.

Só que (...) eu sabia tudo o que eu tinha que fazer. (...) cheguei em casa [da escola], coloquei um modess, tomei banho... quando ela chegou, eu

estava até arrumadinha e avisei: “Mãe, eu tô menstruada”. Aí ela me deu parabéns, falou que agora eu... sou uma mulher, que eu podia ter filhos... Mas sabe o que eu percebi? Que é uma coisa individual; foi uma coisa assim minha, sabe? (...) peguei o modess, coloquei... Era uma coisa só minha, (...) Eu sabia quando começava, (...) quando terminava... e eu gostei muito. (V-2)

Eu também, quando foi a primeira vez, eu tava na escola, e não sabia o que fazer (risos) porque a minha mãe nunca tinha falado...(...) Aí, o que eu fazia? rasgava um pedacinho de pano (risos) e colocava. Porque com vergonha de falar pra mãe, perguntar o quê que era, e medo dela não explicar, ou não sei o que a gente pensa na hora, né? (...) [dias depois] conversei com a minha irmã mais velha, (...) Aí vinha, ia embora e ninguém ficava sabendo. E eu nunca conversei com a minha mãe sobre isso...(VII-1)

Muitas relataram o medo ou a vergonha de que o pai viesse a saber, como se a menstruação fosse assunto que concerne apenas às mulheres. Parecia constrangedor que o homem tomasse conhecimento dessas coisas de mulher, para a menina e muitas vezes para o próprio pai.

(...) fui pra escola, fiquei menstruada lá; (...) mal sujou a calcinha; cheguei em casa e já contei pra ela... E foi tudo muito natural – só que a minha preocupação era ela contar para o meu pai. Meu rosto queimava só de imaginar (...). “Mãe, eu não quero que o pai fique sabendo.” Aí eu lembro, (...) muito bem dessa cena: eu tava saindo do quarto quando ele entrou, chegou do serviço, (...) e a primeira coisa que ele falou: “Ah! Meus parabéns!” (risos gerais). (...) abraçou, e ficou aquela coisa assim de tanta alegria – que não era motivo (...) aquela festa toda, que os dois fizeram – e eu muito constrangida (risos de V-2) e eu morrendo de vergonha...(V-3)

A minha mãe sempre foi muito aberta, também, conosco; (...). Então quando ocorreu pra mim, foi tranquilo,(...) Mas o maior problema daí foi o meu pai; (...) sempre muito reservado; (...) quando minha mãe contou pra ele, (...) ele não falou nada pra mim; (...) “Ah, agora você tem que orientar ela, que ela não pode ficar sentando de qualquer jeito, que não pod..” – sabe assim, um monte de “não pode”? – mas eu fiquei tão assustada! (rindo) (...) Eu não sei se é (...) o ciúmes (...) com a sexualidade da filha que está aflorando, né? Porque... daí você já passa de ver o filho de outra forma. (...) (V-4)

O relato da assistência que um pai deu à sua filha quando menstruou pela primeira vez mobilizou as demais participantes como grande novidade, confirmando a idéia de que menstruação é coisa de mulher. Em outro relato, a atitude constrangida do pai e da menina oferece mais um exemplo deste pressuposto.

A primeira menstruação minha eu estava brincando, no quintal, (...) E como eu não tenho mãe, eu moro (...) com a minha avó... E só estava em casa eu e meu pai; (...) Daí meu pai que viu. (...): “Olha! Desceu.” Como minha [tia] tinha explicado, né? eu falei: “Ah, pai, tá bom; eu vou tomar...” (V-5)

Que bonitinho!...(riso terno) (V-2)

Eu mesma tomei banho, ele levou o modess pra mim no banheiro, eu coloquei... e voltei a brincar! Então foi ele quem me passou tudo isso, né? “Agora você já está mocinha; (...) está doendo?”(...) Mas eu não tive nada assim de... pode fazer isso ou não pode fazer aquilo..(...) pra mim - a única coisa que mudou foi ele que... viu primeiro, né? e que meu deu modess. Mas só. Porque no resto... (V-5)

Nossa, foi uma postura super legal dele, né? Muitos pais falam assim: “Ai, fala com a sua tia! Não viu não, que tá sujo?! Vá falar com sua tia!” - super legal. E você agiu com naturalidade, né? que você colocou o modess... e voltou pra brincar! (risos) (V-2)

A minha primeira vez foi assim: ó, eu estava no banheiro, sentada lá, né, pensando na vida (...) eu senti uma dor, uma cólica, sabe, torcendo tudo. Ah, pra quê!.. (...) “Ai, a privada está sangrando.(...) Ai, Jesus!” E comecei a chorar, chorar, chorar – a minha mãe não tava. Aí o meu pai (...) olhou na privada e falou assim: “Fia, entra no banheiro, (...) o pai vai te dar um negocinho.” Aí ele veio e me deu um tufo de pano (risos) (...): “Coloca aí na... nas suas coisa aí, né? (risos) e espera a mãe chegar.” (...) saí pra rua que nem uma pata, sabe? (risos) todo mundo dando risada da minha cara. (...) não queria ficar dentro de casa, porque eu tava com vergonha do meu pai, (...) (VII-4)

4.1.3. Pós - Menarca

A menarca, para a imensa maioria das participantes, representou uma mudança – não apenas física, como também na maneira como a família passa a ver a menina (agora

“mocinha”). A princípio, a família – principalmente a mãe e a avó – alegra-se e divulga o fato aos quatro ventos (motivo de imenso embaraço e constrangimento para a protagonista).

Mas pra família também. A mãe e o pai fica feliz pelo filho. (...) A minha mãe contou pra minha avó, (...) pra todo mundo, como se isso fosse uma notícia muito importante na vida dela, mas... porque na nossa, até então, [para] você não tem tanta importância, você não sabe muito bem o que é, (...) (VII-3)

Ah, minha mãe ficou feliz: já saiu falando pra todo mundo (...) “ela já é mocinha.” (I-1)

Ai, que vergonha, nossa! Você fica roxa... (I-6)

Eu falei: “Mãe, não era pra senhora contar pra ninguém!” (I-5)

E falava pros meus tios, que eram homens... ai, eu detestei! tá louco!... (I-1)

Principalmente entre as comadres (...): “Ai, a minha já é mocinha; e a sua?” (risos) (...) Assim, tipo, mais uma vantagem do filho, né? (...) (IV-6)

A partir da menarca, aparece uma vigilância cada vez maior com relação aos passos da menina, e a cobrança da família (velada ou explícita) de um comportamento à altura do novo *status* adquirido. O novo comportamento inclui o modo de se sentar, vestir, o manter-se distante dos meninos, proteger sua “virtude”. Aparece, com força, a palavra de ordem que caracteriza socialmente o papel da moça de família: o recato (BASSANEZI, 1997). Em outros termos, a menina passa a *ser* um perigo, e a *estar exposta* ao perigo, pelo simples fato de ter menstruado.

Mas a família também cobra atitudes mais maduras, né? “Senta direito agora! (...) você tá menstruada, vai aparecer! (...) já não é mais criancinha não; você é mocinha. Não fica com o pé no chão! Olha a dor de cabeça!” (IV-2)

“Olha, o short está muito curto! (...)” (IV-3)

(...) “não vai encostar em homem, que fica grávida, hein?” (risos) (IV-2)

Você não pode fazer nada! (risos) (IV-3)

Olha, sinceridade, eles são assim: (mudando o tom de voz, bem irônica) “Tem que tomar cuidado agora, pra não ficar grávida” (I-1) (risos gerais)

É horrível, parece que você vai sair com todo mundo. (I-6)
Falam: “Toma cuidado com a sua filha!” (I-2)
Ah, é horrível gente! Meu pai não deixava eu sair de casa. (I-6)
Eu acho que, primeira coisa é isso: eles ficam felizes, mas (...) é como se acabasse o sossego... (I-1) (risos)

“Senta direito porque você é uma moça!” - (...) parece que sua vida tem que mudar, anos, de um dia para o outro (...) você era uma menina hoje, amanhã você acorda menstruada você tem que ser uma moça. (pausa) Tudo que você fazia ontem você tem que esquecer... (...) e começar uma nova vida, a partir do outro dia. (VI-6) (...)

O fato de eu ficar mocinha, (...) minha mãe me deu mais responsabilidade. Falou que eu já era mocinha, que eu já era mulher, (...) podia tomar algumas obrigações, já. Então assim: eu cozinhava, (...) cuidava dos meus irmãozinhos, (...) nos fins de semana eu fazia comida para minha mãe, para ela descansar. (V-2)

Algumas mulheres explicavam a revolta e a não aceitação da sua passagem de criança a *mocinha*. Atribuía-nas ao tolher da liberdade de que desfrutavam antes e à imposição de um comportamento, contra o qual se rebelavam.

Ah, eu ficava irritada, porque qualquer coisinha, minha mãe falava assim: “Você já é moça. Olha o jeito que você está sentando; olha o jeito que você está andando, olha do jeito que...” - minha avó (...): “Olha, olha essa menina!” - eu era a única neta, então era um pé na minha paciência, né? (...) eu sempre fui muito molecona, (...) então eles começavam a me tolher... (II-2)

Ao mesmo tempo, já que a tratam diferente nos seus deveres, a menina passa a demandar que lhe tratem diferente nos seus direitos. Assim como lhe cobram mudança de comportamento, também ela cobrará que não mais seja vista nem tratada como criança:

porque a gente sai daquela fase que a gente é criança, pra mocinha. A gente quer ser moça de qualquer jeito. Então a gente quer aquele negócio, assim, de igual para igual. Eu não queria que a minha mãe me chamasse de filhinha, né? (...) Eu queria um tratamento diferente, porque eu já era moça (...) Muda. A criança muda. (...) Já se sente diferente. (IV-3)

Muda (...) a mãe da gente sente, que a gente... virou adulto. Pelo que minha mãe achava, era isso.(...) [a gente] Sente [a mesma coisa]; eu senti.(...) Achava que podia namorar, podia sair de casa sem pedir pra mãe. (...) mas a primeira vez que eu saí, eu levei uma pisa. (risos) (VIII-8)

A partir da menarca, a menina deve cuidar de si e ser cuidada, para não vir a ser motivo de desonra para a família, sem entender por quê. As mulheres relatavam como viam o irmão ter regalias proibidas a elas, sob a ameaça de receberem rótulos pejorativos, sem ter muita noção de seu significado. E, se antes podiam brincar à vontade, após a menstruação, vêem concretamente sua liberdade tolhida pelo pai, e seu corpo vigiado pela mãe. É a partir da menarca, segundo CLAPIS (1996), que se estabelecem mais definitivamente as relações de gênero, quando os papéis do irmão (e seu direito de buscar o mundo lá fora) e o da menina (restrita, agora, ao lar) se estabelecem (BASSANEZI, 1997). A mulher constrói o significado da menstruação como marco de virar mulher, e ao mesmo tempo receber o peso que isto carrega.

Eu não sei por quê; é um preconceito que a gente sente tão forte em cima da gente quando fica menstruada pela primeira vez, que é terrível. Você vê a diferença do seu irmão: seu irmão vai pra onde quiser a hora que quiser, volta a hora que quiser também. (...) Aí começam as brigas, né? “Por quê ele pode e eu não posso?” (I-6)

Eu, antes de eu menstruar, meu pai deixava eu ir no bosque com as menina e os meninos, aí eu ia pra cima e pra baixo. Depois que eu fiquei mocinha, aí (...) eu ficava só dentro de casa. Então eu fiquei mais brava por causa disso.(I-4)

Não, a gente leva nome! a gente vai virar biscate... Ai, gente, você não tá fazendo nada de errado e você tá tomando nome já de coisa que você nem sabe!...(risos) (I-6)

Se você for sair, (em tom ameaçador): “Ó, vão falar de você, ó. Vão acabar falando de você!” Às vezes (...) a criança é tão assim, inocente...(I-2)

Antes de eu menstruar, meu pai não vinha me buscar na escola; eu ia sozinha, voltava sozinha... Depois que eu menstruei, ele ia todo dia, achando que eu ia arrumar namorado. (risos) Todo dia; eu passava até vergonha (...) E com a minha mãe, sempre conversei; mas com o meu pai, não.(...) ele ia falar com a minha mãe; minha mãe ia, passava pra nós. (risos divertidos) (VI-1)

Nas diferenças de tratamento entre o filho homem e ela, e de papéis do pai e da mãe no controle menstrual e comportamento da filha, observam-se aspectos de gênero bastante definidos. Cabe ao pai a autoridade de proibir. Os conselhos, as admoestações, o controle sobre os absorventes são atribuídos à mãe. Grande parte das mulheres relatava a falta de apoio e orientação maternos. A queixa principal era a falta de liberdade para perguntarem, pela atitude desconfiada da mãe, no seu papel vigilante da virtude da filha. Atribuía-se à falta de diálogo com a mãe as suas experiências de gestações não planejadas, a ignorância quanto à sua sexualidade. Sempre que falavam sobre o período que se seguiu à menarca, as mulheres citavam as dificuldades que tinham de falar de sexo com a mãe, a ausência de orientação, as proibições sem explicação.

eu fiquei (...) sabendo pelas outras pessoas, pelas colegas. Ai eu fiquei menstruada, mas.. eu não tive coragem assim de falar [para a mãe].(...) ela percebeu, mas também não teve coragem de chegar e conversar.(...) só falava: "Cuidado, cuidado". (VIII-7)

A minha mãe (...) não falava a respeito, (...) acho que esperando que eu fosse chegar e perguntar. Só que o medo era (...) ela querer saber, em cima da pergunta que eu fiz, o que estava acontecendo. Porque (...) se você tá fazendo essa pergunta é porque você tá fazendo alguma coisa; nunca é (...) porque você quer saber, pra se informar; (...) quando eu fiquei menstruada, (...) piorou: porque daí ela queria saber onde eu tava, com quem (...), queria ver (...) o jeito que chegava a calcinha, (...) sempre cutucando (...), [eu] não sabia o (...) que ela esperava que eu falasse pra ela; até o dia que eu fiquei grávida. (...) (VII-3)

E elas [as mães] acham,(...) que a gente tem a obrigação de contar tudo pra elas. Mas como você vai ter obrigação, se a sua mãe não dá liberdade? Imagine: se você vai tocar num assunto, já acha que você está fazendo alguma coisa. (...) (VII-8)

Mas, aí a partir de tudo, a mãe vem,(...) ela que comprava sempre o modess, e aí (...) você não tem como esconder da sua mãe, (...) que você é uma mulher. (...) Ai chega a segunda parte, que é (...) quando a sua mãe nota que você não está menstruando um dia. (...) "Por que você não usou hoje? Por quê que não desceu pra você esse mês?" (VII-6)

Às vezes nem a filha quer muita interlocução com sua mãe, mantendo-se reservada quanto a assuntos que lhe pertencem. As amigas, primas, vizinhas, fazem o papel de “confidentes”; mas são sempre mulheres. De acordo com relatos, os pais – mormente a mãe, que, na visão delas, seria mais responsável por isso – não sabem lidar com a possibilidade do despertar da sexualidade da filha após a menarca, e têm dificuldade em ensinar-lhe sobre menstruação e sexo, e a falta de informação adequada “perpetua os mitos que adquiriram” (CUMMING et al., 1991).

Quando eu menstruei, minha mãe (...) só foi ficar sabendo (...) na quarta ou quinta menstruação minha; (...) Depois é que ela veio conversar, falou: “você devia ter falado”. Ai ela sentou, (...) explicou: o que que era, que todo mês ia vir, que se tivesse relação ia engravidar, que o rapaz não podia beijar na boca – botou um monte de conversa... boba, na minha cabeça. (VIII-6)

É muita falta de orientação, né? (...) minha mãe não falava nada, (...) Eu uma vez fui numa festa e dei um beijo na boca de um rapaz e falei pra minha amiga: “tô grávida (...) beijei um rapaz”. Mas ela falou que não era beijando um rapaz... (I-5)

A cobrança da família por uma nova conduta pode ser velada, sem explicações. A menstruação, em si mesma, parece motivar todo um recato: não se deve falar *dessas coisas*, nem mostrar ao mundo sua condição. A discrição sobre a menstruação foi tema de estudo de LAWS (1990), que constatou sua existência e seu poder ainda hoje. Este tema também apareceu em vários grupos focais, quando as mulheres manifestavam sua reação à vergonha imposta pela menstruação, ou quando admitiam que não era assunto que se devesse “espalhar aos quatro ventos”.

(...) parece que existe uma cobrança, (...) implícita, de (...) atitudes de uma pessoa que seria assim mais velha, e (...) muitas vezes você não tem essa maturidade pra responder à altura daquilo que estão esperando de você. Muitas vezes eu me senti assim: pressionada, ou cobrada mesmo, implicitamente: “Olha, cuidado com essa roupa, você já é mocinha...” (II-4)

(...) minha mãe falou para mim: “você não fica falando para os meninos que você está menstruada, não.” (risos) Eu tinha a língua desse tamanho, e me enchiam o saco e eu falava: “Sai fora, que eu estou menstruada!” (risos) Só porque ela falou que não era pra falar...(II-6)

A gente aprende que é uma coisa vergonhosa. (...) na escola, (...) você não queria pegar o absorvente e os meninos vê que você estava menstruada; que coisa horrorosa! (...) [é] uma coisa fisiológica que está acontecendo; que é necessário. Só que a gente tem muita vergonha. (...) [se] algumas [meninas] são mais desinibidas, as outras olham com desconfiança: “Ai, que menina!.. escrachada, né? Olha só: (...) não é discreta.” (V-2)

Algumas mulheres não acharam que a menarca tivesse trazido alguma mudança na forma como eram tratadas. Elas eram a grande minoria, e seus relatos traziam um certo amargor, como se não tivessem sido notadas, principalmente pela mãe.

Ela [a mãe] não tinha muito tempo pra mim, mas ela continuou tratando do mesmo jeito. Não mudou muito, não. Sempre... sempre meio distante uma da outra. (...) Eu cobro essa parte dela. (IV-1)

Não mudou nada: pra ela tanto faz. (...) Porque eu tinha que trabalhar cedo, então eu ia trabalhar, voltava, ela não mudou nada comigo. (...) pra mim foi muito diferente. A minha mãe era muito fechada, e também muito leiga. Nada ela sabia, nada ela explicava. (IV-7)

4.2. REGRAS E TABUS

Muitas mulheres descreveram regras de comportamento, muito similares, que foram recebidas a partir da menarca. Em geral, essas regras – ou tabus da menstruação – referem-se a proibições alimentares, bem como a cuidados com relação a hábitos diários e de higiene.

Que não pode lavar a cabeça, tem coisa que não pode comer, a menstruação pode causar doenças, não sei... (VII-9)

Hábitos que são tabus à época da menstruação têm a ver com o temor ao frio. Lavar a cabeça, molhar a barriga, andar descalça, tomar sereno, coisas geladas – são coisas a evitar a todo custo. As conseqüências referidas vão do perigo das dores (de cabeça e cólica, principalmente) até a loucura, o retardo mental, a morte.

Não podia lavar a cabeça, que subia pra cabeça.... não por o pé no chão, não molhar a barriga: “Menina, sai do molhado! Não molhe a barriga no tanque!” (IV-2)

Ela [a mãe] também falava pra mim não lavar a cabeça, é aquele tempo que alguém tinha lavado, tinha ficado louca, (...) sempre tinha uma história pra contar do que havia acontecido com outras mocinhas. Então, eu procurava também não lavar.(...) (VIII-7)

Uma vez minha mãe falou assim: “Olha, tem uma fulana” – ela era, ou tinha nascido retardada – minha mãe falava que ela tinha ficado retardada depois que ficou menstruada e tinha tomado sorvete. (II-2)

Agora não, né? mas antigamente, depois que a gente já era mocinha, eles falavam que não podia tomar banho, lavar a cabeça, quando estava menstruada, senão o sangue subia pra cabeça, morria, né? Tinha essas coisas. Não podia tomar friagem...(III-10)

Quanto às proibições alimentares, alguns alimentos, se ingeridos, confeririam ao sangue menstrual características não aceitáveis.

Alimentação também, né? Tipo assim: ahh... couve.. Coisas podres, né? – peixe, ovo, carne de porco, repolho...(...) diz que fica assim um cheiro mais forte...(II-3)

*Eu não podia comer ovos, é porque senão fedia...(VI-1)
Isso, dos ovos, minha mãe falava. Que a gente fica cheirando mal, se come ovo. (VI-6)*

Os relatos evidenciaram uma característica marcante das regras e tabus: são passados pelas mulheres da família, principalmente a mãe e avó. Menstruação pertence ao reino

feminino; cabe às mulheres reproduzir e perpetuar os valores culturais, ainda que hoje sejam menos considerados.

É [coisa] de avó, porque passa de mãe pra filha. (risos) Vem vindo de longe...(I-1)
É de avó mesmo, né? Porque quando eu falei que tinha lavado a cabeça minha avó ficou brava! (I-2)

Diante das regras e proibições de qualquer natureza, a mulher tem duas condutas básicas: obedecê-las ou não. Independente da sua atitude, ainda há dúvidas e considerações sobre a validade desses tabus. Muitas mulheres se perguntavam, nos grupos, se os sintomas que experimentam hoje, à época da menstruação, não estariam relacionados à desobediência a essas regras.

Mas a pressão também é muito grande, sabe? “Ai, mas você não sabe que os antigos falam isso? Minha filha, o que os antigos falam é que é importante!” Ai, meu Deus!... (I-6)
Esse negócio de antigo é que deixa gente irritada. (I-4)
E aí você acaba acreditando que foi por isso mesmo que você teve o problema.(...)
Só que hoje em dia eu tenho muita dor de cabeça. (...) direto doendo. E eu já fiz vários exames, não deu nada. Ai minha mãe fala: “é porque você lava a cabeça, quando tá assim, com água fria, bebe água gelada” (I-5)

Houve mulheres que chegaram a buscar uma lógica, um *rationale* que justificasse a existência dos tabus à menstruação; não apenas como conjectura teórica, mas também baseadas na sua própria vivência: o que as alivia, alterações que percebem com um hábito ou outro.

... assim: tem uma coisa (...) da cultura popular (...) que não é possível que saia do nada (...) a história da alimentação,(...) talvez tenha alguma coisa a ver mesmo, (...) Não sei, acho que... é sangue, está no

organismo, tá saindo... (...) não sei se apodrece o sangue; mas (...) por que é que dá olheira? Falam que esse sangue (...) não faz falta. Mas que a gente fica com olheira, fica; fica abatida... (II-6)

Principalmente quando tem cólica, né? (II-4)

Daí é meia mesmo, nada de banho, (...) você está com dor, você quer se aquecer! Eu lembro de deitar com cólica quando era menina e cobrir os pés, que o pé ficava gelado. Então, não é tudo sem sentido; (...) E a alimentação: não sei se não tem nada a ver também, sabe?(...) (II-6)

Eu não sei, mas eu acho que dá uma certa vontade de ficar na sua; (...) minha TPM é forte mesmo, é cavalhar!.. (II-6)

Em praticamente todos os grupos focais, a questão das regras e tabus relacionados à menstruação despertava a idéia da “dieta” puerperal, que parecia ser levada muito mais a sério pelas mulheres. Com frequência foi necessário interromper as divagações sobre “as dietas” e retornar à menstruação.

Não, na minha menstruação,(...) sempre comi de tudo. Só nas dietas que eu não comia isso – coisas podres; porque dizia os antigos: você tava aberta, que, a mesma coisa da menstruação que fica aberta, dá infecção, dá isso, dá aquilo...(…) Ovo, carne de porco, repolho, peixe... couve... – diz que são coisas que... ele ajuda a inflamar. Então a gente ouvia, mãe, vó falar, então ficou aquilo na cabeça. (VIII-6)

Eu acho, eu acho. Sabe por que? Quando a minha filha nasceu (...) não lavei a cabeça os 40 dias. Já a segunda filha minha, (...) a médica já pediu para eu lavar, eu lavei. Conclusão: agora a minha menstruação agora é cólica direto; e antes eu não tinha! Você entendeu?(...) (II-5)

Pode ser psicológico... (II-2)

Será? não sei... (II-5)

Algumas mulheres diziam obedecer alguns tabus porque assim lhes foi ensinado; justificavam-se, também, baseadas na longevidade ou na saúde das suas ancestrais, que os seguiam.

Eu faço que nem ela: eu espero. [para lavar a cabeça] (...) A minha mãe me (...) passou isso, muito. É psicológico, né? (...) Agora, a minha mãe acha assim, ó: “Mas a sua avó morreu com 90 e poucos anos; a sua tia tem 90 e poucos anos.” Entendeu? Então, ela acha que isso é importante.(II-1)

Enquanto vê-se mulheres cuja obediência aos tabus é incondicional, outras o fazem por “conhecimento de causa”: fizeram experiências e constataram, por si mesmas, que houve alterações. As mulheres, no entanto, manifestavam desconfiança quanto às suas próprias percepções; a frase “pode ser psicológico” apareceu por diversas vezes, quando tratavam da obediência ou não dos tabus antigos.

Eu não lavo a cabeça. (...) cada vez que eu lavo diminui a menstruação... de sangue; e a dor de cabeça fica louca. Eu tenho que ficar tomando chá quente, aquele monte de remédio pra voltar a descer. Se eu lavar a cabeça, pára. Eu já fiz várias vezes pra ver se é. (...) (VIII-6)

De andar descalça, sim [já fez a experiência]. Quando eu coloco meia, passa a cólica. Eu não sei se isso é psicológico; mas que passa, passa! (VI-2)

Eu mesma reparei: comer ovo, (...). Porque eu menstruo, não tem aquele cheiro; se eu chego a comer – não sei se é psicológico, mas... aumenta; o cheiro aumenta. (VIII-6)

Em muitos relatos as mulheres comentaram que seguiam as orientações apenas enquanto estavam sob a “jurisprudência” e cuidado das mães e avós; a partir do momento em que passaram a cuidar das próprias vidas, deixaram de lado os valores antigos. Contudo, ainda que muitas mulheres, hoje, não sigam essas regras, houve relatos em que a menina, assim que menstruou, passou a agir conforme o que lhe haviam ensinado.

Escondi um pouco da minha mãe.. (...) Eu adorava lavar a cabeça, daí eu comecei a não lavar.. – aí ela já se tocou né? (...): “Você não vai lavar a cabeça, porque vai dar cólica, (...) não vai tomar sol, não sei o quê”. (...) Até hoje eu tenho que mentir pra ela. Se ela me vê com o cabelo molhado, é uma briga. Mas é legal, né? Porque ela tem esse jeito, ela não lava mesmo a cabeça, não faz nada (...) destas coisas. Eu que já não sigo muito; ela é (...) bem controlada, nesta parte. (VI-3)

Então, até quando eu tava lá, junto com a minha mãe, eu sempre preservei isso; (...) Depois que eu casei que eu passei a ser dona de mim, aí eu como tudo; só que eu não sei se é psicológico também, eu sinto que (...)

é um odor, assim desagradável. Eu não acho legal; então eu evito o máximo (...) (VIII-9)

... quando eu ganhei a minha filha, eu tava na casa da minha mãe, então eu não fazia nada. Nossa, eu fiquei 40 dias (...), eu não conseguia nem mover a cabeça, de tão suja que tava.(risos) Aí quando eu ganhei meu filho, já não tava morando com a minha mãe mais. Aí, pronto: desmanchou tudo, né?(...) lavei a cabeça, (...) comi cebola, eu fiz não sei o quê, (...) E eu tenho dor de cabeça bastante, também; e eu às vezes falo: “deve ser isso.”(I-2)

A desobediência aos tabus aprendidos também pode ser motivada por rebeldia: “só para ser do contra” ou para “ver o que acontece”. Muitas reconheciam que tais regras pertencem a um tempo em que as “verdadeiras” e necessárias orientações que deviam ser dadas (sexualidade, a própria menstruação) eram substituídas pelos cuidados e proibições. Em outras ocasiões, a desobediência não era desvinculada do medo das suas conseqüências; desobedecia-se, ainda que com temor do que podia advir.

É. Pra ver se realmente dava o que todo mundo falava: “Se você molhar a barriga, você vai ter uma cólica, que você vai se torcer.” Aí eu já não queria ir muito pra escola, aí que eu molhava a barriga. Mas não dava cólica nenhuma. (risos). E eu tinha que ir pra escola.(IV-4)

Eu lembro quando eu menstruei minha mãe não queria que eu fosse na rua brincar de pular corda, de correr... (...) E eu fui brincar; minha mãe ficou brava. (...) sempre lavei a cabeça, nunca fui tão assim como elas falam, não.(...) [Minha mãe] me ensinava, mas eu me sentia bem; (...). Eu achava assim: “Você aprendeu isso na tua época; é diferente. A tua mãe não ensinou nada.” (...) E eu, ela já me explicou (...). Então (...) eu não deixei de fazer as coisas que eu fazia, quando eu tava menstruada. (VIII-2)

Eu tinha medo, mas fazia, né? (...) Tomava banho, lavava a cabeça, tomava sorvete... Morria de medo. (...) Então eu ficava com aquilo, me dava aquela dorzinha – que bobeira! – eu achava que era porque eu tinha lavado a cabeça, (...) tomado sorvete...(risos) (II-2)

Ainda que este estudo não tenha o objetivo de debruçar-se com profundidade sobre crenças e regras de comportamento, a relação entre menstruação e sexualidade aparece veladamente em alguns tabus. Várias mulheres, especialmente as de maior faixa etária, citaram o medo que lhes incutiam do mandarová, ou taturana, representando, provavelmente, o elemento fálico. A menina devia manter distância do sexo oposto, através de tabus que notadamente carregavam forte conotação sexual, em um movimento de proteção à virgindade. O que esses tabus pareciam informar à menina é que, a partir da constatação de que existe, em seu corpo, um orifício por onde *sai* o sangue, por este mesmo orifício podem *entrar* coisas – em geral perigosas.

A minha mãe, a minha avó, colocavam muitas “minhocas” na cabeça, elas eram antigas. A gente trabalhava na roça; (...) dizia assim pra gente: quando a gente ficava menstruada, não podia deixar a calcinha em qualquer lugar, porque passava largata, mandorová. A gente não podia sentar nem sequer aonde que o homem acabou de sentar – a gente sentar, ficava grávida. (III-2)

Aí, falava assim: “Ah, mas quando está menstruada, você, você não pode... (...) ficar andando no (...) meio desse mato, porque aí o bichinho vai pra dentro da barriga..”. (IV-4)

Aquele (...). Como é que chama aquele bicho de perninhas, peludinho?(...) Taturana! “Cê num passa a mão em cima da taturana que você engravida!”(...) (IV-7)

É coisa de antigo. (IV-2)

Assim: não podia menstruada, passar em cima do mandorová, pular por ele, que senão você, a barriga crescia e era só mandorová. (...) Diz que depois tinha que sentar no leite, pra tirar. (III-2)

Através das crenças, a menstruação reveste-se de um poder misterioso, um significado mágico. A mulher menstruada pode atrair animais, secar o leite das mulheres que amamentam, alterar a qualidade dos alimentos com que entra em contato. O caráter mágico e venenoso do

sangue menstrual remonta desde a Idade Média, e era forte no Brasil colonial (DEL PRIORE, 1997), parecendo perdurar nas falas das mulheres de maior faixa etária estudadas.

Fazer bolo, desanda maionese... (IV-5 e IV-6)

Visitar mulher que teve nenem. Porque seca o leite (IV-2).

Ah, o meu secou. O meu secou.(...) Ela veio na minha casa; sentou na minha cama.. (risos) Eu tinha um seião, bastante leite; no outro dia não tinha mais. A minha mãe falou: “Ai, a Fulana estava menstruada?” – “Ah, mãe, eu não sabia!”- “Ah, secou o leite da minha menina!..” E eu não tive mais, mesmo. Agora, o porquê eu não sei. (...) nunca mais eu dei de mamar pra minha filha.(...) É o que todo mundo fala, né? Mas se é coisa de antigo... (IV-7)

Tem que avisar. (IV-4)

Interessante é que o homem, quando ele olha para a mulher, ele sabe que ela está menstruada.(...) (II-3)

Que até no beijo, eles percebem que a mulher tá menstruada (II-5).

No beijo nunca ouvi não; de olhar ele sabe (...)(II-3)(...)

Eu acho que sabe mesmo, (...) pelas olheiras, né? (II-4)

Não os homens de hoje, os novos; os homens mais antigos. (risos) (II-5)

Então diz que até o sapo persegue a mulher quando tá menstruada; que teve uma, que tava menstruada, foi fazer xixi, lá não sei aonde, o sapo veio... mordeu. [os genitais](...) sentindo o cheiro do sangue. (III-2)

Quanto às regras e proibições estabelecidas, apareceu em vários grupos a idéia de que, quando são desobedecidas desde a primeira vez, não há perigo. Contudo, uma vez obedecidas, a mulher está vinculada ao tabu para sempre, e, se desobedecê-lo depois, arcará com as conseqüências.

Eu quando (...) abri o chuveiro que eu olhei e vi que tava menstruada pela primeira vez, aí eu entrei. (...) Porque a mãe falava: “se você lavar a cabeça a primeira vez, depois a segunda não tem problema.”(III-9)

Quando eu menstruei pela primeira vez, ela [a mãe] falou bem assim: “É bom começar a já lavar a cabeça desde o começo (...), que aí você vai poder lavar até o resto da vida; senão depois você não pode!” Porque a mãe dela não deixava ela lavar a cabeça (...). Hoje ela não segue mais, mas ela ficou muitos anos seguindo. (VI-1)

Os tabus se justificam sob este grande “paradigma”: a menstruação é um evento especial, que demanda da mulher cuidados especiais – consigo mesma e com os outros. Isto permanece ainda hoje, como herança ancestral histórica das culturas antigas.

A minha mãe não deixava a gente sair na época que estava menstruada. Se era três dias, era três dias dentro de casa. Arroz-feijão não deixava a gente comer: era canja que fazia pra nós. (III-4)
??? tipo de dieta, que pelo amor de Deus! (III-5)

Menstruação era como se fosse doença, né?(...) como se naqueles dias você estivesse doente... (II-2)
Como se tivesse ganhado nenen (...) “de resguardo”, que falava. (risos) (II-5)

Antigamente quem tava menstruada não lavava a cabeça, não ficava descalço, não tomava sereno... Hoje não: hoje é normal, é que nem todo dia. (...) Mas você sabia quem tava menstruada, porque.. ficava como se fosse uma dieta (...) (VIII-6)

4.3. SIGNIFICADO

Propositadamente, a primeira questão do roteiro referia-se à definição de menstruação para cada mulher. Esta abordagem permitiu a emergência de informações que possibilitaram observar a relação entre o fenômeno em si e os aspectos que perfazem seu significado.

As mulheres, em todos os grupos focais, pareciam ter dificuldade em definir o que é a menstruação. Discorriam sobre sua função, sobre os sintomas, o que achavam dela, para quê servia – mas engasgavam na hora de defini-la. Buscavam explicações, atrapalhavam-se; algumas disseram que queriam ver esquemas explicativos que as fizessem recordar melhor.

Eu não sei o que dizer, em que sentido que é a menstruação; até hoje, a mulher não sabe, não tem conhecimento disso.(VII-8)

É um sangramento.(...) Pra mim é um sangramento é, como se fosse um, é, como é que fala, não sei usar a palavra certa.(...)(VIII-1)

Esse “engasgar” não pode se atribuído somente à intimidação presente no início de cada grupo focal. A necessidade de descrever corretamente um fenômeno biológico para alguém da área de saúde poderia ser outro fator. Ao mesmo tempo, pode ser difícil explicar um evento fisiológico, comum. Não obstante, a definição dada pelas mulheres já trazia o primeiro significado que lhes vinha à mente, sem que tivesse sido “contaminado” pelo teor das perguntas subsequentes, nem pelos relatos e idéias das demais participantes. Dos exemplos abaixo, pode-se observar que já apareciam concepções de como é a natureza da mulher, vislumbram-se questões de gênero, aspectos religiosos e míticos.

A minha mãe costuma falar que é a saúde da mulher, né?(I-5)

Bom, a minha mãe ensinou que era... uma limpeza do sangue. Menstruação era para purificar, (...) Então o sangue... é limpo, e aquele que não serve é posto para fora. (...) Mensalmente. (...) depois, meu conceito foi outro, né?(II-3)

Eu não sei responder o quê que é; eu sei que é um distúrbio que a gente tem, é um sangramento que é um cúmulo de sangue que vai pro.. – eu não sei (...) por quê que sai esse sangue; mas eu sei que acumula uma certa época, que a mulher tem que soltar. O homem não tem, mas a mulher tem. Sempre a mulher tem alguma coisa, o homem sempre salvo, a mulher sempre acarreta do outro lado.(VII-6)

Eu acho que é (...) uma expulsão, e é uma coisa boa pra gente, né? porque se (...) chega o mês (...) não tem a menstruação, a gente já fica preocupada, né? (risos) (...) Eu pelo menos morro de medo de uma gravidez, né? (...) dou graças a Deus: “Ai, que bênção; veio!” Não é uma coisa boa; (...) incomoda – mas no mesmo tempo é bom, porque a gente fica despreocupada. E limpa também, né?(...) cada vez que desce uma menstruação a gente tá expulsando um sangue sujo. Isso que eu penso, comigo.(...) (VIII-9)

Ah, menstruar, é... é aquilo: (...) não estou grávida, né? É um alívio, (risos) (...) não vejo a hora que termine, que pare... mal estar que a gente sente... (...) Significa que eu não estou grávida, que meu organismo ainda tá.. trabalhando, funcionando normalmente... - tudo isso, né?(II-1)

Algumas mulheres comentaram, informalmente, que nunca haviam pensado muito a respeito de suas menstruações. Ela é dada como fato em si; existe e acabou – assim como o

sol nasce todos os dias. Esse sentimento do tipo “o que tanto há para se conversar, afinal?” aparece em outros trabalhos e publicações (SKULTANS, 1988). A situação de ter que definir algo tão corriqueiro e normal pode explicar tanto o embaraço que as mulheres manifestavam como também a própria escassez de definições claras do que é menstruação.

Eu nunca parei e pensei muito o que é menstruação pra mim. Mas, pra mim, eu me sinto muito bem, nunca tive problemas,(...) [antes] na adolescência, (...) era coisa ruim, a menstruação [pelas cólicas]. Mas agora, não: eu vejo, acho que é legal (...) (V-4)

Muitas vezes a explicação sobre o que é menstruação aparecia como um híbrido, composto de mitos e palavras médicas. As descrições representavam a menstruação como resultado da *transformação* do óvulo não fecundado; este transformava-se em sangue, para então ser expulso do corpo. Conceitos como preparação para receber o feto, a espera pelo espermatozóide vinculavam a menstruação à fertilidade.

Porque aquilo que sai, são.. é... sujeira e óvulos (...) que não são fecundados que saem, né? através da menstruação. Então vai saindo, até que a mulher não poder mais ter filho, né?(I-2)

Bom. Também acho que é a liberação do óvulo, né?(...) se não for fecundado, desce em forma de menstruação.(...) Imaginou se de repente, o sangue vai acumulando no nosso organismo, isso ?...(VIII-2)

Uma vez eu, aqui na UNICAMP mesmo, né? teve uma palestra (...), uma enfermeira ou médico, tava explicando (...) [que] a gente por dentro vai criando umas paredes, né? acho que no útero (...) vai acumulando, (...) Aí quando chega no tempo de ficar menstruada, aquilo ali desce, (...) limpa tudo por dentro, né? Pelo menos é o que sei mais ou menos,(...) porque foi explicado assim, né? Penso isso também, né?(III-1)

A descrição do que é menstruação às vezes dizia do seu propósito, sua função; as mulheres não diziam *o que é*, mas *para quê serve*. E a função estava ligada principalmente ao conceito de fertilidade e reprodução.

Pra mim a menstruação é simplesmente pra gerar filho. (...) porque se você não menstrua, você não engravida, entendeu? (...) Então, pra mim menstruação serve somente pra engravidar. É um órgão reprodutor do bebê. (...) A menstruação. (III-2)

Ah, eu penso (...) que é uma preparação. (...) um sinal, né? de que você ainda está no seu período fértil de vida; e que você ainda pode ser mãe, pode engravidar, ter filho, tal. Que é a... a preparação do útero pra receber um óvulo fecundado. Acho assim: neste sentido um bom sinal. Tirando isso... (risos gerais) O resto... (II-4)

Em muitos casos, as mulheres traziam para a definição a marca do desconforto que a menstruação significava para elas: algo desagradável, ruim, incômodo. Quando começavam a falar das suas mazelas, era difícil mudar o assunto; todas tinham algo de negativo a dizer. As queixas diziam respeito a problemas físicos, ao sangramento excessivo, ao estado de humor. Às vezes esses comentários não apareceram de imediato, como resposta à primeira pergunta, mas no transcorrer do próprio grupo focal.

Irritação, porque dá dor nas costa, dor nas perna (I-4)

Nem você se suporta, às vezes!.. (I-5)

Às vezes (...) essa parte assim, parece que vai cair no chão. Às vezes você segura assim, “será que vai cair mesmo?” (risos) Mas não é; é uma dor, assim, lá dentro. (I-2)

Não: parece que vai descolar lá de dentro. (I-5)

... lá de dentro e vai.. Puf! Ai todo mundo vai olhar pra sua cara: “O que é que caiu aí?” Porque é uma dor, assim... insuportável! (I-2)

Aí você pára, respira fundo, que aí passa. (I-1)

Parece que tá tudo solto lá embaixo; que alguém mexeu, não mexeu nas coisas direito e as coisas ficam meio estranhas (I-6)

O que vem [primeiro] na minha cabeça é a dor(...); pra mim dói, a menstruação. Até hoje, desde a primeira, ai! (...) eu só penso: “Puxa vida, já vai começar a dor de novo. E vai remédio!..” (V-5)

Às vezes, o incômodo; (...) dores, cólicas... (...) quando você tem que sair, você já pensa: “Ai, eu vou estar menstruada!” – entendeu? Parece (...) um obstáculo, (...) que você vai ter alguns dias [que] agüentar... (VI-6)

A atitude de “ensimesmamento” das mulheres durante a menstruação foi abordada em vários assuntos e merece destaque. Foi descrita subjetivamente por GRAHN (1993), e justificava, para as mulheres, sua indisposição para com as relações familiares e sociais, o trabalho, a vida sexual.

Mas eu sou assim: quando eu fico menstruada, eu fico carente, (...) Qualquer coisinha me ofende, eu já choro,(...) minhas filhas falam: “Você tá insuportável hoje!” - “Me deixa!” (risos). Eu entro no quarto fecho a porta. (III-9)

4.3.1. Saúde

Os relatos evidenciaram as fortes associações que as mulheres faziam entre menstruação e saúde. O corpo humano é visto, desde a medicina grega antiga, como um sistema em interação contínua e dinâmica com seu meio ambiente. A saúde ou doença, segundo os gregos, era resultado desse interagir constante entre a constituição individual e os fatores ambientais (clima, alimentação, hábitos de vida) (MARTIN, 1992). O corpo recebe elementos, transforma-os e elimina outros, continuamente. A saúde pressupõe que este fluxo entre *input/output* esteja em equilíbrio. Sob esta perspectiva, o que deve ser eliminado, se não o for, será danoso para a saúde, pois afetará este equilíbrio.

Porque é uma necessidade da mulher. (...) o homem – não libera uma secreção, quando ele tá no orgasmo? Então: a mulher (...) deve liberar esse sangramento; (...) eu não sei direito, de onde vem o sangue – mas tem que liberar esse sangue; de qualquer maneira tem que liberar. (VII-6)
O que não presta pro corpo, [ele] tira, né? (VII-3)

É, mais ou menos assim igual ela falou (...) o óvulo – sei lá: pra mim vai enchendo, sabe, na corrente sangüínea que vai enchendo, né? e em algum canto, algum lugar tem que sair! (risos) Que é aonde a gente vai (...) sentindo inchada, incomodada, então, chega na hora lá (...) que a pessoa começa a sentir que vai menstruar. (VIII-1)

Algumas mulheres ainda concebiam que o sangue menstrual, se não fosse eliminado “subiria pra cabeça”, resultando em problemas mentais. As mulheres que citaram isso possuíam um grau de escolaridade menor, mas pertenciam às duas faixas etárias. Elas pareciam incorporar ainda conceitos médicos de mais de trezentos anos, que atribuíam várias moléstias femininas aos problemas uterinos, especialmente os que se referem à menstruação. A palavra histeria, com frequência aplicada a distúrbios mentais femininos, vem do grego histerus (ἡστέρυς), que significa útero (ENGEL, 1997).

A menstruação é uma forma de desencadeamento do seu organismo, né?(...) seu útero muda, faz novas construção, pra ir eliminando esse... sangramento, (...) pra não ter amanhã nenhum problema, né? porque ele parado por um tempo, um certo tempo, isso sobe e começa a dar problema mental. (...) É uma quantidade de sangramento que temos (...) no seu organismo que é obrigado a expor pra fora. (...) ele tem que desfazer.(III-5)

É uma coisa assim que incomoda muito, (...) Mas eu acho que é importante, porque (...) a menstruação pode causar doenças assim, pode ficar assim meia maluquinha, ou pode até subir pra cabeça, eu ouvi falando que é verdade isso, né? (...) não sei bem se é isso daí, mas eu acho que é. É incômodo sim, mas acho que é normal, da mulher ter, né? Faz parte. (VII-9)

Menstruação, para as mulheres, é sinal de que não se está doente, nem grávida – o sinal mais claro dessas duas coisas. Através da menstruação a mulher aprende a conhecer seu próprio corpo e a explicar o que lhe ocorre. O útero parece simbolizar o centro do corpo feminino, responsável pela sua saúde física e mental.

Eu acho, assim, é incomodante, né, mas (...) faz parte de nós mulheres, e quando não vem, ou é gravidez, ou é (...) tipo assim, uma inflamação muito forte, alguma coisa assim (...) Então,(...) quando não desce a gente já fica preocupada – porque se não é gravidez, pode ser alguma coisa mais grave; a gente pensa isso...(VIII-10)

Sou mulher, né?(...) se você tem um problema, né, logicamente a primeira coisa que atinge no órgão da mulher é o útero. Então,(...) a gente

menstruando, é tipo uma limpeza que você tá fazendo na parte do útero, né? que vai limpando (...) tirando infecções... Se não menstruar (...) é porque tem algum problema. (VIII-1)

Não é só porque você está grávida, que você se preocupa com a menstruação. Mas você repara bem e tenha a conscientização de uma coisa: que se você não tem ela, você já começa a se preocupar; é um aviso que você tem em seu corpo(...) “Eu não tô tendo a menstruação; alguma coisa está acontecendo comigo!” (VII-6)

4.3.2. “A Marca da Mulher” - Feminilidade

O relato em que uma participante explicava por que sentia certo “encantamento” pela menstruação foi escolhido como título deste item que aborda o menstruar como fenômeno que define a mulher. É só a mulher que menstrua e que gera; este significado está presente no ser humano desde os povos primitivos (CAMPBELL, 2000). Com base nesta premissa, a mulher que não menstrua não é normal, segundo a grande maioria das participantes.

Eu acho que é a marca de mulher, mesmo. “Olha só: tá vendo? eu sou mulher. Aí, ó...” (...) É uma sensação por aí, né? Porque é a marca concreta, mesmo. (II-6)

Menstruação pra mim é um dispositivo que a natureza dá pra mulher, pra regular o ciclo dela, não só de concepção: de vida dela, né? (...) só daí depois da menstruação é que é considerada mulher realmente. É a essência da mulher (...) Um dos conceitos mais fortes de feminilidade da mulher, é este. (silêncio)(IV-2)

Eu tinha uma amiga assim... que até o pessoal apelidava ela de seca. Porque falam que a mulher que não menstrua é seca.(...) coitada, ela sofria muito com isso... (...) as meninas, né? falavam: “Ai, essa daí não menstrua, ela é seca, não sei o que..” Eu ficava com dó dela , mas...(I-5)

O sentimento grupal de ser mulher porque menstrua foi abordado por MARTIN (1992), segundo quem as mulheres se apropriam da menstruação “*encarando-a como seu próprio segredo*”.

Eu acho que (...) é uma coisa meio misteriosa pra homem também, eu sinto um pouco isso. Mesmo o homem que (...) vê sempre, tudo mais, eu acho que é meio misterioso, pra eles. (...) junta 3 mulheres e começa falar de.. “da minha cólica, da minha TPM”, não sei o quê.. – eles ficam sem entender (...) porque a gente sofre essa mudança de humor aí,(...) de corpo, que incha, que desincha, a dor... (II-6)

Acho que a mulher já tem o hábito de falar,(...) “Ah, eu to menstruada” (...) sempre a gente fala, né? uma pra outra assim. Acho que é um jeito da gente se sentir mulher, assim também. (...) (VIII-7)

Eu acho também que é... bem isso (...) menstruei, fiquei mulher. Porque (...) quando entra na menopausa, (...) tem mulheres que têm depressão, porque não menstruam mais. Então eu acho que é uma afirmação, assim. (...) (VI-6)

...não dá pra gente ficar em casa (...) cuidando da gente. Não dá. A gente tem que (...) fazer uma série de coisas, que não dá espaço pra menstruação. Mas por outro lado, a gente quer ter a menstruação, porque a gente quer se sentir mulher, feminina. (...) Igual o seio: (...) só a mulher que tem o seio. A mulher que tem pouco seio, (...) quer ter mais seio. Mesma coisa é a menstruação: toda mulher quer menstruar. (...) por mais que ela fale, que: “Ai, não quero.” - no fundinho, ela quer menstruar. (V-2)

4.3.3. Reprodução/ Fertilidade

O significado da menstruação como propiciadora da fertilidade esteve presente na maioria das descrições de menstruação, já relatadas. A forte associação entre menstruação e fertilidade dava uma conotação quase sagrada ao menstruar. A capacidade de gerar e ter filhos seria a única justificativa para suportar o desconforto que ela representa.

Menstruar também pra mim é essa coisa de continuação da vida: você tá fértil, (...) você é capaz; a mulher tem essa capacidade de gerar a vida, de dar a vida, né? E está intimamente ligada com a minha menstruação. (V-4)

Pra mim também. Eu acho que a menstruação é um sinal de que... a gente pode se reproduzir. (...) E o meu grande sonho é ser mãe. (...) menstruação pra mim é isso, sabe? (...) “eu tô menstruando, eu sou uma mulher saudável, que pode engravidar, que pode dar a luz a um filho”. (V-2)

*Serve pra uma coisa, né? É pra ter filho; agora, pra quem não quer, e aí?(...) é a preparação, (...) do corpo pra receber o... o embrião (...)
Acho que só serve pra isso (risos), porque... pra mais nada. (I-1)*

Pra quem não quer ter deve ser doloroso (I-6)

Gente, é um saco, né? Gente do céu, não tem coisa pior!... (I-5)

Não, eu não gosto! (I-3)

É um indicativo de que eu estou bem, né? de que eu posso ter filhos. (I-6)

E qual a mulher que não quer? (I-1)

Ai, que tortura! (I-2)

A menstruação pra mim é uma coisa muito sagrada, porque (...) se não fosse a menstruação, a gente não teria filho. Daí incomoda – mas pra quem vem bastante, (...) Tenho meus lindos filho, que devido à menstruação que a gente gera as criança (...) depois dos 30, quem tivesse de arrumar filho (...) já teria arrumado, né? Daí poderia não vir mais, não menstruar mais..(risos) (VII-1)

E uma pergunta, também: a gente menstrua porque ovula, ou a gente ovula porque a gente menstrua? (VI-4)

4.3.4. Purificação

O conceito de purificação associado à menstruação ainda apareceu como forte no imaginário das mulheres. Haviam incorporado seu significado de modo semelhante ao descrito por Hipócrates, e que perdurou na literatura científica até o século XVII- : “*dada a disposição mais fria e menos ativa das mulheres em relação aos homens, elas não podem ser purificadas da mesma forma (o homem se purifica através do suor): a mulher menstrua, para livrar seu corpo das impurezas.*” – e isto é um processo que mantém a saúde (MARTIN, 1992). As mulheres percebiam essa purificação principalmente através do alívio dos sintomas prévios à sua vinda, e pela característica do sangue menstrual – seu aspecto e, principalmente, seu cheiro. As mulheres interpretavam o fato de sentirem-se melhor após a menstruação como: “algo de ruim e sujo foi eliminado de mim”. Desta

forma, o conceito de purificação ultrapassa o que pertence à mera herança cultural aprendida das ancestrais, para ser algo que é *percebido* (visto, cheirado) assim:

Pra mim, (...) parece que limpa alguma coisa que tá ali, (...) pra mim é uma sujeira mesmo (...) é isso: uma limpeza, que eu sempre achei ser necessária, (...) Conversando com alguns médicos eu já vi que... que não é bem assim, mas não sei o que tecnicamente é a menstruação.(...) Na verdade pensei que [se] não fosse menstruar, (...) que ia ficar, sabe? com um monte de coisa parada lá dentro que não conseguia sair. E hoje eu vejo de uma outra maneira, né? Mas antes eu pensava assim: que... que aquele dia era a faxina. (IV-6)

Ah, eu acho que (...) tem que botar pra fora; tanto é que cheira mal, né? ? É tipo uma limpeza mesmo do organismo, né?(...) É bom que saia, mas... o normal; não precisa ser também exagerado... (risos). (III-8)

As mulheres percebem-se com uma série de sintomas prévios à menstruação; são desconfortos físicos e psíquicos que têm características próprias e semelhantemente relatadas nos grupos focais, aos quais dão o nome de Tensão Pré-Menstrual (TPM). O alívio da “TPM” é um marco que define a menstruação para muitas mulheres.

Eu gosto porque (...) eu fico tão nervosa que eu prefiro que desça logo, pra mim ficar livre; porque aí eu fico o restante do mês sossegada: sem dor de cabeça, aquele mal estar no corpo, (...) num estado de nervo... Então, desceu pra mim, oh: sossego – o mês inteiro. (...) É um alívio. (VIII-10)

Dá até espinha, (...) os seios ficam diferentes... (...) pressão nas pernas (...) que, depois que passa, esses sintomas somem; a pele fica melhor, o intestino funciona melhor. (...) O humor, principalmente. (...) (IV-2)

Eu não percebo o começo; aí começa uma irritação, irritação, irritação... A hora que desce, você fala: Já sei o que eu tinha!. (...) E é assim mesmo: eu sinto um alívio – é sério, isso. Eu sinto um alívio muito grande, (...) (II-6)

4.3.5. Os Nomes

As perguntas sobre os vários nomes dados à menstruação foram incluídas no roteiro com o objetivo de identificar significados embutidos nesses nomes, e por que eles existem. O nome mais citado e o primeiro que vinha à mente das participantes foi “Chico”, sempre acompanhado de comentários jocosos. “Estou de Chico”. Outros nomes referiam-se ao caráter cíclico da menstruação: “regras; a visita das meninas; o compadre chegou”. Outros nomes, ainda, expressavam os desconfortos próprios da menstruação: “incômodo, está descendo, chovendo na horta, aqueles dias, estou assim”. “Assim” ninguém citou como nome; apenas foi muito utilizado espontaneamente pelas mulheres.

O mais conhecido mesmo é Chico (I-5). (...)

Eu acho que Chico devia ser uma pessoa muito chata e colocaram o nome dele nisso... (I-2)

A justificativa de usar-se outros nomes foram várias: o nome diferente serviria como código; um eufemismo, pois a palavra menstruação é muito direta. As mulheres de menor escolaridade diziam usar mais nomes diferentes que as de maior grau de instrução, reservando a palavra menstruação para conversas com médicos. O nome que se dá depende do interlocutor e do grau de intimidade que se tem para falar “desses assuntos.”

Eu acho que [usam-se outros nomes] por vergonha ou pela falta de informação de não saber o que é, o nome, eu acho. (I-3)

É porque, eu acho que às vezes você tá num lugar público, você quer falar que tá menstruada, então pra você não falar essa palavra e todo mundo ficar sabendo que é isso, então as pessoas usam outros apelidos, né? Pra quem tá perto, ou tá do lado não saber do que você está falando... (VI-1)

Ou senão assim, quando você tá no meio de homens (...) você fala: “não, hoje eu não posso porque eu tô acompanhada.” aí o povo sabe que você tá. Porque você não vai chegar perto de um homem e falar: “Ai, tô menstruada”. Dá vergonha; então você fala: “(...) tô acompanhada” ou “tá descendo” (I-5)

Eu acho até desrespeito falar “naqueles dias”.(...) já ouvi, mas eu não falo. (...) Mesmo porque (...) eu não sou tão liberal, (...) pra falar [esses assuntos] em qualquer lugar ou pra qualquer um; eu acho que é uma coisa mais íntima. (...) eu não falo que eu tô menstruada, sabe? Eu fico quieta, assim. (VI-6)

É uma coisa mais só sua. (VI-7)

É. É minha, entendeu? (...) Agora, tem pessoas que ficam falando com a maior normalidade, né? (...) não é uma coisa pra ficar pondo no jornal; sei lá... (risos gerais) (...) eu trabalho num lugar que só tem mais mulheres, né? Às vezes você está no banheiro: “Ai, graças a Deus, menstruei!” – Sabe? quando está atrasado. (risos) Sabe, não têm discricção, né? (...) (VI-6)

“Eu tô assim; (...) tô de Maria; Maria veio me visitar”.(...) elas falam: “ah, VI2, eu vou falar isso perto de um menino, menstruação?! É tão pesada a palavra, né?” Aí até no final elas (...) começaram a aceitar mais a palavra. Mas não deixavam de falar, claro, no grupo delas, talvez por serem adolescentes, “tô de Chico”, ou “Maria veio me visitar”, ou (...) “choveu na minha horta”, principalmente os adolescentes, né? usam muito isso. (VI-2)(...)

Difícil ouvir “menstruação”. (VI-4)

E quando você fala menstruação, “Ai, que horror, que palavrão!”(...) (VI-2)

??? parece que se presta mais atenção nesta palavra. (VI-7)

É. Leva mais a sério; aí realmente é menstruação.(...) (VI-2)

4.3.6. O Valor da Menstruação

Considerou-se *valor* sob dois aspectos: como reação subjetiva emocional (gostar ou não gostar) e como a relevância que a mulher dá racionalmente à menstruação, considerando-a “importante” ou não. Ambos interagem o tempo todo nas falas. O conteúdo dos relatos permitiu construir uma tabela que associa as variáveis de cunho emocional (gostar/não gostar) e racional (importante/não-importante):

**DISTRIBUICAO DAS PARTICIPANTES SE GOSTAM DE MENSTRUAR E A
RELEVÂNCIA ATRIBUÍDA AO FENÔMENO**

Gostam de menstruar	Consideram Relevante/ “importante”	
	Sim	Não
Sim	Poucas	Nenhuma
Não	A grande maioria	Pouquíssimas

Visto que a grande maioria das mulheres não a apreciava, mas a considerava relevante, a atitude mais comum foi a de sujeição e conformismo.

Quando a menstruação vem, tenho muita cólica; eu penso assim: “tomara que seja no fim de semana”.(risos) (...) levantar com aquela dor, estômago (...) embrulhando, (...) Mas como ela falou: se isso ficou pra gente agüentar né, até o dia certo de parar, (...) tem que agüentar, né? (III-1)

Tem hora que eu xingo: “Porcaria, isso de novo!” Aí eu penso: “melhor assim do que não vindo, né?. Porque grávida ou com algum problema... Então tá bom [que seja assim]”(I-2)

A importância racional da menstruação mostrou-se maior que o desagrado pelos seus desconfortos. Mas a ambigüidade é a tônica que marca a grande maioria dos relatos.

É uma limpeza (...) uma coisa... desagradável.(...) Não gosto. Só que depois, né? que termina a menstruação, eu me sinto bem. (...) Mas não gosto dela.(IV-3)

Pra mim (...) apesar de achar necessário, tal, mas...(...) É chata, né? incomoda (...) Se não tivesse, acho que não faria falta nenhuma. (IV-6)

Detesto até hoje. Mas, por outro lado, né? é um sinal que a gente está bem. (...) Toda vez que vem, eu fico em depressão, (...) – detesto. (V-5)

Eu percebo (...) que todo mundo fala mal: “Ai, eu tô menstruada, que droga! Ai, eu queria ir tanto pra praia e eu tô menstruada. Eu tô com cólica.(...). Eu tô de branco, vai manchar a minha roupa.” Mas pro outro lado, se tem uma mulher que não menstrua, ela se sente excluída das outras. (...) A gente maldiz, mas (...) por outro lado a gente quer ter a menstruação, porque a gente quer se sentir mulher, feminina. (...) (V-2)

De outro lado, houve mulheres que diziam gostar de menstruar; que a menstruação fazia parte da sua natureza. Estas pareciam justificar sua atitude, baseadas em dois pontos: a menstruação como mantenedora e propiciadora da saúde e da fertilidade, e o alívio dos sintomas pré-menstruais. Esta atitude positiva não descartava de modo algum o reconhecimento de que a menstruação traz desconfortos; mas eles eram minimizados diante de um significado maior.

Eu acho que a menstruação é necessária,(...) nós agora temos, nós acha incômodo, nós acha chato,(...) mas mais pra frente – como eu tenho visto muitas – quando pára a menstruação, aí a gente vai pedir ela de volta, (...) eu tive um tempo que eu andou parando (...), quase morri. É muito ruim; é uma sensação horrível, (...) uma irritação, é tudo assim tão... diferente. E agora que tá vindo, eu me sinto super bem. Por isso, então, vocês que têm tanta bronca... glória a Deus porque vem! (risos) (III-7)

Eu gosto de menstruar.(...) parece que faz falta; faz parte da vida da gente, menstruar. (VI-8)

Se não fosse a menstruação, nós não teríamos a alegria muito maior que é ser mãe. Aliás, nós não estaríamos aqui se não fosse a menstruação. É tudo por Deus, a gente não pode mudar o percurso da coisa. Eu que sou muito católica, praticante, penso assim. (III-12)

Não, tem o lado bom. (...) a mulher que menstrua tem que erguer a mão pra cima, porque sabe que pode gerar um filho. (...) (VII-3)

Eu acho que a maioria não gosta. (...) Eu tenho uma vizinha, que de-testa (...) se ela pudesse, ela arrancava o útero dela. Porque ela não suporta ir no banheiro e se ver sangrar,(...) Não que eu adoro menstruação, tudo; (...) Porque se você for ver mesmo, não é legal, né? (...) Mas pra mim, eu encaro como uma coisa legal. Aí, quando eu vejo as pessoas (...) falando do lado negativo, eu me pergunto: “Será que é eu que sou errada?” (V-1)

Quando as mulheres não gostavam nem consideravam a menstruação importante, sua reação era de revolta, indignação. Indagavam-se se a importância atribuída não seria condicionada, aprendida, ao invés de real.

Eu acho assim: que a gente tá vendo alguém passar isso pra gente: “É, tem que ter menstruação”. E se não tivesse?(...) a gente foi educada assim: (...) “Ai, você tá com cólica hoje? quando você tiver nenen, ele não vai ter cólica”. Mas eu acho que não: se você não tivesse, acho que seria uma boa (...) se inventasse alguma coisa, todo mundo ia bater palma. (III-3)

As mulheres que não gostavam de menstruar justificavam-se com base em dois aspectos da menstruação: os desconfortos que a acompanham (sangramentos abundantes, dor, nervosismo) e as limitações de caráter “prático” (atividades de trabalho e lazer, vestuário) que ela traz.

(...) a gente fica insegura nesse dia, né? não tem vontade de sair, porque pode manchar a roupa, você trabalha fica cansada... – muito constrangedor. (I-2)

Não vai na piscina, (...) na praia, não toma sol... um monte de coisa (risos) (I-3)

Fora as dores, né? (...) na perna, dor nas costas, cólica... ai!.. (I-2)

É, (...) a menstruação mexe muito comigo, com o nervo da gente. (...) eu fico nervosa, fico irritada, eu choro... (I-3)(...)

Eu sempre tive uma prostração geral. Eu ficava acabada. (Dona da casa)

Ai, me deixa; ai, não gosto! Não suporto menstruação. Sei que tá me limpando, (...) mas eu não gosto, prefiro deixar sujo mesmo (...) Ai, menina, eu fico mole, ainda mais que tenho anemia. Então, sabe? (...) Se eu pudesse, eu não menstruava; nunca. (VIII-4)

Ah, eu não gosto também. (...) você quer colocar uma calça branca, você não pode; você quer sair, não pode – é muito difícil. Eu sinto uma cólica tremenda. Pra mim é incômodo por causa da cólica, também. (...) (VII-4)

É uma coisa muito chata,(...) fora o mau cheiro que dá, também, né? O cheiro é insuportável (...) (VII-2)

A gente fica irritada, também. (risos) (VII-7)

Em muitos grupos apareceu a idéia de que a mulher foi criada por Deus para procriar e menstruar. Portanto, seja a menstruação vista como bênção ou castigo, por desígnio de um poder maior, a mulher deve submeter-se. Há nos relatos um certo fatalismo, mesclado com considerações de gênero.

Eu acho que (...) [é] da natureza humana já; quando Deus criou a gente, pra gente procriar (...) a mulher já foi feita, assim pra... porque tem todo um ciclo menstrual,(...) que a gente já percebe quando vai ficar menstruada, já muda, né? (...) uma expulsão mesmo, que sai mesmo, é da natureza. (VIII-7)

Eu acho que Deus colocou isso na gente. Tem que menstruar. (risos) (VII-7)

*A única coisa que o homem não ganhou da mulher é esse negócio de ter filho e menstruação.(...) porque o resto a mulher já empatou com o homem em tudo.(...) Nossa, é a coisa mais linda ser mãe, é a coisa mais abençoada (...) jamais o homem vai engravidar, graças a Deus. (risos) Isso daí, ele não ganha da mulherada.(...) (II-5)
(...) em partes seria bom que ele tivesse, para dar mais valor à mulher. (II-3)*

A culpa é da Eva.(...) Ela que fez o pecado (I-1)

A Eva é poderosa... (I-6)

Eu acho que se existisse outra encarnação eu quero nascer homem. (I-5)

Eu também; eu já falei pra minha mãe. (I-4) / Eu também. (I-3)

Todo mundo quer ser homem, ninguém quer ser mulher, hein? Eu gosto de ser mulher. (...) Acho que homem tem suas vantagens - mas eles também são tão confusos... (...) a gente é muito mais decidida, muito mais capaz... precisam tanto da gente... (risos) (I-6)

Eu queria nascer homem nessa área; porque não tinha menopausa, não ia ter menstruação, não ia ter nada. (...) (I-5)

Eu também: eu queria ser homem só por 8 dias; depois queria voltar ao normal (risos) (I-4)

Não tem aquele negócio de: câncer no útero, câncer na mama... (I-5)

Mas agora tem câncer na próstata... (I-6)

Na Bíblia diz que tem que ser, então tem que ser. (VII-8)

Mas sabe qual é o problema, também? (...) menstruação é uma sujeira do organismo (...) (I-2)

Mas por que mulher tem sujeira no organismo e homem não tem ? (I-1) (...)

É complicado isso aí. Até nisso a gente leva desvantagem?! (I-6)

Muitas mulheres referiram desconhecer o seu próprio corpo e a verdadeira razão por que a mulher menstrua. Consideravam a menstruação importante, mas não sabiam explicar a si mesmas o porquê.

É difícil você explicar, (...) Você tem que conhecer (..) o corpo da gente, estudar a nossa própria natureza. (VII-6)

Isso é uma das coisas que as mulher não se preocupam com isso, né? E fica aí perguntando o que é, e ninguém sabe.(...) (VII-2)

Eu já perguntei; e aí enrola, enrola e não chega aonde é pra chegar: o porquê!.. (VII-3) (...)

Sabe que é importante. Mas não sabe o porquê. (VII-2)

Mas, é uma coisa importante, senão não teria, né? Eu acho isso. (I-5)

Então: mas o que seria, essa importância?(I-3)

Não sei; só por Deus mesmo, eu acho. (I-5)

Um dos significados mais evidentes da menstruação é que ela é o sinal de que a mulher não está grávida. Foram muitos os relatos de que ninguém gosta de menstruar, exceto quando a menstruação aparece depois de um atraso. Nestas circunstâncias – e só nelas – a mulher a recebe com alegria; e todas as vezes em que as mulheres diziam isso, as demais participantes riam em cumplicidade. Esta era uma das principais razões da menstruação ser considerada essencial: por conferir à mulher a certeza de uma não-gravidez.

Ah, é muito incômodo! (...) Então pra mim, eu não gosto não.(...) Só quando atrasa; aí quando vem a menstruação, a gente fica feliz porque não engravidou, né? Daí eu até dou pulos de alegria. (risos) (VI-1)

Ninguém gosta; mas aí quando atrasa, todo mundo... fica louco. (...) Nossa! Aí é uma alegria quando vem! (risos) (I-1)

Eu não gosto, mas eu prefiro que desça, do que não desça. Concordo com ela – porque não desceu, você fica, quando tá com a vida ativa: “será?”. Porque no meu ponto de vista eu tô pra ser avó e não mãe; eu já passei da idade (risos) (...)(VIII-6)

Difícil quem fala que gosta. Ninguém gosta, mas gosta que desce. (VIII-10)

Assim como em outras ocasiões, que serão relatadas no decorrer deste trabalho, a menstruação também se torna uma “aliada” da mulher, quando passa a ser utilizada em favor dos seus interesses, ao invés de constituir-se em algo ao qual a mulher estaria subjugada por destino e natureza.

Eu uso isso [a menstruação] como desculpa, às vezes – as vezes que eu sou grossa – e o homem não entende nada – (...) a gente pode usar: “Ai, é porque eu estava menstruada...” E de repente não era (...) Então (...) dá pra você separar (...) algum (...) distúrbio que a gente tem (...) de alguma coisa que é física; (...) a gente vê menstruação; existe, é físico. Não é uma coisa assim: “Ah, eu estou ansiosa!” (...) Então, você não tem como medir isso. Mas eu tenho como medir a minha menstruação – né?: três dias, cinco, ou quantidade de fluxo – isso eu consigo; isso é mensurável, (...) então (...) eu posso (...) falar : “Eu to assim, desculpa, porque eu vou menstruar (...)” – mas eu sei que não é. É porque eu sou assim! (VI-4)

À pergunta sobre qual a primeira coisa que se pensa ao lembrar-se de que menstrua, em um mesmo grupo, as respostas diferentes de cada participante sintetizaram espontaneamente os significados da menstruação (sofrimento, reprodução, feminilidade, saúde) :

Pra mim o que vem primeiro é a dor (...) (V-5)
Pra mim é aquilo que eu falei: É a vida; está ligado estritamente à vida.(V-4)
Acho.. que eu sou normal; não tenho problema. (...) Vem todo mês. É sinal de bem estar; de não ter com que me preocupar.(V-3)
Eu sou uma mulher.(V-2)
Eu penso isso: Que eu tô saudável, que eu tô bem, é super bem-vindo. Eu penso isso: que eu tenho certeza que eu tô com saúde.(V-1)

Na verdade o significado da menstruação não se limita ao que foi apresentado acima, mas permeia todo o contexto deste estudo. Os vários assuntos abordados não tinham senão o propósito de desvelar o que a menstruação significa – como sinal de algo; como representação de coisas e conceitos; como detonadora de reações emocionais; de valores e

concepções que a mulher traz sobre si mesma, sobre o mundo, a criação, e qual seu lugar e espaço neste universo. Desta forma, os resultados apresentados neste capítulo são parciais, e de forma alguma encerram o assunto. Novas perspectivas serão abordadas conforme se der o desenvolvimento dos demais fatores e categorias.

4.4. VIDA SEXUAL

Quando perguntadas sobre como as mulheres, em geral, viam as relações sexuais durante a menstruação, a maioria das participantes encontrava dificuldade de falar de outras; diziam que só poderiam falar sobre elas mesmas. Este parece ser assunto que não se comenta, nem se encontra em artigos de revistas femininas, como disse uma delas. A vida sexual do casal, no que diz respeito à menstruação, é privada.

É uma coisa de dois. É do casal. (...) eu sei por exemplo que minha mãe não fazia de maneira alguma, (...) o meu pai (...) carinhoso, chegava perto: “Ai, sai! que eu tô menstruada!” – “[mas] Vim só te dar um abraço!” (...) o meu irmão: (...) veio brincar assim: “Uma vez tá menstruada; (...) outra vez tá com não sei o quê!..” (risos) Então quer dizer que a gente deduz que, quando ela [a esposa] tá menstruada, não tem [sexo]. Mas não que o pessoal fale, né? assim abertamente, e converse. (...) a gente acaba deduzindo. (V-4)

Os relatos sobre relações sexuais durante a menstruação tomaram rumos extremamente variados, difíceis de agrupar em categorias. Havia dúvidas quanto ao risco de engravidar, as dificuldades práticas do sexo durante a menstruação, interesses e desejos diversos.

Para algumas mulheres, a menstruação representava o descanso da solicitação sexual do parceiro.

Naquela época que eu tinha marido, eu dava graças a Deus quando eu estava menstruada, (risos)... Porque ele me procurava com muita frequência.(...) Pelo menos quando eu estava menstruada, ele não me procurava.(III-10)

Então. No meu caso, é o seguinte: o meu marido é muito fogueiro. Então ele praticamente, a gente transa todo dia, entendeu? Então – e às vezes você tá cansada, trabalhou o dia inteiro, (...) eu acho ótimo ficar 5 dias menstruada, porque eu vou deitar e vou dormir! (risos.) A gente conversa um pouquinho, tudo, mas aí eu vou dormir. Então, pra mim, super light. Sabe? Porque eu falo: “Eu tô de férias. (...) eu tô livre.” (risos.) (V-1)

É a única – várias pessoas falam, que é a única hora que você tem tempo para você. É um descanso! Isso para aqueles homens que não gostam, né? porque os que gostam... você não tem descanso nenhum. (risos) - E não é? (VI-7)

Faz tempo que eu me separei, nem lembro; (risos) (...) eu sei que... quando eu morava com o pai das minhas filhas, eu não via a hora de ficar menstruada para que eu não precisasse ter relação sexual. (III-10)

Sem contar também, que antigamente, tinha (...) mulheres que não gostavam da relação sexual. (...) Então durante a menstruação era um período delas, que elas não precisavam ter essa obrigação.(...) E eu fui criada com isso: A obrigação da mulher era estar disponível para o marido. (...) Então,(...) elas dão graças a Deus, porque naquele momento ela não precisava... cumprir o ato. (V-4)

Algumas mulheres usavam a desculpa de estarem menstruadas (às vezes nem era verdade) para não terem relações quando não as desejavam. Nessas circunstâncias, a menstruação passa a ser uma ferramenta que a mulher utiliza em seu próprio benefício, ao invés de um fardo que é obrigada a carregar pela vida afora. Isto vem ao encontro do que LAWRENCE (1988) apregoa, quando se contrapõe à idéia de que a mulher é submetida a dominações de gênero. O comportamento da mulher pode ser explicado por pressupostos diferentes, em que ela exerce conscientemente a escolha de seus comportamentos refletindo objetivos estratégicos importantes aos seus próprios interesses. E, apesar de LAWRENCE (1988), focar seu estudo nos tabus de poluição da mulher menstruada em uma aldeia em Portugal, esse pressuposto pode bem se aplicar às áreas da sexualidade humana.

Acho que quando você não tem mais desejo pela pessoa (...) como no início (...) você assim fala: “Olha, eu tô menstruada, então eu não quero ter relação” (...) minha libido não aumenta ou diminui, por conta da menstruação. Mas, eu posso lançar mão disso – desse argumento – pra ter ou não relação sexual. (VI-4)
Eu já fiz essas desculpinhas, também.(...)(VI-3)

Observou-se que existe, no relacionamento conjugal, uma espécie de “código de honra” que deve ser apreciado. A mulher menstruada comunica ao parceiro a sua condição, aguardando a reação que terá. Cabe ao homem, portanto, decidir se haverá relação sexual ou não, conforme a sua atitude diante da menstruação. Os comentários das mulheres fizeram emergir o aspecto da menstruação como geradora de insegurança e constrangimento, e a relativa dependência, da parte da mulher, quanto à atitude do homem e seu papel.

Eu acho assim: a primeira, num primeiro momento você fala pro seu parceiro: “Ah, hoje eu estou menstruada.” Há homens que: “Ah, então você vai dormir no sofá, (...) longe de mim” – têm nojo. É aquela não aceitação de você menstruar. Agora, tem homens que conversam e falam (...) “E daí, por que? que é que tem a ver, isso?” Você [mesma](...) não se importa; mas a insegurança da gente em dizer que está menstruada e esperar a reação do companheiro, né? É... complicado, é muito difícil.(...) (I-3)

Isso parte muito do companheiro que... ele te deixar à vontade (...) o marido é uma chave importante pra mulher, que é assim: ele tem a capacidade de fazer você se sentir linda – ou horrível. Depende da gente, também; mas (...) ele me deixa totalmente à vontade (...)(V-4)

Esse é só um problema que talvez... atinge mais o homem do que a mulher, eu acho. Se o homem ele não se sente à vontade de ter relação quando a mulher está menstruada, aí não se tem a relação. Mas se ele não se importa, eu acho que não... não impede.(...) (VI-4)

Então eu (...) imaginava quando eu casasse, o meu marido, como seria o dia que eu estivesse menstruada. Quando você namora, você tem umas coisas que você segura a barra; mas quando você está casada, você acha que no final ele não vai te ver menstruada? Se eu mancho a cama, se eu (...) levanto toda sangrada, como que ele vai me olhar naquele momento? (VII-6)

Em muitos relatos observa-se que a diferença de atitude do homem e da mulher, com respeito à menstruação, é motivo de alterações e atritos conjugais, onde as relações de gênero se explicitam. Duas situações são mais características de gerar confronto: a ocasião em que o homem vê-se impedido pela mulher que não aceita ter relações sexuais menstruada, e nas situações em que a mulher deseja o sexo e o homem afasta-se, por não aceitar a menstruação. Cada uma será avaliada e exemplificada separadamente. No entanto, o ponto comum que os une é a menstruação exercendo o papel de “pomo da discórdia”.

É uma coisa ruim na hora de ter relação (silêncio). Tem marido (...) que a mulher está menstruada e respeita o período dela. Tem maridos que não, mesmo sabendo (...) muitos obriga a ter, muitos batem pra ter relação. É bom (...) quando tem um marido compreensivo, que entende o período da sua menstruação, respeita a sua TPM; agora, muitos não. (VII-3)

Hoje mesmo o meu marido falou pra mim: “Eu não acredito que você ficou 10 dias menstruada!” Um dia eu quase passei o modess na cara dele. (risos) Ele pensa que é massa de tomate! Ele é doente; ele falou que não acreditava. (...) “Mas Zé, eu tô menstruada sim!” – “Tá nada, é que você não quer ter relação.” Ele sobe pelas paredes! (...) é horrível; é uma briga que... nossa! Menstruou, xingou. (...) porque eu (...) não gosto e não aceito. (...) Mas aí eu fico na minha e ele fica xingando do meu lado, ali (...) Ele cobra tudo. (...) Marcando, ali. Se hoje parar, ele já acha que pode ter relação. (IV-7)

Algumas mulheres, quando se referiam aos homens, tinham concepções claras sobre a libido deles e seu comportamento, representando-os como verdadeiros sátiros.

*Eu acho que não; eles não se importam. [se a mulher tá menstruada] (I-3)
Não mesmo! (tom de voz malicioso; risos gerais) (I-1)
Quando eles querem, virge! Tanto faz pra eles; eles dão um jeito.. (I-6)
É que um dia você tá cansada, um dia não dá, um dia não dá. Aí o dia que você tá menstruada...(I-1)
É o dia que ele tá mais animado. (I-5)
Aí não tem jeito... (I-1)*

*A gente sente incomodada, com a menstruação. Mas (...) eu sentia que ele – sabe? (...) Queria; não importava, se estava ou não tava, né? (IV-4)
É homem. Eu acho que é homem que é assim.(...) pra homem tanto faz, eu acho.(IV-5)*

Quando ao homem não importa se a mulher está menstruada, algumas mulheres expressavam o direito que lhes cabia de proibir a aproximação do parceiro durante a menstruação. As mulheres que assim se manifestavam agiam, diante da situação, como quem dá as cartas, pois a menstruação é delas.

Ah, ele fica nervoso, né! Mas eu não gosto.(risos) Ele que espere. (...) ele fica nervoso – mas eu vou fazer o que? Eu acho que é um direito meu, de eu exigir isso daí. (VII-9)

Eu também não gosto não. E o meu marido respeita. (...) eu mesmo me sinto incomodada, eu, me sinto... ah, sei lá. É um nojo. (...) ele fica nervoso, né? Mas eu não gosto.(risos) (...) Mesmo se ele gostar, ele vai ter que esperar, (...) Eu sinto muito, vai ter que esperar. (VII-8)

Ai, comigo é... eu sou assim: eu acho que eu não tô bem, (...) daí eu já falo pra ele. Às vezes ele entende, às vezes ele não entende. A maioria das vezes não quer nem saber. Mas eu fico na minha: eu não gosto, eu não tô bem, eu não quero.(...) em geral vem bastante, fica umas melecas, aquilo não tem nem condição, né? E pra ter relação menstruada, só acho que um animal, viu? (risos, silêncio) (IV-1)

Algumas mulheres falavam com mágoa sobre a atitude negativa do homem diante da menstruação; outras, com bom humor. Diante de alguns relatos, as demais participantes do grupo insurgiam-se com veemência, contra a repugnância masculina à mulher menstruada.

Porque quando eu era casada (...) ainda fazíamos planos... à noite, na hora que ele chegar, “vai ter um carinho muito gostoso entre (...) nós dois” – mas o carinho que ele queria dizer era sexo. Quando ele chegava à noite, se caso tinha descido a menstruação, ele virava o bumbum do lado pra mim, o rosto pro lado da parede e dormia. Enquanto não terminasse a minha menstruação, nem pra mim ele não olhava. (...) Não

era bom mesmo; a época da menstruação. Que ele não dava carinho e (...) nem uma palavra, também. (III-3)

O meu marido, por exemplo, ele não aceita.(...) ele fala que isso aí é uma coisa assim, que é anti-higiênico (...) Ele tem nojo mesmo; então ele.. ele me deixa de escanteio. (risos) (VIII-11)

Não, porque eu tenho uma amiga que o marido (...). Não encosta.(...) a minha amiga fala assim: “Ai, graças a Deus hoje eu tô menstruada, hoje ele tá separado.”(...) Ele dorme no quarto das meninas. (risos gostosos) (IV-7)

*Ai, se ele fosse pro quarto, longe de mim, ele ia ficar lá pra sempre!(...) (IV-2)
Absurdo isso, hein?(IV-?)/ (...) ô hominho, hein?! (IV-?) / Ignorante (IV-2)(...)
Mas não: quando ele tá doente, na podreira, (...) qualquer resfriado,(...)
quer a mulher ali, que nem mãe carregando, não é? (IV-2)
É verdade. (IV-3)*

Já quando a mulher via-se respeitada no seu período menstrual, os relatos adquiriam outra “cor”. Quando o marido encarava naturalmente a menstruação da mulher, as mulheres respeitavam o fato de o marido não querer relação sexual, embora elas mesmas não vissem impedimento. O equilíbrio entre os olhares de cada um parecia ser mais importante que a satisfação erótica. A condição para a harmonia de interesses entre os gêneros era: desde que a menstruação fosse vista, pelo homem, como algo não abjeto.

Eu não tenho, mas não por mim. Porque o meu marido é muito assim esclarecido,(...) encara de maneira... natural: compra modess pra mim, vê numa boa, tudo. Mas ele não suporta transar menstruada.(...) E eu não me sinto à vontade.(...) Então, ele me abraça, me beija, tem até carinho, tudo; mas o ato mesmo...(...) ele não gosta. E eu respeito, porque eu sei que ele encara numa boa.(...).(V-1)

Ah. O meu marido ficava abraçado assim comigo, normal. Ele era atencioso, carinhoso, assim, né? Mas ele não queria também, não. Eu também achava que a gente não tem realmente prazer nestes dias; você não tá legal, você não tá inteira. (...) chego a ficar assada, (...) irritada, não tinha disposição, não sentia prazer. E ele, ele também, ficava junto, numa boa ali, mas também não fazia a mínima questão.(IV-2)

O meu já não; ele faz assim: ele já gosta de fazer um carinho, menos ter relação, ele faz assim, mas também: “tá bom?”- “tá bom.” Uma graça. (...) Ele espera, né? que a menstruação vá embora, mas sem ter relação. É assim, entendeu? (VIII-1)

4.4.1. A Libido Feminina

Quanto à libido da mulher no período menstrual, as opiniões foram díspares: algumas percebiam o aumento de desejo; outras se recolhiam, por conta da irritabilidade ou dos desconfortos físicos associados à menstruação. A frequência das duas manifestações pareceu igual, sem que se possa definir um padrão que caracterize a maioria. As mulheres que expressavam aumento da libido estão exemplificadas abaixo:

*O meu desejo sexual aumenta no período da menstruação; pro meu marido também, entendeu? (...) não é marcado, nós nunca chegamos a falar assim um pro outro; mas eu percebo e ele percebe também que.. a gente curte esse momento (...) Uma porque, (...) não vou precisar usar preservativo. Então fica assim... um sexo super mais à vontade. (...) (V-3)
(...) eu percebo também, eles se sentem mais estimulados, dependendo do desejo da mulher. Se a gente demonstra mais desejo, (...) o estímulo deles é maior. (...) (V-4)*

Geralmente menstruada você fica mais excitada. (...) mais sensível. Então um abraço, um beijo, um carinho, você sente mais, estando menstruada, do que não estando (...); tem vezes que você fica chorona, (...) dependendo o que fala, (...) você sente mais, e tanto é numa atração física quanto no falar. (VIII-6)

Eu já tive relação sexual menstruada; e, eu tenho muito mais desejo sexual quando eu tô menstruada, (...) Nem sempre os homens querem (...) É desconfortável? É: você não vai ter em (...) qualquer situação, tem que ter um lugar apropriado, (...) pra mim é tranquilo; então talvez por isso que eu me deixo (...)ter uma relação sexual, em cima disso. (I-6)

Muitas, ainda que tivessem maior desejo, restringiam-se. As principais justificativas eram o medo de engravidar, o aumento do fluxo depois da relação sexual, a “meleca”.

Eu não faço; mas eu fico mais excitada quando eu tô do que quando eu não tô. Mas eu não faço porque aí... é muito desconfortável. Se for fazer, tem que ser embaixo do chuveiro (...), porque senão vai virar uma coisa. (...) (I-5)

O que atrapalha, às vezes, é você, tem coisa que não dá, (...) você tem que se preparar, “Pô, eu vou fazer, pode ser que sangre”, né? no momento que você tá fazendo a relação – mas (...) eu gosto. (VII-6)

Não, ele não gosta, também. [de sexo durante a menstruação] (...) eu fico excitada, mas eu não aceito, (...) eu falo: “Vai pra lá, porque hoje não dá”. Então, eu não quero nem carinho, porque senão começa a fazer muito carinho, daí quando você vê, você já... já fez, e é chato. (...) ele já sabe, né? ele já nem chega perto (risos) Ah, é muito chato isso, né? (perguntando com cumplicidade às outras) (VIII-9)

De outro lado, muitas mulheres também falavam o oposto: durante a menstruação não querem qualquer aproximação, não se sentem dispostas, nem aceitam as carícias do parceiro.

Meu marido fala que a mulher fica mais fofosa. Não sei aonde! Eu não fico nada. (IV-7)

Eu acho: que (...) na menstruação, nem carinho você quer. (...) quer um chazinho, (...) a mão no cabelo... Esse tipo de carinho eu quero: irmã que cuide de mim, eu quero... (II-6)

Eu mesmo fico super irritada. Imagina, nem penso nisso! (I-5)

A vontade? Não tem nada; (...) Quando a gente tá menstruada, a gente não tá inteira; tá meio quebrada, ou com dor, ou sentindo cheiro... (...) (IV-2)

O meu marido, pra ele tanto faz. Agora, eu já me isolo. (...) Quero ficar quietinha. (...) dormir logo (risos) (...) ele fala: “não quer um beijo, nada?” Eu não quero nada. (...) nem que rela a mão em mim. (risos) Ele é muito carinhoso, muito mesmo. (...). Mas eu sou chata. (...) (IV-7)

Ainda que algumas mulheres não se impedissem de ter relações sexuais durante a menstruação, muitas relataram a falta de liberdade que se dão, e sua preferência pelo sexo sem estarem menstruadas.

Não que eu não faça; eu faço, mas não gosto. Às vezes eu até prefiro fazer porque... a gente interrompe, né? normalmente. Aí, eu estando menstruada, eu deixo ele fazer à vontade (risos) (...) mas eu prefiro fazer sem estar menstruada; (...); eu não me dou tanta liberdade, (...) menstruada. (...) Fora as cólicas, né? tudo mais. (V-2)

Mesmo as que não têm sintomas dolorosos, eu acho que elas não ficam completamente à vontade. (IV-2)

*É. Porque, por exemplo: Eu acho que a gente fica mais à vontade quando não está menstruada, porque eu acho... sexo oral na mulher, fica mais inviável, quando ela está menstruada (V-2).(...)
Mesmo que quisesse, (...) sexo oral, nem pensar! (risos) Essa não, eu não permitiria. (V-4)*

Diante dos relatos emergiram várias idéias e mitos mesclados às percepções das mulheres sobre o que acontece com o próprio corpo durante a menstruação. As modificações do útero e do corpo ajudavam a explicar sua vulnerabilidade a doenças ou gravidez, ou sua disposição favorável ou não ao intercuro sexual, se menstruadas.

*Muda bastante, o formato, o seu útero ele se restringe mais, né? (III-5)
Eu não sabia disso, não. (III-10)
Você já teve relação menstruada? Não fica mais justinha? Não fica? Ele chega a comentar com você? (III-5)
Já chegou a fazer comentário.(...) (III-9)
Porque quando a gente está menstruada, o útero ele se retrai; não é isso? E a gente se sente mais sensível. (...) e ter relações, (...) nessa época da menstruação, eu acho uma coisa muito nojenta. Não concordo.(...) (III-4)
E tem o medo também, né? porque a minha mãe (...) fala: “Não, porque quando você tá menstruada o seu útero tá aberto (risos)... aí, se você fizer, aí você fica [grávida] mesmo.” Pronto! Então eu 2 dias antes, 2 dias depois, não tem conversa, porque... e o medo?! (...) eu nunca fiz não, mas (...) que aumenta, que dá vontade, dá vontade; né? (...) (I-2)*

Eu não gosto não. (...) o marido tem que respeitar esses dias da mulher, entendeu? Eu acho que (...), machuca o útero, eu acho que ele fere, faz ferida – eu não sei: eu acho que é bem assim. (...).(VII-9)

O útero também fica inchado, né? Eu acho que fica inchado. (IV-7)

4.4.2. Carinhos, Afagos

A menstruação não passa despercebida no relacionamento conjugal, e serve como palco onde se explicitam as relações de gênero. Nas situações em que a mulher, por estar menstruada, sente-se mais frágil e vulnerável, ela busca o carinho do marido e vê-se repelida. Quando o homem rejeitava a mulher menstruada, isto foi, em todos os grupos focais, motivo de indignação geral. Também se revoltavam nos relatos em que o homem obrigava a mulher menstruada a ter relações sexuais quando ela não o desejava. Portanto, a questão do respeito à condição feminina e à satisfação de suas necessidades (emocionais e eróticas) é um ponto visto como um dos marcos que identificavam, para as mulheres, a qualidade do relacionamento conjugal.

Ó, essa semana eu tive uma experiência... trágica! (...) deitei, só, no ombro dele. Ai pronto: o homem levantou, acendeu... Eu falei: “NÃÃO! (risos) eu tô menstruada; (...) dá um beijo pra mim dormir” - “(...) você acha que um beijo não excita? (...) se você tá menstruada, se você não quer...” (...) eu falei: “Então quer dizer que (...) se não tem sexo, não tem carinho? (...) (I-2)

Eles acham assim: que “se elas tão menstruada eu não tenho a obrigação de fazer nada com ela, então eu vou dormir”. Dorme. Acaba dormindo mais cedo, você acaba ficando sozinha na sala... (...) (I-5)

Sente falta, sim. Fica carente. Fica sensível... Às vezes, o carinho, precisa tanto. Até a hora de uma conversa, um bom carinho... (...) um aconchego gostoso, “Eu gosto de você assim mesmo, eu te amo”, dele (III-5)

“Hoje não dá, amanhã não dá, depois a gente faz” - não é verdade? Uma compreensão, né?. (...) Porque tem homem que não respeita: a mulher não quer, né? e o homem não respeita – ele obriga. (...) numa relação sexual, não é obrigação. É trocas de carinho, né? prazer... (III-10)

4.5. MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS

As alterações menstruais pelo uso de métodos contraceptivos (MAC) foram esmiuçadas, no roteiro de perguntas, em: quantidade de fluxo, tempo de sangramento, regularidade, *spottings* e amenorréia. Cada um desses fatores será considerado separadamente, embora muitas vezes eles aparecessem interligados no transcurso das conversas.

4.5.1. Quantidade de Sangramento

Quase todas as mulheres manifestaram-se contrárias ao uso de métodos contraceptivos que aumentem a quantidade de sangue que se perde à menstruação. Estes resultados opõem-se aos de SNOWDEN e CHRISTIAN (1983); no estudo da OMS, em que as mulheres preferiam sangramentos mais copiosos. Isto lhes garantiria a limpeza necessária ao seu organismo e à sua saúde. O conceito de “limpeza do organismo” também apareceu com grande intensidade, quando as mulheres diziam do significado da menstruação, como já foi abordado. Não obstante, poucas relataram preferir fluxos menstruais mais abundantes. Os comentários sobre o aumento do fluxo, quer durante o uso do DIU ou após a laqueadura tubária, quase sempre tinham conotação negativa. A maioria das mulheres preferiria que o método diminuísse o sangramento – em quantidade e em tempo.

... vi o negócio do DIU, coloquei. Agora eu fico assim: são quatro dias que eu estou tomando banho, pinga no chuveiro, pinga, pinga, (...) então isso me incomoda muito: o tempo e a quantidade. (...) antigamente (...) eu não me incomodava com a menstruação. Não era uma coisa boa, mas também... não me atrapalhava em nada. Hoje me atrapalha em tudo. (...) esse negócio de você ter que ir ao banheiro toda hora, fica assada...(IV-6)

Eu não acho que deve fazer tão bem à saúde, não. Não sei (...) (VI-7).

Eu acho assim: que por mais que a gente goste de menstruação, a gente não gosta tanto assim, não! (risos gerais) (VI-4).

A diferença entre os resultados deste estudo e os de SNOWDEN e CHRISTIAN (1983) pode ser atribuída ao fato de que a população estudada por eles incluía mulheres de várias culturas (hindu-indiana, muçulmana, polinésia), onde a menstruação tem outro valor, os tabus menstruais são muito mais evidentes e respeitados. Entretanto, o tamanho do Brasil e as diferenças etnográficas não se refletem neste estudo, porque todas as mulheres eram de uma mesma região urbana. Ademais, o Brasil tem recebido influências oriundas da própria transformação do país, ao longo das últimas décadas: de predominantemente agrário, passou a pólo industrial inserido em uma economia de mercado. Esta transformação não se dá apenas no modo de se articular a economia; reflete-se, também, no modo de vida de cada indivíduo que dela participa. Assim, o american way of life e a globalização da cultura, através dos meios de comunicação em massa, podem ter colocado a menstruação no rol das coisas que prejudicam a produção e perturbam o cotidiano. Portanto, quanto menos menstruação, melhor.

Ah, não; nós queria um método, pra menos.(...) Regular e diminuir; não pra aumentar mais o que já vem (VIII-1).

Eu não gostaria.(...) Porque o meu fluxo já é intenso, se ficar mais intenso do que é (...) É, suja tudo, calcinha, tudo, tudo, tudo... (VII-3)

Quando eu parei de tomar a pilula, né, eu coloquei o DIU, aumentou um pouco.(...) a mulher tem que aceitar tudo, né?! (...)(VII-9)

Então o que vocês acham de um remédio que faz diminuir a quantidade de sangue que desce?

Ótimo.(VII -7, 6, 5, 4,3, em uníssono)

Melhor. (todas)

A grande maioria das participantes dos grupos focais realizados manifestou opinião favorável à diminuição do fluxo menstrual. Em poucos casos, contudo, o fluxo mais intenso

foi relacionado à melhora dos sintomas prévios à menstruação, corroborando a idéia de que ela elimina coisas, purifica. Este resultado também foi encontrado em outros trabalhos, onde as mulheres associavam o fluxo intenso à capacidade da menstruação em “limpá-las” com mais eficiência (SNOWDEN e CHRISTIAN, 1983).

Eu sinto fisicamente que me prejudica, a diminuição. E eu vejo que... quando completa 6 meses que tô tomando ali a pílula, sem descanso – aí é quando eu fico com o abdome mais inchado, as espinhas aparecem mais... (...) Então eu vejo que é hora de parar; (...) acredito que (...) é uma soma dos meses que (...) não desce o fluxo normal, que me deixa às vezes até... nervosa. Porque, quando a gente está evitando com o preservativo, (...) o fluxo está normal, eu não me sinto mal. (...) vindo o fluxo maior, eu me sinto bem melhor (V-3).

4.5.2. Tempo de Sangramento Menstrual

Com relação ao que pensavam sobre os MAC que diminuem a menstruação (seja em quantidade como em tempo), a imensa maioria das mulheres achava que a diminuição era o efeito mais desejável. O sangramento abundante ou duradouro também foi uma das principais razões de interrupção do Norplant, no estudo de RIVERA e ROUNTREE (2003), o que vem confirmar esta tendência.

Então eu acho que seria ótimo! ... vem 2 ou 3 dias e pára – pronto. Não é igual à minha, que vem uma semana, daqui a pouco já to preparada pra (...) menstruar de novo (...). Se tivesse um remédio que eu não engravidasse e que diminuísse... ótimo.

Um dia, dois dias tá bom. Assim: veio hoje, amanhã acabou. (risos) (...) Um método pra diminuir, só menstruar quando quiser: de cada 6 meses, uma vez por ano.. – aí seria ótimo. (VIII-6)

Algumas mulheres até imaginavam como seria, para elas, a menstruação ideal: eliminar tudo em duas horas; vir tudo no mesmo dia; vir uma vez por ano... – recebendo aclamações das colegas participantes como ótima idéia.

Se desse um jeito de fazer com que a mulher menstruasse assim, ó: ia num banheiro: xixixixixi! - duas horas... (risos gerais, aprovação) Pronto. Ia lá e saía tudo de uma vez. (risos) (IV-4)

Se viesse por um dia..(VII-3)

Se viesse 3 vezes.. (VII-1)

Só se fosse 1 vez por ano.(...) Tinha que ficar uma vez por ano. (risos) (VII-7)

4.5.3. Regularidade

Com relação ao uso de um contraceptivo que desregule a menstruação, a grande maioria das mulheres manifestou-se contra. Gostariam que fosse possível prever quando começaria a menstruação; isto lhes facilitaria a vida.

Ia ser chato [desregular a menstruação]. Você estar andando e daqui a pouco começa a descer o negócio. (VII-7)

Eu era assim, (...) desregula totalmente e você tem que estar andando prevenida com um absorvente na bolsa,(...) não avisa, vem de surpresa, (...) É chato (...) (VII-8)

Que regulasse e viesse bem menos; ou então viesse quando a pessoa quer. (...) (III-6)

A preferência das mulheres foi por um contraceptivo que regule a menstruação. Observou-se que as mulheres de menstruação desregulada aprendiam a observar outros sinais em si mesmas que indicam a sua proximidade. Mesmo assim, não gostavam de lidar com o imprevisível. Uma delas explica esta preferência da seguinte forma:

(...) cada mês pra mim é um dia [que vem a menstruação]. Mas eu sei assim: uma semana antes, (...) meu seio fica dolorido – eu sei que daqui uns dias eu fico menstruada. Porque eu nunca fui assim, certo; a não ser quando eu tomava comprimido (...) Fica super desregulado, sabe? (...) é horrível! (risos) (VIII-2)

4.5.4. *Spottings*

O *spotting*, como efeito colateral do MAC, foi percebido com desagrado pela maioria das participantes. Algumas o haviam experimentado, quando usaram pílula, e relataram o significado que teve para elas.

Um horror! (...) Já aconteceu isso comigo tomando anticoncepcional. Vezes de vir só esse sangramentozinho (...) e se estender; mais do que 5 dias (...) Menina, aquilo é terrível! Insuportável.(...) eu prefiro aquela que vem, acaba, e já vai embora (...) Que venha mesmo; aquilo lá pra mim não é menstruação: (...) é enganação. Então... eu, pelo menos, eu me sinto mulher quando vem a menstruação pra mim.(...) Quando não vem direito a menstruação (...)“O que é que tá acontecendo? (...) Vem, ou não vem? Como é que é isso?” E quando é menstruação, pra mim tá definida: é menstruação, veio e acabou. Agora, daquele outro jeito... Ah, não! (I-6)

*Vários dias? Então já vem direto. Eu prefiro direto. (VIII-1)(...)
Se fosse um ou dois dias, né? ou no máximo três (...) era muito bom, porque...(...) você sabia que era três dias, depois acabou. Agora, muitos dias (...) deve ser a coisa mais horrível. E gasta mais. (VIII-6)*

Eu (...) inchava, eu sentia vontade de comer doce (...) E daí quando chegava (...) aí isso passava, né? (...) eu falei com uma médica, ela falou: “Ah, você vai ficar com spotting pelo tempo que você ficar engatando uma cartela na outra.” (VI-4)

É, porque é essa a conclusão que eu cheguei, agora que ela respondeu que passa as mesmas coisas: eu acho que preferia já menstruar os 3-4 dias de uma vez, do que ficar assim. (...) (VI-7)

Ficar direto [com spotting] incomoda mais. Eu acho.(...) (VI-6)

De todo jeito você tem que usar o absorvente. (VI-7)

Já que sente as mesmas coisas, então... eu prefiro já de uma vez (VI-8)

Sujar um pouquinho a calcinha?(...) Pra mim não é incômodo, não. Pra mim se estiver me ajudando,(...) pra não ter filhos... (...) hoje a minha preocupação não é tanto ter filho, (...) [mas] o HIV, hepatite (...) isso me preocupa mais. (VII-6)

Algumas mulheres imaginavam o MAC ideal; e a segurança contraceptiva era um fator de grande peso, além da ausência de efeitos colaterais.

Um método 100% que não engravide. (...) Que faça a menstruação ficar reguladíssima, (...) para mim ter uma certeza, saber o dia exato. Que ele desse (...) Uma previsão e uma garantia.(VII-6)

Outras, na idealização do MAC mais aceitável ou desejável, tinham, como maior preocupação, não propriamente as alterações menstruais, mas um MAC que abolisse os enormes desconfortos que sentem antes da menstruação – a TPM.

Então, isso que você perguntou, eu acho que nem é o pior da menstruação. No meu caso,(...) pior é antes, sabe? Quem tem TPM é muito pior antes de você ficar menstruada, que a menstruação é um alívio.(...) se vai diminuir ou não vai, pode não fazer diferença. Pode até fazer; mas faria mais diferença se eu conseguisse alterar o estado da TPM antes... (II-4)

Um método perfeito! Você toma uma vez só, vale por X anos... (risos) Se é um método ideal, a gente pode sonhar (...), né? Que não tenha nenhum efeito colateral: você não incha,(...) não tem espinha, (...)TPM... (V-4)

Ou seja: você vai eliminar a menstruação de vez, né? (V-2)

Não! Eu não digo nem eliminar. Ela pode vir, mas você não vai sentir nada! (risos) Eu acho que (...) a menstruação não é um problema. (...) O problema dos métodos anticoncepcionais, pra mim são os efeitos colaterais que eles estão causando. (...) (V-4)

(...) as mulheres iriam preferir: um método (...) que não precisasse lembrar todos os dias, que não desse nenhum efeito colateral...(V-3)

... não trouxesse nenhuma consequência a longo prazo... (risos) (V-4)

Exatamente. Também. (risos animados) (V-3)

Em relação à modernidade, [quanto à alteração menstrual mais aceitável] eu acho que a grande tendência é esse daí: da mulher ficar sem menstruar. (...) (V-1)

4.5.5. Amenorréia

A idéia de interromper a menstruação como consequência do uso de métodos contraceptivos fez emergir toda uma gama de atitudes da mulher diante dessa possibilidade. O roteiro de perguntas previa tanto a amenorréia como efeito colateral de um contraceptivo como também o uso de hormônios para interromper propositadamente a menstruação, como

tem sido apregoado por COUTINHO (1996) e seguidores. Como as respostas às duas abordagens eram muito semelhantes em conteúdo, não se fez distinção entre amenorréia “colateral” ou proposital.

Para as mulheres que valorizavam a menstruação – como sinal de saúde, fertilidade, ou feminilidade – a amenorréia foi vista, em geral, com grande suspeita. Para a maioria delas, suspender a menstruação fatalmente traria problemas. Essa suspeita pressupõe certos conceitos subjacentes, que permitem compreender o que a menstruação significa na vida da mulher. Mesmo o levantamento da opinião de mais de 300 adolescentes e jovens realizado por GOLD e COUPEY (1998) nos EUA mostra que elas não usariam um método que abolisse a menstruação (66%) ou a deixasse irregular (74%).

Uma das concepções mais freqüentes foi um certo determinismo: a menstruação existe, portanto é importante; é importante, senão não existiria; Deus fez a gente assim. Mexer com a menstruação, a ponto de aboli-la, passa a ser algo que beira o pecaminoso. Algumas vezes a palavra Deus não é usada, mas reverencia-se a natureza da mulher.

Eu acho que eu não usaria [o contraceptivo] (...) você está mexendo com seu organismo. (...) com uma coisa que é da tua natureza. Se não fosse necessário a menstruação, ela não estaria aí, todos os meses.(...) eu acho que você está... agredindo a natureza, de certa forma. Acho que a natureza é essa: está aí, com certeza significado ela tem (...) serve para alguma coisa – nada que existe é imprestável, assim. (V-4)

Deus fez a gente tão perfeitinha, quando a gente tá ficando mocinha, (...) começa a cinturinha, o bumbumzinho,(...) faz perfeitinho a idade reprodutiva. Lá pela volta dos 45 (...) Deus cessa a menstruação naturalmente, quando a gente não tem mais condição de ser mãe. Então não sei se mexer bem com isso daí, não... – sabe? Não sei se é bom, não. Nem no ponto de vista de saúde, nem emocional, nem moral, nem religioso, nada. Acho que a gente tem que procurar formas (...) de conviver melhor com a menstruação; não tirar menstruação. (IV-2)

Tem médicos que defendem esta tese: que menstruar faz mal. (...) eu não concordo com este médico. (...) eu sou mais a favor do natural. Eu acho que a natureza... ela é perfeita, assim; sabe? Ela tem o ciclo dela, ela tem o tempo dela, (...) ficar sem menstruar – imagina: como é que fica este endométrio, durante 6 meses sem menstruar?! (...) Eu não entendo isso; não entra na minha cabeça. (...) (V-2)

Porque a gente sabe que se a gente for mexer... é que nem mexer num cacho de marimbondo, né? Vai sair picada pra tudo que é lado, né? (I-2)

A gente nasceu assim; aí você for mexer, algum problema tem que dar. Algum efeito colateral tem que dar. (I-5)

*Mas não tem o tempo certo pra mulher parar de menstruar? Tem, não tem? Então eu acho que, deveria chegar essa idade, né? e parar por ela mesmo, no tempo certo, no tempo de parar mesmo. (...) Eu acho. (VII-9)
Eu concordo com ela. Se tem o tempo certo, pare no tempo certo. (...) (VII-8)*

Muitas mulheres indagavam-se sobre o que levaria alguém a apregoar que a mulher não deve mais menstruar. Outras divagavam sobre os motivos que levariam uma mulher a decidir-se sobre a amenorréia. Essas divagações permitem compreender o esforço das mulheres na busca de explicações e no relacionar hipóteses diante de eventos que não entendem, mas que refletem os tempos nos quais vivem: o culto à vaidade, a falta de tempo, os interesses financeiros mais que ocultos, mas nem por isso despercebidos.

Eu acho uma agressão. Eu acho a mulher se agredir. Por mais moderna que seja, (...); porque é uma coisa que a gente não... não opta por ter ou não ter. Acho que a maioria das mulheres tem; e quem não tem, tem problema. (...) Então eu acho que é uma agressão, (...) falta de... instrução, sei lá. (V-1)

Eu acho que teria que ouvir: mulheres que pensam assim, - quais os motivos? Uma vaidade? uma vida muito corrida que ela não tem tempo de pôr um absorvente? (...) ou se for um incômodo de cólica, (...) não tem uma outra solução...? (V-3)

Eu acho que pode ser o que V-I falou: Se eles estão lançando um produto novo, (...) então é interessante incutir na cabeça das mulheres que não é legal menstruar, e aí se vende o produto. Mas, o... o argumento (...) é esse: você diminuir o desconforto da Tensão Pré Menstrual. (...) se você

tirou, né? a causa dessa irritabilidade, que é a menstruação, então você não vai mais ficar irritada. Quer dizer: esse é o argumento (...)(VI-4)

Agora, esse argumento dele é furado.(...) Se você fica irritada e precisa parar de menstruar, (...) acho que não. Tem outras formas para se evitar isso: toma um floral, (...) se controla,(...) Vai por esse lado. Sei lá.. (VI-2)

Algumas mulheres relataram que haviam usado MAC que induziram a amenorréia. Acharam ótimo não menstruar, pela liberdade que lhes proporcionou; contudo, assombraram-se com os efeitos colaterais que advieram e não repetiram a experiência. Outras perceberam a ausência de menstruação com grande preocupação.

Eu usei uma injeção que chama Depo-Provera, que suspendia a menstruação. (...) MA-RA-VI-LHO-SA! (...) foram 2 anos maravilhosos na minha vida; não tinha problema de ir na praia, de ir na piscina, de sair, de vestir roupa. Tomei, usei, achei ótimo. Só, que os efeitos colaterais, é... eu não sabia. E eu fiquei sem menstruar mais um ano depois que eu parei... Ai eu ficava naquela dívida, comecei a inchar... achei na minha cabeça que era porque eu não estava menstruando, ou porque essa injeção mexeu muito com os meus hormônios.(...) ai eu comecei a ficar preocupada (...)(I-3)

(...) uma vez, eu tomei pílula a mais. (...) fiquei extremamente inchada e super ruim mesmo; pior do que se eu tivesse menstruado. (...) Ai, o que aconteceu? Reteu o líquido, (...) e eu fiquei muito pior. Então é por isso que eu acho que tem que ter; por mais chato que ela seja. Eu jamais tomaria um remédio pra não menstruar. (...) Vou esperar a menopausa, mesmo.(risos) (IV-5)

(...) esse um ano que eu fiquei tomando [Depo-Provera], não descia a menstruação. Eu fiquei muito preocupada! Larguei dela e tô tomando comprimido. Porque eu prefiro ver, saber; me sinto melhor, tenho certeza de que não estou grávida, que é quando desce que eu tenho certeza (...) Quando eu tomava a injeção eu comecei a engordar,(...) inchei tudo, o seio ficou enorme. Não sei o que é que aconteceu; eu acho comigo que foi um hormônio. Não entendo muito bem, mas o que eu acho é que não faz bem o fato de nunca ter menstruação, que nunca deviam fazer isso porque não vai ser bom pra nós, certo?(III-6)

Meu corpo aumentou, eu conversei com o ginecologista porque eu já não tinha mais vontade de ter relação [sexual] nenhuma; (...) ele explicou: “É que (...) quando você menstrua você tem desejo, tudo. Mas agora você imagina: sem menstruar, você vai ter desejo do quê?(...)” faz 4 anos que eu tomo a Depo-provera (...) (VII-3)

Ainda que os tempos tenham mudado, algumas mulheres permanecem com alguns mitos que suas mães e avós lhe passaram; como se obedecessem ao ditado: “não acredito em bruxas; mas que existem, existem”. Se a menstruação faz parte da natureza da mulher, mudar esta natureza é criar problemas e retirar delas a certeza de não estarem grávidas nem doentes.

Que nem voltando aos antigos: aí sobe pra cabeça (Risos gostosos) “Não, se você não menstruar, aí sobe pra cabeça!” (...) Ah, eu acho que não [acredito nisso], mas também não duvido assim piamente: não, não vai acontecer. (risos) Eu tenho medo. Porque, querendo ou não, é da natureza da mulher, né? Se o natural é menstruar e você corta isso, vai trazer algum problema. (I-2)

É o indicativo mais forte que você tem se está grávida ou não, a menstruação. Se não tem mais menstruação – e daí, como você controla, se você está grávida ou não? E se você parar (...) pra ficar grávida, quem garante que não causa nenhum efeito no bebê? (...) sei lá, tem que pensar bastante. Eu tenho medo, do depois, das conseqüências. Ou: na hora, é beleza, beleza; mas e depois? Ninguém garante! (IV-2)

Uma das idéias que apareceu foi o conceito de hormônio, cujo significado ultrapassa a concepção biológico-científica, para se incorporar no imaginário das mulheres como algo que tem poderes próprios, influenciando na saúde e na feminilidade. A chegada da menstruação é acompanhada de mudanças físicas e psíquicas na menina, transformando-a em mulher. Isto foi relatado em muitos grupos focais, em situações diversas. Nas conversas apresentadas abaixo, este significado é usado para justificar a desconfiança das mulheres em relação aos métodos contraceptivos que suprimem a menstruação, posto que mexeriam com seus hormônios.

Tem uma coisa interessante,(...): logo depois que começa a vir a primeira menstruação, as formas da mulher começam a mudar. Tem tudo a ver com isso que você falou dos hormônios, sim. Como é que você vai tirar uma coisa (...) que colabora pra equilibrar toda sua questão (...) de hormônio? (I-6)

Conforme vai mudando as formas, vai mudando o comportamento da mulher também. (I-1)

O seio vai crescendo, a voz (...)... tudo modifica. É importante, sim! (I-6)

Você vê como que mexe com hormônio, porque (...) uns 10 dias antes, eu começo a sentir assim: dolorida. É o hormônio que tá mexendo; acho que é mais o hormônio, isso aí. (I-5)

Ah, mas depois dos 30 (...) já tá tudo pronto; já podia parar, já, né? não precisava mais nada. (I-2)

É; mas quando pára, aí tem que tomar hormônio pra repor hormônio. (I-5)

Ai, Senhor!... (risos) (I-2)

Os relatos de várias mulheres deixaram transparecer que não faziam distinção entre o sangramento menstrual e o que se segue à interrupção do contraceptivo hormonal, tal como foi encontrado por TONKELAAR e ODDENS (1999). Mais ainda, mesmo as participantes de maior escolaridade consideravam que, uma vez que estavam “menstruando”, ou apresentando o sangramento após a interrupção depois do anovulatório, ainda ovulavam. O fato de sangrarem dizia-lhes que este método era menos danoso que os que suprimem a menstruação.

A pílula, eu vejo que altera o meu metabolismo, (...) qualquer outro método também, que modificasse (...) assim, de não vir, (...) ia ser pior ainda que eu utilizar a pílula.(...) Eu acho que realmente a menstruação é um sinal de saúde, é um sinal de que está correndo tudo bem. Mesmo que usando a pílula, ela venha com menos intensidade, mas... pelo menos eu sei que estou ovulando, estou menstruando, então está tudo em ordem.(...) Eu não usaria, não. (V-3)

A perspectiva de abolir a menstruação traz à baila o conceito de que menstruar é eliminar um sangue que tem um caminho natural a percorrer: sair do corpo. E questiona-se para onde irá o sangue, se não for eliminado. A idealização do corpo como um vaso em que se recebem coisas e outras são jogadas fora é antiga, e ainda encontra eco no imaginário das mulheres.

Essa pessoa fica sem menstruação? E depois, não causa um problema, posterior, para a saúde da pessoa? (...) Porque é da natureza da pessoa, a pessoa menstruar todo mês. A pessoa ficar sem menstruar? Vai pra onde, esse sangue, o sangue menstrual? (...) e o óvulo? (...) A pessoa não ovula, então. (VI-1)

O medo de lidar com hormônios evidenciou-se não somente quando consideravam, a longo prazo, as conseqüências sobre a saúde delas ou a dos futuros filhos. Os relatos estendiam-se, vislumbrando a perspectiva da menopausa. Para muitas, as complicações próprias do climatério estavam diretamente relacionadas aos hormônios que a mulher tomou durante a vida reprodutiva para evitar a gravidez.

No tempo que eu tomei a Depo-Provera, (...) eu fiquei uns dois anos sem descer (...) essas injeção que segura, que não menstrua: qual o mal que ela vai causar, na hora que chegar na sua menopausa? Porque mulher que não tomava nada, [fala da avó e tia] (...) nossa, têm problema terrível: é calor, é frio, (...) – que dirá segurando? (...) qual vai ser a conseqüência disso? Se a menopausa delas são desse jeito, imagine a minha, como que não vai ser?.. (VII-3)

Então, é mais engraçado que no tempo da minha avó não tinha reposição hormonal. (...) e não se ouvia falar de efeitos (...) do climatério, (...) (I-3) Mas (...) era mais abafado, esses assuntos. (...) os antigos não comentavam (...) sobre menopausa, sobre o quê que tá passando... (I-2) (...) sofria e nem sabia. (...) eram muito reprimidas, as mulheres. (...) (I-5) É porque não existia método anticoncepcional, assim: a pílula. (...) então o organismo não era tão intoxicado de droga. Por isso chegavam lá na (...) menopausa, e a pessoa não sentia tanto efeito colateral - que eu acredito que seja isso. (I-3)

Os relatos deixaram transparecer que antes de decidir-se por abolir a menstruação, a mulher precisa se assegurar de que não haverá problema; precisa que lhe provem. A maioria delas mostrou-se desconfiada; estão mexendo com seu corpo e sua saúde. Quando falavam a esse respeito, usavam um tom de voz de autoridade, a cabeça erguida em olhar desafiador, como quem é dona de seu corpo, de sua menstruação.

Eu tenho dúvida: Como é que eu vou entrar numa dessa, de deixar de menstruar, se ele não me fala claramente se isso vai me trazer prejuízo ou não?(...) Quando eu tiver consciência de que aquilo não vai me trazer prejuízo, aí é diferente. Mas, enquanto houver dúvida da minha parte, (...) eu prefiro continuar como está. (...) prefiro ficar reservada nesse sentido.(...) É droga, né? É remédio. Não é natural. (I-6)

E, que por ser uma coisa natural, da gente mesmo, né? aí vem: “Ah, vamos tirar”. Mas... o que é que vai acontecer? (I-2)

Como é que fica o organismo? é isso que eu queria saber. Eu acho que dá outro tipo de seqüela, eu não sei. (...) desde que eu soubesse exatamente o que acontece com o organismo, com certeza eu ficaria [desconfiada]. (VIII-5)

Se não vai prejudicar em nada, aí tudo bem: eu poderia até usar. Mas, pelo contrário, tem que explicar direitinho o que não prejudica, o que prejudica, entendeu? (VIII-1)

A conseqüência.(...) (VIII-5)

Porque já existe alguém,(...) que ficou sem menstruar (...) já passaram 20 anos – não acarretou nada pra pessoa?(...) Porque a minha mãe, (...) teve que retirar todos os órgãos internos, (...) entrou numa menopausa mais nova, e ela tem um monte de problemas. Então, (...) eu acho que pra dizer que é bom não menstruar, teria que ter alguma coisa provada, para que não vai acarretar... problemas futuros. (VI-6)

Também porque essa história de interromper a menstruação é uma quantidade enorme de hormônio. (...) Dizer que interrompeu a menstruação por meio de hormônios, e para evitar filhos também interromper... eu acho que é muito pesado; (...) é mexer muito com o organismo da gente, é muito profundo, é muita coisa que tá em jogo (...) (II-6)

Neste apropriar-se da menstruação as mulheres deixam transparecer, nos seus comentários, questões de gênero, em que a supressão da menstruação passa a ser vista como uma intromissão, uma interferência do gênero masculino sobre o que pertence ao domínio das mulheres. A perspectiva de ver a sua menstruação abolida voluntariamente fez surgir um outro valor, diferente dos significados anteriores, mais vinculado a um sentimento de posse, de algo que lhe pertence enquanto mulher.

Outra coisa: tudo é em cima da gente também; (...) tudo bem que liberou a gente pra sexualidade, tudo mais; individual. Mas se você pensa em termos de casal, (...) tem pilula pro homem; por que ele não toma? Não se cogita! (...) acho tão engraçado! (...) Por que desenvolve tanta coisa (...) pra mulher? (...) já tem um monte! Por que mais um, suspender a menstruação? O que eles querem fazer com a vida da gente?... (II-6)

O X, aquele que fez pós-graduação; outro dia eu estava vendo uma entrevista dele, (...) mas ele falava de um jeito assim... nossa! Parece que ele quer abolir a menstruação, assim. (...) Ele falava assim: “Não, mas e pra namorar, gente? Imagina! Ficar menstruada, coisa que incomoda!” Eu pensei assim: “Gente! Ele é mulher, pra ficar falando essas coisas?! (...) Pô, mas o cara nem mulher não é, e fica falando que não pode menstruar...” (risos) (...) Eu achei tão estranho... Parece que não quer que a gente menstrua... (VI-8)

A gente tem que menstruar, né? Tem que respeitar a gente!..- tem gente que gosta de menstruar. Tem gente que não gosta; mas tem gente que gosta, né? Sei lá: mulher, pra mim, tem que menstruar.(...) (VI-7)

Quem inventou isso (...) Todos homens, né?(...) Eu não ia gostar, não. (II-6)

Eu também não. Eu acho que até perante ao homem: (...) quando eu to perto da menstruação, eu sou mais eu e... sou mais forte, consigo me impor mais; até perante meu marido (...) porque eu fui criada no meio de só homem, e quem imperava lá era os homens; certo? (...) esse lado meu perto da menstruação, (...) eu respondo, eu brigo mais pelas minhas coisas. (...) é uma maneira de mostrar pra ele: não, que eu sou mulher, eu posso, eu sou alguém. Não é que nem a minha mãe (...) [o marido:] “Aumenta a comida, vai lá no fogão!” (...) então ela era mulher mesmo; aquela lá: doente... (II-1)

Outras mulheres consideraram o problema sob uma lógica diversa: nenhum médico receitaria ou recomendaria algo que não estivesse fundamentado em um conhecimento maior, em pesquisas científicas, na idéia de que ninguém quer prejudicar ninguém. Em geral, as que pensam assim também manifestaram dúvidas sobre a real necessidade da mulher menstruar. Outras, ainda, consideraram adequado suprimir a menstruação, no caso de problemas médicos e menstruações abundantes.

É o que você perguntou: Por que a gente menstrua? Cada um ficou dando sua opinião, mas.. quem tá certo? Será que existe realmente essa necessidade da gente menstruar? É a natureza; mas cada um é cada um. (...) uns sofrem mais, outros sofrem menos e tem gente que nem sente nada. Então eu acho que é válido, se não for me prejudicar em nada... Agora, que nem ela falou: Não adianta também consertar uma coisa e prejudicar outra. (...) Tem um médico que diz que não tem necessidade da mulher menstruar. Quer dizer: para ele falar isso, ele está baseado em alguma coisa. Por que é que uma pessoa ia falar isso, dessa maneira?(...) Então, eu não acho que é uma coisa tão importante, (...) a menstruação. (...) (IV-6)

Eu (...) não sou assim só pela natureza, também.(...) tem mulher que quando fica menstruada tem cólicas horríveis, que desmaia, (...) fica a semana inteira sangrando (...), anemia, tudo. (...) a gente não pode ser – nem tanto pra lá, nem tanto pra cá. (...) a menstruação é saudável, é legal dentro do normal. Pra mim é super bom, tudo bem. Mas tem gente que passa muito mal. Então, eu acho que tem que colocar, se for viável para aquele caso... (V-1)

Algumas mulheres confessaram que adorariam ver-se livres da menstruação, mas ao mesmo tempo têm certeza de que isso não é possível sem que haja prejuízo à saúde. Outras utilizaram a perspectiva de haver, hoje, um modo de suprimir a menstruação, para manifestar sua revolta e impotência diante de algo que lhes foi imposto pela natureza e de que não entendem a finalidade. A maioria das mulheres que se rebelou pertencia à faixa etária mais jovem.

Eu já tentei usar injeção, mas meu médico achou melhor não; mas eu ia adorar. (risos) (...) se você me dissesse que este método não iria (...) trazer nada desses problemas mais futuros, eu... pra mim, seria ótimo.(...) (V-5)

Se puder parar a menstruação e não tiver, não causar danos pra frente, aí, nossa! Eu tomo hoje. (risos)(VII-3)

Eu acho ótimo [abolir a menstruação]. (risos) (...) Eu concordo com ele, porque eu não vejo necessidade disso! Os dois anos que eu fiquei sem menstruar, eu não senti falta, (...) não me senti com a consciência pesada, nem com os antigos, né? falando (...): “Fulana, mas você não menstrua? (...) O sangue não foi na cabeça? Você não tá endoidecendo?” (...) Todo mundo põe na cabeça da gente que ficar mocinha é ótimo, que a menstruação é a confirmação de uma não gravidez, e que você tem que passar por aquilo

todo mês. Eu falei: “Tá; tudo isso, por quê?” Ninguém explicou, até agora. (...) Mas eu gostaria de não menstruar mais, porque eu (...) não sinto hoje necessidade de menstruar. (...) se tivesse um modo de parar e não me trazer problema, eu usaria numa boa; Mas como não tem, é melhor você ficar do jeito que tá.(I-3)

Dos depoimentos, depreende-se que há atitudes diversas diante da própria menstruação, refletidas no modo como encaram a possibilidade de suprimi-la artificialmente. Para umas, a menstruação era vista como parte de sua natureza de mulher. Para outras, como algo desagradável, mas ao qual estão vinculadas pelo significado que lhe dão – de saúde, de não-gravidez. Independente de sua posição, todas temiam os efeitos colaterais da sua supressão. Uma terceira categoria de mulheres, contudo, pareceu aberta à experimentação com o seu corpo, e não se recusaria à alternativa de abolir a menstruação. Pareciam basear-se na premissa de que cada indivíduo (ou “organismo”) é diferente do outro; portanto, poderiam experimentar em si mesmas, ver como reagem, e só então decidirem. As mulheres que manifestaram esta atitude mais aberta diante do novo, onde prevalecia a independência, ao invés da submissão, foram minoria.

Eu usaria um método que.. falasse assim: “você não vai menstruar, você só menstrua quando você quiser”. (...) Então, eu faria o teste; se eu sentisse que não deu nada, e que eu to me sentido bem, eu continuaria. Porque um organismo não é igual o outro: pra um pode fazer bem, pra outro não...(..) se fosse uma injeção (...) você toma uma por mês, (...) fica aí sem menstruação quatro meses, ou seis meses.. Depois, você quer limpar, não toma: desce, limpou tudo. Você começa a tomar... – olha que coisa boa! (risos) (VIII-6)

Pra mim, (...) se fosse um método assim, que (...) não ia me dar dor antes da menstruação, eu tomaria (...) Mas, com uma condição: um teste – pra um mês. Se eu não tivesse nenhuma reação (...) eu tentaria. (VIII-10)

Se eu tomei a Depo Provera, a injeção dois anos e não menstruei dois anos, por que eu não posso ficar mais dois?(...) (VII-3)

Volta naquela questão: se não fazer mal... (IV-7)

Se não tem efeito colateral.. (IV-6)

Eu não quero engravidar, né? (IV-7)

4.6. MENOPAUSA

A pergunta sobre menopausa em um estudo sobre menstruação – o seu “oposto” – justifica-se pelos indícios que podem trazer à luz o significado da menstruação para quem antevê a sua ausência um dia. O significado de algo pode emergir a partir da consideração da sua perda – como quem avalia a importância da água nas torneiras de sua casa somente quando há racionamento. Assim como a amenorréia oriunda de métodos hormonais trouxe à baila significados da menstruação que antes não tinham aparecido com tal intensidade, importa conhecer também a atitude das mulheres diante da “amenorréia fisiológica” – ou seja, a menopausa.

Dentro dessa perspectiva, observou-se que há atitudes díspares em natureza, assim como são díspares as atitudes que concernem à menstruação – da aceitação à revolta – passando pelo conformismo com seu destino de mulher.

É diferente você viver um ciclo de vida, menstruar durante um certo tempo, aí entrar a menopausa e parar, acabou, né? (...) É um ser natural, quer dizer que é assim que é a mulher, né?(II-6)

Então, mas é engraçado também; porque a menopausa traz também esses efeitos colaterais; é a falta da menstruação...(I-3)(...)

Porque, se você pára de menstruar, você não tem que repor hormônio, tudo isso?(...) Então a menstruação trabalha nessa área, né? Ela repõe hormônio sozinha, porque quando você pára, você começa a sentir outras coisas.(I-5)

Observou-se que as mulheres, em geral, temem a menopausa. Muitas associavam-na com decadência e velhice, com os desconfortos que ela traz. Já falavam em reposição hormonal com a mesma familiaridade com que antes falavam de TPM.

Então pra mim foi – no começo, foi muito difícil! Ah, pra mim não era possível, eu era muito nova. “Quê que é isso, sou muito nova, que absurdo! (...) Não é possível que meus hormônios já estão caindo; então a minha cabeça vai começar a cair, então também, de comum acordo.” Agora não, agora eu me informei, li mais, conversava com pessoal no consultório... me conformei mais. (IV-2)

Aí que os problemas começam; se a gente acha que a menstruação é problema, vai começar depois – porque daí começa a tomar hormônio, você nunca está bem, sempre com mal estar, calor, frio.. (...) Das minhas tias, eu vejo: pêlo que cresce no corpo, (risos) (...) Ah, não!.. (VI-3)

Dorme com o ventilador ligado, acorda com a camisola molhada, fica com a janela aberta.. (risos) (...) Eu já sinto um calor, (...) imagino eu chegando na menopausa; se eu tiver os calor que a minha tia tem, eu vou ter que andar pelada.. (VI-4)

De qualquer modo, uma série de valores aparece, em que fica evidente a associação entre menstruação e juventude, e principalmente a *fertilidade* como algo intrínseco à condição de mulher. A presença da menstruação em suas vidas significava, para elas, que ainda são capazes de ter filhos, *ainda que não os queiram*, e este dado constituía em si uma afirmação da sua própria feminilidade.

É, é isso que você falou, uma grande coisa. Aquela sensação de ainda...ser mulher, estar fértil, aquela coisa assim, gostosa.. É claro que eu não tenho mais a intenção de ter nenê, porque não ia dar certo, né? (risos) Já tenho um filho, homem.. (II-2)

Eu vejo as minhas irmãs, que estão entrando também na menopausa (...) elas.. – não sei, elas passam pra mim que parece que elas não são mais mulheres! Sabe? - aquele negócio acabou! (...) é estranho! (...) Eu sinto isso. (...) A minha irmã também tirou o útero; aí ela sentiu menos ainda. (...) “Eu não sou mais mulher, não sei o quê..” (...) Vem uma depressão, eu acho. (VI-7)

O lado negativo da menopausa fazia brotar a visão do peso de ser mulher e não escapar do sofrimento que lhe é inerente, qualquer que seja a fase de sua vida: “além dos desconfortos da menstruação, ainda temos à frente os da menopausa.”

Ai, gente, isso aí eu tenho medo, sabe? Esse negócio de entrar na menopausa, ter que repor hormônio (...) Eu tenho uma tia minha que começou a tomar esse negócio, começou a ficar mais gorda, (...) outros problemas, sabe? que não tinha... Ai, gente, quê que é isso?! Não sei o que é pior, viu?.(I-6)

Não dá uma depressão danada?(I-)

Eu vejo a minha irmã, minha mãe, (...) fico pensando, desde já, quanto tempo vai demorar pra me dar; (...) um ano, dois anos, um mês (...) você acaba sentindo, só de você ver! Se a minha irmã, (...) pudesse entrar dentro do congelador, ela entraria; é gelo direto, ventilador, não vence! Então acho que tudo isso acaba deixando você ainda mais um pouco revoltada, sabendo que ainda tem essa fase. (III-7) (risos)

O lado positivo da menopausa aparecia quando as mulheres viam-na como parte do seu ciclo de vida. A menopausa surgia então como uma outra fase, em que não há mais desconfortos menstruais, preocupações quanto à possibilidade de engravidar, filhos para tomar conta. A mulher pode agora cuidar de si mesma.

Acho que a gente vai ter outras coisas, no lugar dos hormônios, sei lá, sabe? Vai substituir aquilo que era a menstruação. Acho que a própria natureza faz esses mecanismos. A minha mãe parou e não morreu; a minha irmã parou, não morreu; Vive muito bem, feliz, passeia, dança, faz tudo o que tem direito; você concorda?(IV-2)

Eu vejo, eu converso, com bastante gente na faixa assim da menopausa. Que elas falam (...)“Agora sim, que eu tô vivendo. Não tem aquela preocupação: ‘Ai, eu vou ficar menstruada o mês que vem..’ Agora não: agora eu sou livre.”(IV-3)

No caso de minha avó, não! Sabe, ela fala: “graças a Deus que essa minha fase já passou”. Ela não mudou nada, sabe? Ela falou que quando ela era mais novinha, (...) ela entrava num desespero, (...) tinha vontade de ir lá e arrancar o útero, (...) não via a hora de (...) chegar na menopausa.(...) que depois que ela entrou na menopausa, não tem problema nenhum.(...) “Graças a Deus que esse assunto já não faz parte de mim.” (...) (VI-2)

Em um mesmo grupo, de faixa etária mais próxima da menopausa, observaram-se duas visões antagônicas que relacionam a menstruação à mulher. Em uma, a menstruação

determina a vida, e sem ela “não dá pra ser feliz”. Em outra, a menstruação é mero acessório, marca uma fase que um dia vai passar, mas isto não representa o fim do mundo, mas o fim de um estágio na vida e o início de outro. Abaixo, a transcrição dessas atitudes:

Ah, mas olha, eu fui muito na psicóloga por causa disso aí. Mas ainda a minha cabeça não aceita, não. Meu coração fica triste. (IV-2)

Ah, o meu não vai ficar, não! (IV-3)

Bom, eu vou ser bem pra frente. (IV-7)

É uma coisa que só faz parte, a menstruação. (...) veio a adolescência, vem a menstruação, vem a época de ter filho, vem, depois vem a menopausa, acaba a menstruação... e a vida continua.(...) Eu sou uma que não atrapalha a vida. Ah, menstruou [quis dizer parou de menstruar] , “agora eu tô velha, eu tô morrendo”, e já vai encomendar caixão...(IV-4) (risos divertidos)

Vai no Serra, começar a pagar o Serra... [Organização de Luto Serra] (IV-5)

Quando perguntadas sobre a possibilidade de continuar menstruando depois da menopausa, através da reposição hormonal, a maioria das mulheres rejeitou a idéia – seja porque manteria os desconfortos menstruais a que estão sujeitas hoje, seja por respeito à sua própria natureza. Na discussão abaixo observa-se como a menstruação está fortemente relacionada às questões de fertilidade, saúde, vínculo com suas ancestrais:

Não, não gostaria; eu quero ser que nem a minha avó, minha mãe. (...)(II-1)

Desde que o médico prove pra mim que eu não vou ter nenhum problema com esse negócio de meus hormônios – pelo que fala da menopausa esse monte de problema que a mulher tem, mexe com tudo o organismo, né? (...)

Então, desde que o médico fala, assim pra mim: “Olha, você, vai descer pra você bonitinho, você não vai ter problema, como não está tendo agora” - eu vou achar ótimo! (...) fico de cobaia, sem problema.(...)(II-5)

Eu concordo com a II-1: acho que deixa como tá. É bobagem, a não ser pra uma mulher que não teve filho, e quer prolongar pra ter filho – apesar de também é um risco muito grande, de ter filho mais velha, né? (II-6)

Eu nunca achei uma mulher que não quer ser mãe, né? (...) (II-1)

Então. Mesmo assim, você prolongar a menopausa pra ter a oportunidade de ser mãe fica uma coisa complicada; seria uma opção. Não, não tem sentido; porque uma hora vai ter que parar. Vai morrer tomando hormônio?! (II-6)

Não está no escopo deste trabalho analisar em profundidade o significado da menopausa, mas tê-lo como indicador indireto dos valores associados à menstruação e ao que ela representa. Assim, o significado da menopausa passa a ser o espelho que reflete o significado da menstruação – como marca de mulher, como vida, juventude, fertilidade, saúde. Foi o que pôde ser observado nos diálogos dos grupos.

*Acho que tem que ser o que ela falou: é o ciclo natural; chegou na época, parou, parou. Não tem nada que tomar remédio para voltar a menstruar. (VI-6)
Você já pensou, uma mulher de 70 anos, menstruando? (VI-7)
Porque, se ela estiver menstruando ela vai ovular – acredito eu, né? Já pensou se ela engravidar? É nisso que eu penso, né? (VI-5)(...)
Mas às vezes, a medicação utilizada na menopausa, ela... não é com a intenção de que a pessoa mais velha venha a engravidar; mas sim que ela (...) não tenha transtornos – físicos e psicológicos.(...) estabilizar, né? Repor, talvez, hormônio. Mas não no sentido de continuar com aquela idéia assim: “Não, eu vou poder engravidar, eu continuo na ativa,” (...) nunca pensei muito a respeito, mas.. (...) É a questão da saúde; (...) não.. reprodutiva; mas da saúde da pessoa, dessa pessoa mais velha. Que há uma alteração, né? (...) Eu vejo pela minha mãe, né? Alterações hormonais, os calores, essas coisas (...) que falam, né? (VI-2)*

Eu acho que é porque antigamente,(...) Quando a mulher tinha 50 anos (...) ela já era uma senhora, (...) e é bem no período em que acaba a menstruação; então... você tá velha; né? Hoje não: a gente vê por exemplo a Vera Fisher – ela é linda, tem mais de 50, (...) Beth Faria, (...) Então: e estão aí! São desejadas a todo vapor!... (VI-4)

É, mas se assim, se a gente for ver, são (...) 50 anos contra séculos, assim, de... de um pensamento,(...) que a gente associa, né? a velhice, a fase improdutiva da vida (...) com a menopausa, né? para a mulher. Pro homem nem tanto, né? porque o homem ainda consegue procriar até o último dia de vida...(...) Eu (...) não vou falar assim: “Ah! Normal!” (...) não sei se vai ser normal (...) quando tiver minha última menstruação. Mas o que eu tenho que pensar, desde já, é que (...) eu tenho que desassociar este componente psicológico, (...) de falta de saúde, falta de viço, (...) com a última menstruação. (...). Então eu acho que cabe, de nós agora, já.. fazer um trabalho (...) desassociando isso. Continuo viva. Mas a gente só vai saber quando chegar lá. (VI-4)

(...) pra chegar na menopausa você tem que tá assim, se preparando, né?(...) tomar hormônio, não sei o quê... (...) já vai acarretando é problema pra gente, a preocupação. (...) (VII-7)

Você se sente mais velha também, não é? (risos) (VII-2)
Eu não também não to preparada pra receber ela, não. (VII-10)
Eles falam assim) “menos pau”; quando chega a menopausa, é menos pau. (risos divertidos) (...) (VII-7)(...)
(...) a gente ouve muitos comentários; (...) eu não aceito também, não, que os outros fiquem falando: “Ai, já tá na menopausa. (...): quarenta anos, já tá começando.”(...) (VII-3)
É porque a gente ouve muito as mães da gente reclamando. E (...) os filhos (...) quando a gente tá irritada, (...) falam: “Tá na menô! Tá na menô!” (risos) (VII-7)
É, cobrança, é tiração de sarro.(...) (VII-10)

Houve, da parte das mulheres, o medo de perder a menstruação e, com ela, a saúde, a feminilidade, a capacidade reprodutiva.

Então, a gente tem que estar preparada pra essa fase (...) “Ah, você tá na menopausa?” – e é uma palavra que choca a gente. Porque a menopausa não quer dizer só menopausa: vem a velhice; (...) já tá caminhando pra aí. (...) [as] irmãs [da igreja] que já estão na menopausa, (...) falam assim: “(...) quando eu menstruava era tão bom! eu não sentia essas dores que eu sinto agora..” (...) mexe com a cabeça da gente; e eu não to preparada pra essa fase aí, não.(...) (VII-10)
Eu (...) sei que eu to perto de entrar, mas eu não me conformo e eu morro de medo, porque eu vejo (...), um monte de gente reclamar – Gente, pra mim isso é um bicho de sete cabeças; eu não sei se eu vou encarar essa. Sabe? (...) eu não aceito. (...) devia reinar pra sempre, [a] menstruação (...) porque menopausa (...) mexe muito com a mulher. A minha mãe, (...) vive no controle, ali no postinho, direto;(...) morro de medo; (...) mexe mesmo comigo (...) devia ter um método pra não ter menopausa, pra mulher menstruar – (...) a gente se sente mais nova, né?(...) depois que você pára de menstruar, você vai se sentindo assim se acabando, sabe? Ai, eu sinto assim! (...) (VII-9)

Outras não viam a hora que a menopausa chegasse, para se verem livres da menstruação.

Eu tô aguardando; não vejo a hora.(...) Eu tô aguardando vir mais cedo.(...) (VII-11)

A experiência das mulheres mais velhas da família parece exercer grande impacto sobre essa concepção. Observá-las sofrendo os sintomas característicos da menopausa traz medo. Por outro lado, vê-las liberadas dos encargos de filhos e das preocupações que a menstruação traz, isto dá confiança às mulheres que ainda não passaram pela menopausa. Algumas mulheres dos grupos teciam considerações mais filosóficas, contemplativas, em que a menstruação e a menopausa são parte de todo um ciclo de vida que faz parte da natureza da mulher. Outras mulheres negavam a associação menopausa/velhice, sob o conhecido bordão “a velhice está na cabeça”, ou “vou ser bem pra frente”.

Eu não tenho medo da menopausa; sei que daqui mais um pouco vou entrar nela, não tenho medo, e acho que velho ..não existe. Isso é na cabeça da gente; (...) acho que eu vou ficar sempre a menina de sempre, dentro da minha mente. O meu espírito é criança; se deixar, eu brinco: eu brinco no meio das crianças, (...) se eu achar aquela roupa bonita, (...) achar que ficou bom em mim.. – não tem idade. Eu acho que a partir do momento que eu estou me sentindo bem, não existe velhice. Eu acho que quem faz a velhice é a gente mesmo. (...)(VII-6)

Propositadamente, a pergunta sobre a importância e o valor da menstruação foi colocada uma segunda vez, ao final, após a discussão de todos os assuntos, incluindo as perspectivas de modificá-la, aboli-la ou perdê-la. Partiu-se do pressuposto de que esta segunda resposta traria, após tantas trocas de vivências e idéias, uma dose maior de verdade quanto ao que as mulheres realmente pensam sobre a menstruação. Não houve, da parte desta pesquisadora, a intenção de comparar respostas antes e depois. Talvez isso possa ser feito *a posteriori*, em outro estudo.

MC23: Agora, então, se a gente pensa tudo aquilo que a gente conversou, pra finalizar: O que é que a menstruação significa pra mulher? (...)

Vida. Vida plena. (*risos gostosos das demais participantes*) (...) você está menstruando todo mês direitinho, certinho, não tá ficando um trapo depois dos 40 - 45... (IV-2)

MC: *Meninas, só me respondam, no final das contas: É bom menstruar ou não?*

Não. Pra mim, não. (III-8; III-2; III-3; III-9)

MC24: *Melhor que não tivesse, então?*

III?: Podia passar sem essa, não?/ III?: Se não fizesse mal à saúde, era bom que não tivesse.

A mulher que menstrua, Clara, tem muita mulher que diz: “Ah, que bom se eu fosse homem... homem não tem esse problema”. (III-10)

MC24: *Agora, analisando...(...) é importante menstruar, ou não é ?*

Não.(...) (VI-4)

É.(...) Faz parte de mim. (VI-8)

Eu acho que sim. (VI-7)

Sim.(...) (VI-6)

Ela não disse que odiava a menstruação? Você viu? (*risos*) (VI-4)

É, mas eu acho importante, porque (VI-7)

Mas é chato menstruar! (VI-2)

5. Conclusões

A menstruação foi descrita como um mistério que a mulher vivencia - e o homem jamais saberá o que é. A mulher apodera-se disso e constrói o seu reino, compartilhado apenas com outras mulheres. Observava-se que as participantes falavam abertamente de si mesmas e suas coisas íntimas nos grupos focais. Ao término dos grupos, todas saíam animadas, parecendo mais unidas – como se a troca de suas vivências tivesse, de certa forma, fortalecido ou irmanado essas mulheres.

Através da menstruação, a mulher aprende a conhecer-se como entidade cíclica. A expressão “natureza da mulher” foi recorrente nos vários grupos; é como se a mulher fizesse parte da natureza no seu sentido maior: as estações, os ciclos lunares, as marés. Assim, a mulher repete em seu corpo o ciclo da natureza: crescer, florescer, frutificar, caírem as folhas, rebrotar – são análogos às fases estrogênica, luteínica, progesterônica, à menstruação. Nos povos primitivos a menstruação era parte do equilíbrio do próprio Universo. E embora não haja, na civilização ocidental, qualquer coisa que se assemelhe a ritos que enalteçam ou promovam esse equilíbrio, parece haver algum resquício dessa “importância ancestral”. Isto se sente quando as mulheres dizem que a menstruação

repõe hormônio sozinha; quando atribuem à menstruação o poder de renovação do sangue; de purificá-las – da irritabilidade da TPM à percepção de que é um sangue sujo (o que também colabora para o nojo de ter relações sexuais e o constrangimento e vergonha da menstruação).

Associado ao conceito de purificação, a menstruação foi vista como sinal de que se tem saúde. Isto se depreendia tanto ao afirmarem que o fato de que a sua ausência é sinal de que algo não vai bem com o corpo, como pela desconfiança dos contraceptivos que suprimem a menstruação, e a quase certeza de que lhes traria prejuízos à saúde, cedo ou tarde. A associação que faziam entre menopausa, doença e velhice também confirma este significado.

As mulheres tomavam a menstruação como indicativo de feminilidade, quando relatavam a cobrança da família sobre a “mocinha”; quando reconheciam que toda mulher quer menstruar, e as que não menstruam não são normais; quando afirmavam que se vêem como mulheres quando menstruam, ou quando associavam menopausa à perda da condição de ser mulher.

A menstruação tomou o caráter de indicativo de fertilidade. A sua própria definição era dada em termos reprodutivos; era citada como tendo essa função. Acima disso, este significado aparecia quando associavam a menstruação com o fato de não estarem grávidas ou com a idéia de que ainda são férteis porque menstruam.

Os relatos permitiram que emergissem as associações que as mulheres fazem entre a menstruação e certos valores pessoais e culturais. Desta forma, a menstruação foi vista como indicadora e como propiciadora. Tanto é capaz de indicar, com a sua presença, que a mulher tem saúde, como é o que a propicia. É sinal de fertilidade e causadora de

fertilidade; é marca de mulher, e responsável pela feminilidade e pelas mudanças do corpo a partir da menarca. Sua presença caracteriza o estado de juventude; quando termina, sua ausência está associada à velhice.

Todas estas considerações não minimizam o fato de que a menstruação foi vista e relatada pela maioria como dolorosa, desconfortável, limitadora das atividades diárias e da expressão da sexualidade. Isto ficava explícito quando desejavam que os contraceptivos diminuíssem a menstruação. Este aspecto do significado – a forma como era percebida no cotidiano – foi o grande responsável pelo fato das mulheres não gostarem de menstruar.

A menstruação foi tida como coisa vergonhosa, a ser escondida. Este conceito revelou-se nos relatos em que as meninas não falavam da menarca nem recebiam orientação, quando escondiam modess dos meninos, ou quando se constrangiam diante do parceiro.

Contudo, a perspectiva de induzir a própria amenorréia foi o tema que pareceu fazer emergir o caráter essencial da menstruação. As mulheres pareciam encará-la como um fardo necessário, determinado pela natureza, em troca dos valores descritos neste estudo: saúde, feminilidade, fertilidade – carregando, nesse valor, a idéia subjacente de que a mulher foi criada para sofrer; é sua natureza e condição. Ao mesmo tempo, diante da perspectiva de alguém lhes dizer que a menstruação não é necessária, indignavam-se contra a ousadia de outros virem a mexer em algo que lhes pertence de fato e de direito, manifestando considerações de gênero bastante reveladoras.

Acima de tudo, menstruação é coisa de mulher. As mulheres reconheciam que ela é um mistério para o homem. O fato da menarca ser comunicada às mulheres que lhes são mais próximas, e receberem regras e crenças culturais da parte das suas ancestrais, corrobora

esta afirmação. Usavam, entre elas, palavras próprias que substituem “menstruação”, como um código; rebelavam-se contra o fato de que um médico homem venha a lhes dizer que menstruar não é bom. A própria empatia e cumplicidade entre as mulheres nos grupos focais, ainda que não concordassem nas suas opiniões, trouxe implícito este conceito.

Ainda que as mulheres a encarassem sob prismas e valores diferentes, indo da negação, conformismo à exaltação (em raros casos), a menstruação foi vista como coisa própria: diz-lhes coisas (“não estou grávida”, “tenho saúde”, “sou fértil”); podem usá-la em seu favor – seja para explicar a si mesma ou aos outros seus estados de espírito, para estabelecer limites no relacionamento conjugal, ou para justificar comportamentos socialmente inaceitáveis, usando-a como ferramenta para se afirmar.

FOUCAULT (1999) apregoa que jamais se falou tanto sobre sexo, e que este falar a respeito é um modo de controlar a sexualidade, imiscuir-se e exercer poder sobre ela. A menstruação é coisa escondida; desta forma, não está sob o escrutínio senão daquela que a possui: a mulher. Adquire um poder que lhe é próprio, pela simples razão de que dela não se fala abertamente. Estando no reino das coisas não ditas, não comentadas, a menstruação torna-se aliada da mulher, mais que um fardo a carregar.

6. Referências Bibliográficas

- BANCROFT, J. The menstrual cycle and the well being of women. *Soc Sci Med*, 41:785-91, 1995.
- BARNHART, K.; FURMAN, I.; DEVOTO, L. Attitudes and practice of couples regarding sexual relations during the menses and *spotting*. *Contraception* 51:93-8, 1995.
- BASSANEZI, C. Mulheres nos anos dourados. In: DEL PRIORE, M. (org.) BASSANEZI, C. (coord.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto; 1997. 678p.
- BELSEY, E.M.; PINOL, A.P.Y. Task Force on long-acting systemic agents for fertility regulation - Menstrual bleeding patterns in untreated women. *Contraception*, 55: 57-65, 1997.
- BENFAM e MACRO INTIL **Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde**, 1997. 182p.
- BRASIL. Ministério de Saúde – Resolução nº 196/96 sobre pesquisa envolvendo os seres humanos. *Inf. Epidemiol. SUS – Brasil*, 2, 1996.

- CAMPBELL, J. **As máscaras de Deus - mitologia primitiva**. 5^aed São Paulo: Palas Atena; 2000. 418p.
- CLAPIS, M. J. **Qualidade de vida de mulheres com câncer de mama – uma perspectiva de gênero**. Ribeirão Preto, 1996. [Tese – Doutorado – Universidade Estadual de São Paulo].
- COUTINHO, E. **Menstruação, a sangria inútil**: uma análise da contribuição da menstruação para as dores e os sofrimentos da mulher. São Paulo: Editora Gente; 1996. 173p.
- CUMMING, D.C.; CUMMING, C.E.; KIEREN, D. Menstrual mythology and sources of information about menstruation. *Am J Obstet Gynecol*. 164:472-6, 1991.
- DALY, M. **Gyn/ecology**: the metaethics of radical feminism. Boston: Beacon Press; 1978. 380p.
- DELANEY, J; LUPTON, M. J.; TOTH, E. **The curse**: a cultural history of menstruation. New Jersey: The New American Library; 1977. 262p.
- DEL PRIORE, M. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino In: DEL PRIORE, M. (org) BASSANEZI, C. (coord.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto; 1997. p.78-114.
- DUPAS, G. **Buscando superar o sofrimento impulsionada pela esperança: a experiência da criança com câncer**. São Paulo, 1997. [Tese – Doutorado - Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo].
- ENGEL, M. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, M. (org) BASSANEZI, C. (coord.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto; 1997 p. 322-57.

- FRASER, I. S.; WEISBERG, E.; MINCHAN, E.; JOHANSON, E. D.; A detailed analysis of menstrual blood loss in women using Norplant and Nestorone progestogen-only contraceptive implants or vaginal rings. *Contraception*, 61:241-51, 2000.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 13^a ed., Rio de Janeiro: Graal; 1999. 152p.
- GARG, S.; SHARMA, N.; SAHAY, R. Socio-cultural aspects of menstruation in an urban slum in Delhi, India. *Reprod Health Matters*, 9:16-25, 2001.
- GOLD, M. A.; COUPEY, S. M. Young women's attitudes toward injectable and implantable contraceptives *J Pediatr Adolesc Gynecol*, 11:17-24, 1998.
- GRAHN, J. **Blood, bread and roses**: how menstruation created the world. Boston, Beacon Press, 1993. 323p.
- GUYTON, A. C. **Tratado de fisiologia médica**. 6^a ed, Rio de Janeiro: Interamericana, 1984. 926p.
- HARDY, E.E; PINOTTI, J.A.; OSIS, M.J.; FAÚNDES, A. Variáveis reprodutivas e risco para câncer de mama: estudo caso-controle desenvolvido no Brasil. *Bol Of Sanit Panam*, 115:93-9, 1993.
- HEILBORN, M.L. Gênero: uma breve introdução. In: NEVES, M.G.R.; COSTA, D. M.(org.) **Gênero e desenvolvimento institucional em ONGs**. Rio de Janeiro: IBAM/ENSUR/NEMPP, 1995. p. 9-13.
- KITZINGER, S. **Mães: um estudo antropológico da maternidade**. Lisboa: Editorial Presença Ltda; 1978. 256p.
- KRUEGER, R. A. **Focus groups**: a practical guide for applied research. Thousand Oaks: Sage Publications; 1994. 254p.

- LAWRENCE, D.L. Menstrual politics: women and pigs in rural Portugal In: BUCKLEY, T.; GOTTLIEB, A. (ed). **Blood magic: the anthropology of menstruation**. California: University of California Press; 1988. p. 117-36.
- LAWS, S.K. **Issues of blood: the politics of menstruation**. Houndmills: The Macmillan Press; 1990. 244p.
- MARINELLI, M. **Síndrome Pré-Menstrual: um problema de mulher**. Ribeirão Preto, 1995. [Dissertação – Mestrado - Escola de Enfermagem da Universidade Estadual de São Paulo].
- MARTIN, E. **The woman in the body: a cultural analysis of reproduction.**, Boston, Beacon Press, 1992. 320p.
- MILMAN, N.; CLAUSEN, J.; BYG, K.E. Iron status in 268 Danish women aged 18-30 years: influence of menstruation, contraceptive method and iron supplementation. *Ann Hematol*, 77:13-9, 1998.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde.** 2^a ed., São Paulo: Hucitec-Abrasco; 1993. 269p.
- NICOLSON, P. The menstrual cycle, science and femininity: assumptions underlying menstrual cycle research. *Soc Sci Med*, 41:779-84, 1995.
- PAUL, C.; SKEGG, D. C.; WILLIAMS, S. Depot medroxyprogesterone acetate – patterns of use and reasons for discontinuation. *Contraception*, 56:209-14, 1997. (abstract)
- PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. 2^aed., Newbury Park: Sage Publications; 1990. 532p.

- RIVERA, R.; ROUNTREE, W. Characteristics of menstrual problems associated with Norplant discontinuation: results of a multinational study. *Contraception*, 67:373-7, 2003.
- SCAMBLER, A.; SCAMBLER, G. Menstrual symptoms, attitudes and consulting behaviour. *Soc Sci Med.* 20:1065-8, 1985.
- SKULTANS, V. Menstrual symbolism in South Wales. In: BUCKLEY, T.; GOTTLIEB, A. (ed) **Blood magic** – the anthropology of menstruation. California, University of California Press, 1988. p. 137-60.
- SNOWDEN, R.; CHRISTIAN, B. (ed.). **Patterns and perceptions of menstruation: a World Health Organization International Study.** London: Martin's Press; 1983. 339p.
- SPEROFF, L.; GLASS, R. H.; KASE, N.G. **Clinical gynecologic endocrinology and infertility** 3^aed., Baltimore/London: Williams & Wilkins; 1983. 812p.
- STUBBLEFIELD, P.G. Menstrual impact of contraception. *Am J Obstet Gynecol*, 170:1513-21, 1994.
- TONKELAAR, I.; ODDENS, B. J. Preferred frequency and characteristics of menstrual bleeding in relation to reproductive status, oral contraceptive use, and hormone replacement therapy *Contraception*, 59:357-62, 1999.
- TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa:** construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes; 2003. 685p.
- ULIN, P.R.; ROBINSON, E.T.; TOLEY, E.E.; MC NEILL, E.T. **Qualitative methods: a field guide for applied research in sexual and reproductive health.** Family Health International, USA: 2002. 278p.

VIVEROS, M.; GOMES, F.; OTERO, E. Las representaciones sociales sobre la esterilización masculina. El punto de vista de los orientadores del servicio de vasectomía en la Clínica del Hombre, en Bogotá, Colombia. *Cad Saúde Pública*, 14(supl.1): 97-103, 1998.

WALKER, A. E. **The menstrual cycle** London: Routledge; 1997. 252p.

WESTPHAL, M. F.; BOGUS, C. M.; FARIA, M. M. Grupos focais: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil. *Bol Of Panam*, 120:472-81, 1996.

ZEIDENSTEIN, S.; MOORE, K (eds) - **Aprendiendo sobre sexualidad: una manera practica de comenzar** Santiago: Impressores Laser Ltda; 1999. 477p.

7. Bibliografia de Normatizações

FRANÇA, J.L.; BORGES, S.M.; VASCONCELLOS, A.C.; MAGALHÃES, M.H.A. – **Manual para normatização de publicações técnico-científicas**. 4^a ed., Editora UFMG, Belo Horizonte, 1998. 213p.

Normas e procedimentos para publicação de dissertações e teses. Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP. Ed. SAD – Deliberação CCPG-001/98 (alterada 2002).

8. Anexos

8.1. Anexo 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

“PERCEPÇÃO E SIGNIFICADO DA MENSTRUÇÃO PARA AS MULHERES”

NÚMERO DA PESQUISA: _____
NOME DA PARTICIPANTE: _____
IDADE: _____ anos completos.
..... RG: _____
ENDEREÇO: _____

Nesta data fui convidada a participar de uma pesquisa e fui informada, pela pesquisadora, de que:

- objetivo do trabalho é saber o que as mulheres pensam sobre a menstruação, porque hoje estão sendo usados métodos para evitar filhos que mudam a forma de menstruar .
- Minha participação consistirá em fazer parte de um grupo de mulheres que conversarão sobre o assunto, em uma única oportunidade.
- As conversas do grupo e o que eu disser serão gravados.
- As fitas gravadas, com as nossas conversas, serão usadas somente para a pesquisa e depois de cinco anos serão destruídas.
- Meu nome não aparecerá. Posso até usar outro nome que não o meu.
- As despesas de transporte que tiver serão pagas pelo estudo.

- Receberei R\$ 20,00 (vinte reais) pelo tempo que gastarei no grupo.
- benefício em participar da pesquisa será o contato com outras mulheres.
- assunto pode trazer recordações ou sentimentos que não quero.
- Tenho liberdade para me recusar a participar ou desistir a qualquer momento.
- Ninguém me pedirá para mudar de opinião
- Não sou obrigada a responder se não quiser.
- Estou livre para dizer tudo o que penso sobre menstruação, e para mudar de idéia durante o estudo.
- Estou livre para fazer perguntas sobre a pesquisa e pedir esclarecimentos e informações a qualquer momento.
- Caso queira saber alguma coisa ou tenha algum comentário, posso entrar em contato com a pesquisadora Maria Clara Estanislau do Amaral através dos telefones: 3788-8842, 3788-8820 (trabalho). .
- telefone do Comitê de Ética em Pesquisa do CAISM é 3788 8936, para contatar em caso de reclamações ou dúvidas.

É de livre vontade que concordo em participar do grupo que discutirá menstruação. Não estou sendo obrigada por ninguém a participar, mas sim porque quero. Concordo que meus comentários e opiniões sejam usados no estudo, desde que meu nome não apareça.

CAMPINAS, _____ de _____ de 2001

Pesquisador: Maria Clara Estanislau do Amaral

Participante do estudo

8.2. Anexo 2 - FOLHA DE INDICAÇÃO

NOME DE QUEM INDICOU: _____

ELO DE LIGAÇÃO (amiga, parente, vizinha) _____

ABORDAGEM: - Você pode nos indicar uma ou duas amigas ou conhecidas que morem em Campinas, com quem poderíamos entrar em contato para convidá-la a participar de um grupo focal (como este)? É preciso que sejam maiores de 21 anos, que já tenham tido relações sexuais, que menstruem e que não tenham problemas para engravidar.

INDICAÇÕES:

NOME: _____

IDADE: _____ TELEFONE: _____

ENDEREÇO: RUA _____ no. _____

CONTATOS :

1. DATA: _____ HORA: _____
RESULTADO: _____

2. DATA: _____ HORA: _____
RESULTADO: _____

DISPONIBILIDADE DE HORÁRIO:

DATA						
HORARIO	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
8 - 10:00						
10 - 12:00						
12 - 14:00						
14 - 16:00						
16 - 18:00						
18 - 20:00						

Local de preferência: _____

8.3. Anexo 3 - ROTEIRO PARA GRUPO FOCAL

ABORDAGEM INICIAL

Boa tarde a todas. Meu nome é Maria Clara, e antes de mais nada, gostaria de agradecer a cada uma pela gentileza de comparecerem a este encontro e por terem aceitado participar desta pesquisa. O tema que resolvi estudar diz respeito a todas nós, mulheres: a menstruação. Apesar de ser uma coisa tão familiar a cada uma de nós, pouco se tem estudado sobre o que as mulheres acham ou sentem a esse respeito, principalmente no Brasil. É por isso que as convidei para dividirem comigo seus pontos de vista. Antes de começarmos, quero colocar algumas coisas importantes:

Primeiro, temos aqui Fulana e Beltrana, que serão as relatoras do grupo, escrevendo tudo o que vocês falarem. Como é difícil escrever tudo, nós pedimos a vocês permissão para gravar a nossa conversa. Quero deixar claro que as fitas ficarão comigo; ninguém mais que não tenha a ver com este estudo terá direito de ouvi-las. O que conversarmos aqui será confidencial, e o nome de vocês nunca irá aparecer, apenas o que disserem, como foi dito no Consentimento Livre e Esclarecido que vocês assinaram. Neste sentido, Fulana e Beltrana quando anotarem usarão os números do crachá, e não os nomes. Se vocês falarem alto e uma de cada vez, será mais fácil entender a fita depois. Muito obrigada pela permissão.

Todas as opiniões que vocês disserem são importantes para o estudo. Não há respostas certas ou erradas. Por mais que achem bobo o comentário, ele será considerado precioso. Portanto, não tenham qualquer vergonha de falar o que pensam, pois é isso que trará riqueza à pesquisa. Também não temos a obrigação de chegar a uma opinião única; cada uma tem o direito de pensar diferente da outra. É a experiência de vocês que nos interessa.

AS PERGUNTAS

SIGNIFICADO DA MENSTRUACÃO

1. Já que vamos falar de menstruação, precisamos saber o que cada uma entende sobre esta palavra. Para vocês, o que é menstruação?
2. Qual é a primeira coisa que costuma aparecer quando pensamos: “eu menstruo”? (ou quando se pensa em menstruação)?
3. que as mulheres pensam sobre a menstruação? Como é, para a mulher, ficar menstruada? É bom, é ruim? Em geral, elas gostam ou não de menstruar? Como é que em geral as mulheres se sentem, quando menstruadas, em relação ao seu trabalho, à vida em casa, na sociedade? E vocês, como se sentem? Por que?
4. Todas as mulheres menstruam, ou não? Como é isso? (aprofundar feminilidade)
5. Algumas pessoas dão outros nomes para a menstruação. Quais vocês já ouviram falar? Quais os mais comuns? O que acham destes nomes? Por que será que dão esses nomes? por que não usam o nome menstruação? Qual o termo que a gente costuma usar nas conversas com outras pessoas? Ele varia conforme falamos com filha, ou mãe, ou amigas? Qual é o termo que a gente não usa? por que?

MITOS

6. O que as mulheres costumam fazer quando estão menstruadas? Existe ou não existe alguma coisa especial/diferente que deve ser feita ou que não deve ser feita durante a menstruação? O que? Por que? Quem ensinou isso? Vocês seguem ou seguiram? O que as mulheres acham disso hoje?

MENARCA

7. Como reagem as meninas, quando menstruam pela primeira vez? Vocês teriam alguma história para contar sobre como foi a primeira vez que alguém menstruou?
8. Na época de vocês, como era isso? De quem recebiam informação? Para quem contavam primeiro? Por que?
9. E como era a reação da família, quando as meninas menstruavam pela primeira vez?
10. O que se costuma saber de menstruação nessa época? Vocês acham que as mulheres estão preparadas, quando menstruam pela primeira vez? Com quem elas conversam a respeito das suas menstruações? E vocês?
11. Muda alguma coisa, na vida das meninas, depois que elas passam a menstruar? O quê?

SEXUALIDADE

12. Na opinião de vocês, o que as mulheres pensam das relações sexuais durante o período em que estão menstruadas? E como fica o desejo sexual da mulher nesse período? Dá mais vontade, menos vontade, - como funciona isso?

13. O que os homens acham das relações sexuais durante a menstruação? Eles procuram ou não a mulher para o sexo? Eles gostam, não gostam, ou não se importam? Por que?
14. Quando falamos de relação sexual, em geral todos pensam em termos de penetração. No entanto, como ficam as outras carícias, o “namoro” que faz parte da vida dos casais, durante os dias em que a mulher menstrua ?

MÉTODOS CONTRACEPTIVOS

15. Existem vários métodos que as mulheres usam para não engravidar, que mexem com a menstruação. A mulher pode sangrar menos ou mais dias, perder menos ou mais sangue, manchar a calcinha alguns dias do mês ou até mesmo parar de menstruar. Vocês já ouviram falar sobre isso, ou não? O que ouviram?
16. O que vocês acham de passar a sangrar mais quantidade por causa do método? E menos quantidade? Por que?
17. Existem casos em que o método de evitar filhos faz com que a mulher sangre por mais dias do que o habitual/comum/normal. O que vocês acham disso? Como as mulheres se sentem? Por que? E quando sangra menos dias?
18. Na opinião de vocês, o que pensam as mulheres sobre manchar a calcinha alguns ou vários dias por mês, como acontece no começo ou no fim da menstruação?
19. Há métodos que desregulam a menstruação: ela pode vir mais de uma vez no mês, e pode demorar meses para vir. O que vocês acham disso?
20. O que vocês acham que as mulheres pensam sobre os métodos que fazem a mulher parar de menstruar?
21. Na opinião de vocês, qual seria o método ideal para evitar a gravidez, então? Como deveria ser ele?
22. O que as mulheres, em geral, pensam dessa idéia que está aparecendo sobre deixar de menstruar de propósito? (Se algumas de vocês acham ruim menstruar, por que não parar de vez?)

MENOPAUSA

23. Existe um período na vida das mulheres em que elas param de menstruar. O que acham disso?

ENCERRAMENTO

24. Finalizando, depois de tudo o que conversamos: Na opinião de vocês, o que a menstruação significa para a mulher?
25. Gostariam de falar mais alguma coisa?

8.4. Anexo 4 - FOLHA DE ROSTO

GRUPO FOCAL : I II III IV V VI VII VIII

E: ___ I: ___ LOCAL: _____ DATA: _____

HORA início: _____ término: _____

FACILITADOR: _____ REDATORES: _____

Consentimento Livre e Esclarecido : LIDO: _____ ASSINADO: _____ RECIBO: _____

No.do crachá	NOME	Idade	Profissão	Estado civil	Método para não engravidar	Idade 1ª menstr.	Idade 1ª relações	Até quantos anos estudou	Religião
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									

OBSERVAÇÕES: _____

8.5. Anexo 5 - CHECK-LIST PARA GRUPO FOCAL

ATIVIDADES PROVIDENCIAR		GRUPO FOCAL							
		I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
1	Confirmar presença								
	C.L.E. – ler								
	- assinar								
2	Pilha para gravador								
	Testar gravadores								
3	Fitas K7 – 2/ gravador								
	Identificar as fitas								
4	- Lambiscos -								
5	Providenciar \$\$								
	Envelopes com \$								
6	Recibos -								
	-assinar-								
7	PASTA : 2 roteiros								
	Folha de rosto								
	C.L.E- 2 vias/ pessoa								
	Papel para anotar								
	Crachá,								
	Pincel atômico								
	Abordagem- introd.								
	Canetas – mínimo 2								
8	Relatoras – avisadas?								